



# AS CARTAS PARA DAWKINS

## DESAFIANDO MITOS ATEÍSTAS

DAVID ROBERTSON



## Comentários ateístas sobre o conteúdo de *As Cartas para Dawkins*

*‘Achei **Deus, um delírio** uma leitura bem deprimente porque a) os argumentos parecem mesmo banais e de forma alguma estimulantes b) só posso dar minha colaboração à religião, concordando com muitas das críticas feitas por ela.... Não posso realmente acreditar que alguém tão inteligente se valeria de argumentos tão preconceituosos e ingênuos. Pensei que estivesse perdendo algo. Você ajudou-me a perceber isso....’*

*‘Robertson é um estúpido. E não somente um ESTÚPIDO, mas um ESTÚPIDO perigoso. Um perdedor arrematado. Nunca tinha lido uma diatribe tão dogmática e viciada como esta. QUANDO TEÍSTAS COMO ROBERTSON realmente fornecerão alguma EVIDÊNCIA EMPÍRICA de si próprios — algo que possamos realmente examinar e dizer — ‘Ei! Sabem, pode haver um Deus, a se julgar por esta prova’?’*

*‘Bravo David Robertson! Você não só dedicou tempo para ler **Deus, um delírio**. Você também dedicou tempo para escrever um longo artigo acerca da sua reação e agora acrescenta esta discussão’.*

*‘Uau, esta é uma opinião inteligente e bem elaborada sobre o livro de RD. Posso ver que ela de fato mexeu com a maioria dos leitores deste site também, visto como foi postado 2 dias atrás e já tem 5 páginas de comentários, a maioria dos quais apenas declarando que o escritor desta nota está errado e tem uma mente lerda e estúpida. Eu adoro quando as coisas ficam agitadas. Por favor, mantenha-a!’*

*‘Impressiona-me que algumas das pessoas aqui se incomodem de debater sobre esse paspalhão do Robertson. Ele está claramente louco e fora da razão e da lógica. Se você debater com ele, pare de respeitar suas ilusões, por mais eloquência que ele coloque nelas, e, por favor, aborde-o com o escárnio e o desdém que merece. Dawkins recusa-se a debater esse tipo de bizarrice porque dá à pessoa mentalmente enferma a impressão de que verdadeiramente há algo para se discutir’.*

*‘Gostaria de agradecer a você pelas respostas articuladas a todas essas questões (que algumas vezes são hostis). Definitivamente, sou ateu, mas realmente aprecio um debate bom, saudável e bem escrito.’*

# AS CARTAS PARA DAWKINS

## DESAFIANDO MITOS ATEÍSTAS DAVID ROBERTSON

Traduzido do original em inglês  
*The Dawkins Letters* (2007)

Tradução: Vanderson Moura da Silva

Edição e Revisão: Felipe Sabino de Araújo Neto

Capa: Raniere Maciel Menezes

Primeira edição em português: 2008

Direitos para o português gentilmente cedidos pela *Christian Focus Publications* ao site *Monergismo.com*

# AS CARTAS PARA DAWKINS

## DESAFIANDO MITOS ATEÍSTAS DAVID ROBERTSON

### Sumário

|   |    |
|---|----|
| PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA.....                                   | 5  |
| CARTA INTRODUTÓRIA AO LEITOR .....                                  | 17 |
| PRIMEIRA CARTA: O MITO DA CONSCIÊNCIA MAIS ELEVADA.....             | 20 |
| SEGUNDA CARTA: O MITO DA BELEZA SEM DEUS.....                       | 25 |
| TERCEIRA CARTA: O MITO DA RACIONALIDADE E TOLERÂNCIA ATEÍSTAS ..... | 31 |
| QUARTA CARTA: O MITO DO DEUS CRUEL DO ANTIGO TESTAMENTO .....       | 37 |
| QUINTA CARTA: O MITO DO CONFLITO CIÊNCIA/RELIGIÃO .....             | 43 |
| SEXTA CARTA: O MITO DO DEUS CRIADO E DO UNIVERSO INCRIADO.....      | 50 |
| SÉTIMA CARTA: O MITO DO MAL INERENTE DA RELIGIÃO .....              | 57 |
| OITAVA CARTA: O MITO DA MORALIDADE SEM DEUS .....                   | 64 |
| NONA CARTA: O MITO DA BÍBLIA IMORAL .....                           | 72 |
| DÉCIMA CARTA: O MITO DO ABUSO RELIGIOSO INFANTIL.....               | 80 |
| CARTA FINAL AO LEITOR — POR QUE CRER? .....                         | 88 |

## PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

### O CRISTÃO CONTRA DAWKINS

Richard Dawkins é um intelectual do século passado. Não se trata de um juízo deliberado de valor. Trata-se de uma constatação baseada na natureza dos seus argumentos. Sua visão sobre como adquirimos conhecimento, sobre o que é ciência e sobre qual é a natureza da atividade científica foi amplamente discutida, refutada e devidamente inserida no meio, não no final, dos livros de história da filosofia. Até a emergência do seu modo de pensar na história ocidental, há um sem-número de contribuições de diversos sistemas filosóficos. E, depois dos primeiros que defenderam o modelo de ciência defendido por ele, variadas abordagens ingressaram no debate. Dawkins está meio século atrasado. Ou mais.

O leitor não se confunda. A tática de argumentação mais utilizada por Dawkins se aproxima muito mais da retórica – ou tal como a expressão cunhada certa vez, a arte de argumentar sem necessariamente ter razão – do que de uma elaboração lógica, coerente e, principalmente, consciente da contribuição de outros pensadores à discussão.<sup>1</sup> Constatar que Dawkins nada mais apresenta do que um ultrapassado ataque verborrágico à religião e, principalmente, ao cristianismo, não corresponde à tática que ele usa contra os teístas. Aqui a idéia não é o emprego deliberado de ofensas (tal como Dawkins faz) contra ele. A idéia de afirmar que Dawkins é um intelectual do século passado é justamente evitar isso e mostrar o que muitos ainda não perceberam: que a argumentação coerente, elaborada e que leve em consideração o que já se produziu no debate deve prevalecer sobre a retórica condescendente dawkinsiana.

Neste livro, David Robertson tenta apresentar da maneira mais clara possível a falta de rigor com que Dawkins constrói o seu ataque ao cristianismo. Muito mais poderia ter sido dito para demolir o edifício de falácias construído por Dawkins sobre o falso fundamento do naturalismo<sup>2</sup>, mas Robertson se contenta com uma refutação simples para atingir um público maior do que teria atingido se entrasse em uma discussão filosófica mais avançada. As teses de Dawkins se tornam claras ao longo da leitura deste livro, e não serão repetidas aqui.<sup>3</sup> Este prefácio tenta se concentrar em três perguntas que possuem extrema relevância para o cristão desejoso de saber como aplicar seu conhecimento do evangelho às questões intelectuais contemporâneas. O que significa a afirmação de que Dawkins representa um entendimento ultrapassado acerca da atividade científica? Por que ler uma refutação dirigida a argumentos tão

---

<sup>1</sup> Arthur Schopenhauer. *A Arte de Ter Razão: Exposta em 38 Estratagemas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

<sup>2</sup> Cf. Alvin Plantinga. *Warrant and Proper Function*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

<sup>3</sup> O leitor interessado deve consultar, obviamente, o original: Richard Dawkins. *The God Delusion*. London: Black Swan, 2006.

ultrapassados assim? Quais são as diretrizes gerais de uma abordagem distintamente cristã em relação a essas questões?

As páginas seguintes dedicam-se a uma exposição panorâmica com o propósito de auxiliar o leitor que esteja em busca de um aprofundamento na resposta a essas questões.

## **O cientista antiquado**

Cientistas em geral se preocupam com as suas atividades ‘práticas’ e evitam ao máximo visitas à filosofia da ciência. Filósofos da ciência em geral são cientistas que se dedicam a ‘vigiar’ o que os cientistas fazem e como eles justificam o que fazem. Uma das questões centrais da filosofia da ciência é: “o que é ciência?” e a resposta, tal como na maioria das questões filosóficas, não é uma frase simples que apresente uma solução final, mas sim uma série de respostas tentativas que propõem modelos diversos a respeito da ciência. Os modelos de ciência difundidos em boa parte das universidades e que passam a moldar a conduta dos cientistas, nos melhores casos, levam em consideração os pontos principais da filosofia da ciência mas, na maioria das vezes, dão o debate como encerrado.<sup>4</sup>

O cientista contemporâneo, assim, é, por inércia, antiquado. (Ou, em termos mais brandos, ‘conservador’). A não ser que faça alguma coisa a respeito, exercerá sua atividade pensando que essa maneira de operar é a única ou a melhor possível. Usando a desgastada analogia de Platão, o cientista contemporâneo vive em uma caverna e enxerga por sombras. Ultrapassar essa visão é possível, mas requer um certo esforço. Como o tempo é limitado, o que ocorre é que a maioria dos cientistas não se preocupa em questionar a própria natureza das atividades que executa. Um modelo específico de ciência é pressuposto e, em geral, encarado como ‘a’ ciência. Afinal, nem todos são filósofos e o mundo está cheio de problemas concretos que precisam ser resolvidos.<sup>5</sup>

Um desses modelos – na verdade, um dos mais antigos na área da filosofia da ciência, chamado ‘positivismo lógico’ – pressupõe que a ciência seja a forma de conhecimento objetivo que se restringe ao uso de proposições tautológicas (na formação de conceitos, por exemplo) e de verificação empírica. No começo do século XX esse modelo foi elaborado e defendido como um critério de demarcação para a ciência. Ciência consiste, segundo esse modelo, em conceitualização rigorosa com diversas implicações lógicas e, por outro lado, na exigência que as afirmações que não podem ser deduzidas diretamente de proposições e de conceitos básicos sejam verificadas

---

<sup>4</sup> Para livros introdutórios, ver Alan F. Chalmers. *O Que é Ciência, Afinal?* São Paulo: Brasiliense, 1993 e os mais recentes: Samir Okasha. *Philosophy of Science: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002; Peter Godfrey-Smith. *Theory and Reality: An Introduction to the Philosophy of Science*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

<sup>5</sup> Thomas S. Kuhn. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

externamente. Qualquer outro discurso fora desses parâmetros não é ciência.<sup>6</sup>

Os defensores dessa visão não demoraram muito tempo para perceber que o próprio critério de demarcação proposto por eles não é obtido por dedução pura nem é verificado empiricamente. Não obstante, com uma modificação ou outra, o positivismo se espalhou e passou a ser adotado como ‘o’ método científico. Desde que os cientistas aumentaram o seu grau de especialização e quase que abandonaram de vez a prática da análise filosófica, há um considerável descompasso entre as discussões na filosofia da ciência e a prática científica. Depois do positivismo, diversas formulações apareceram na filosofia da ciência, e o debate ainda continua.<sup>7</sup> Boa parte dos cientistas, todavia, permanece dentro da caverna – ou do laboratório – operando conforme os padrões mais antigos, ou adaptações deles.

É nesse contexto de comunicação cada vez menor entre os cientistas e os filósofos da ciência que Dawkins aparece com seu livro. Dawkins quer sair da caverna mas, ao chegar do lado de fora, não sabe lidar com o que enxerga. Tudo o que sabe sobre as questões meta-teóricas – isto é, as questões a respeito das teorias sobre teorias, ou a filosofia da ciência – é afetado pelo esquema filosófico em que ele foi treinado. O cientista finalmente tenta retornar à área da filosofia (o que é muito bom), mas se esquece de ler a respeito da filosofia. O intelectual do século passado cai de pára-quadras no mundo contemporâneo.

## O debate é atual

Dado o caráter antiquado e pouco original da argumentação de Dawkins, seria fácil simplesmente ignorar sua crítica ao cristianismo como irrelevante e obsoleta e, de fato, alguns acadêmicos cristãos reconheceram que esse curso de ação seria plenamente justificável. Para o renomado filósofo calvinista Alvin Plantinga, por exemplo,

Apesar do fato de seu livro ser em grande parte filosófico, Dawkins não é um filósofo (ele é biólogo). Entretanto, mesmo levando isso em conta, muito da filosofia que ele propaga é simplória, na melhor das hipóteses. Poderíamos dizer

---

<sup>6</sup> Cf. Moritz P. Schlick, ‘Positivismo e Realismo’, in: P.R. Mariconda (Org.) *Coletânea de Textos: Moritz Schlick, Rudolf Carnap*. 3.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988, pp.39-64 (Coleção ‘Os Pensadores’).

<sup>7</sup> Cf. p.ex. Karl R. Popper. *Conhecimento Objetivo: Uma Abordagem Evolucionária*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1972; Karl R. Popper. *Conjecturas e Refutações*. Brasília: UnB, 1994; Kuhn, *A Estrutura*; W.V.O. Quine, ‘Two Dogmas of Empiricism’, in: W.V.O. Quine. *From a Logical Point of View*. 3.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1980, pp.20-46; Imre Lakatos & Alan Musgrave (ed.) *Criticism and the Growth of Knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970; Imre Lakatos, ‘History of Science and its Rational Reconstructions’, ‘Replies to Critics’, *Boston Studies in the Philosophy of Science*, 1971, v.8, pp.91-136; 174-182; Paul K. Feyerabend. *Against Method: Outline of an Anarchistic Theory of Knowledge*. Atlantic Highlands: Humanity Press, 1975; Larry Laudan. *Progress and its Problems: Toward a Theory of Scientific Growth*. Berkeley: University of California Press, 1977; Roy Bhaskar. *A Realist Theory of Science*. Sussex: The Harvester Press, 1978; Bas C. van Fraassen. *The Scientific Image*. Oxford: Clarendon Press, 1980; Bruno Latour & Steve Woolgar. *Laboratory Life: The Construction of Scientific Facts*. Princeton: Princeton University Press, 1986; John Dupré. *The Disorder of Things: Metaphysical Foundations of the Disunity of Science*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993; Manuel de Landa. *Intensive Science and Virtual Philosophy*. New York: Continuum, 2002.

que suas “filosofadas” estão, no máximo, no nível de um estudante de primeiro período, mas isso seria injusto com os estudantes; a verdade é que muito de seus argumentos seriam reprovados numa aula de filosofia qualquer.<sup>8</sup>

Contudo, se por um lado a contribuição de Dawkins para um debate do século passado chega bastante atrasada e pouco filosoficamente informada, por outro, fora da academia, pode-se supor que o público em geral também não esteja em sintonia com a filosofia da ciência. Um indicador disso é o grande apelo que livros de divulgação científica adeptos do antigo modelo positivista têm no mercado. Com efeito, há nas ruas talvez uma aceitação quase que automática dos pressupostos naturalistas e secularizantes que informam esses livros populares. Se, na caverna dos laboratórios os cientistas têm negligenciado a reflexão acerca da atividade científica, nas escolas, então, o debate é praticamente ausente. Ora, como uma pequena parte da população se depara com alguma discussão mais rigorosa dos pressupostos por trás da ciência contemporânea, faz sentido afirmar que temos, assim, condições muito propícias para que o argumento de Dawkins encontre vasta repercussão em nossa cultura.

É, por isso, justificável evitar uma resposta mais detalhada a esses livros, mas, ao mesmo tempo, esse curso de ação abre ainda mais a porta para a aceitação e a reprodução das teses contidas neles. Chegamos a um ponto em que, inclusive, muitos cristãos colocam limites à inerrância da bíblia e justificam isso com a afirmação de que a bíblia não se propõe a ser um livro de física ou de biologia. Fascinados pelo avanço científico e tecnológico, muitos cristãos, por não terem acesso a uma visão alternativa e cristã a respeito dos mesmos assuntos, acabam abraçando uma espécie de pluralismo em que Dawkins com seu sistema ateu e totalizante é a verdade na ‘ciência’, e a bíblia com seu sistema teísta e igualmente totalizante é a verdade na ‘religião’, ou, no caso dos mais liberais, na ‘ética’.<sup>9</sup> Essa situação não pode continuar mais assim, porque respostas existem e estão disponíveis.

A contribuição de Robertson, com sua linguagem simples, concisa e pastoral é um acréscimo que deve ser recebido com alegria pelo leitor relativamente interessado. O livro não pretende lidar com as questões mais profundas a respeito de idéias distintas de ciência, e de uma abordagem cristã para a atividade científica. Não de uma maneira sistemática. O que Robertson quer é atingir o maior número de pessoas possível – ateístas inclusive – e, de preferência, utilizar sua contra-argumentação de uma maneira construtiva, abrindo portas para levar o evangelho a quem quer que leia o seu livro. Embora não aspire a uma abordagem completa e profunda de todos os assuntos em pauta, Robertson deixa claro que pretende questionar os mitos que Dawkins utiliza em seu livro, reconhecendo que muitos desses mitos têm feito parte da cultura pós-cristã

---

<sup>8</sup> Alvin Plantinga, ‘Dawkins, uma Confusão: Naturalismo ad Absurdum’. Disponível em: [http://www.monergismo.com/textos/apologetica/dawkins-confusao\\_alvin-plantinga.pdf](http://www.monergismo.com/textos/apologetica/dawkins-confusao_alvin-plantinga.pdf)

<sup>9</sup> Na verdade, essa tese foi popularizada pelo ateu Stephen J. Gould. Dawkins exemplifica um ateu que rejeita essa tese, e Robertson a rejeita também. Cf. Gould. *Rocks of Ages: Science and Religion in the Fulness of Life*. New York: Ballantine, 1999.



contemporânea, e que é preciso tirar a máscara desses mitos porque já tem se tornado difícil adotar uma postura crítica a respeito dessas concepções. Diz ele:

Como cristão profundamente comprometido, fico perturbado com os ataques que Dawkins faz a Deus e à Bíblia, bem como admirado por seus ataques serem levados tão a sério. Acredito que ele esteja apelando, não à inteligência e ao conhecimento do povo, mas, antes, à ignorância desse.<sup>10</sup>

### **Uma visão distintamente cristã**

Que a concepção de Dawkins a respeito da ciência é um tanto quanto antiquada já foi afirmado e repetido aqui. Demonstrar essa afirmação é simples e requer somente um exame do desenvolvimento da filosofia da ciência nas últimas décadas. Como o espaço não permite, basta que o leitor interessado seja remetido a uma série de textos fundamentais sobre o assunto e que, além disso, fique claro que diversas das refutações ao modelo de ciência pressuposto por Dawkins foram enfáticas no questionamento da idéia de que é possível extrair conhecimento a partir de experimentação objetiva.<sup>11</sup> A observação não está – nem pode ficar – livre de pressupostos e, portanto, a exigência de que disputas sejam resolvidas mediante experimentação empírica ignora uma questão que a antecede: existem dados brutos, neutros?

A resposta recorrente encontrada por diferentes argumentos e diversas linhas de pensamento é negativa. O modelo do cientista que observa o mundo exterior e tira dali suas conclusões é, no mínimo – e generosamente falando – incompleto, mas, quase certamente, errado. As visões alternativas sobre como a ciência funciona, todavia, diferem quanto ao conteúdo dos pressupostos com que os cientistas encaram seu objeto de estudo. Se, por um lado, prestam um favor a uma abordagem cristã ao criticar a concepção positivista da ciência, por outro, propõem soluções mutuamente excludentes a respeito da natureza e da justificação do conhecimento científico ou mesmo abandonam qualquer tentativa de resposta.

Talvez a diferença mais básica entre uma visão cristã da ciência e a crítica pós-positivista seja a desconfiança da primeira em relação a qualquer sistema que atribua ao homem a capacidade de raciocinar autonomamente do ponto de vista religioso. Em outras palavras, o cristianismo nega que haja qualquer forma de se desvencilhar de pressupostos religiosos na formulação de argumentos filosóficos e científicos. É nesse ponto começa a crítica cristã aos demais sistemas teóricos em diversas áreas do conhecimento, incluindo a perniciosa síntese do cristianismo com outros sistemas filosóficos, notadamente aquele derivado do paganismo clássico.

---

<sup>10</sup> Robertson, p.19.

<sup>11</sup> Ver a nota 7.

## *Crítica Transcendental e Argumento Transcendental*

Uma abordagem cristã a respeito da ciência nega a possibilidade de neutralidade religiosa no raciocínio teórico. Historicamente, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo tentaram rever suas posturas acerca do pensamento teórico diante das propostas filosóficas pagãs provenientes da Grécia clássica. Tanto a teologia medieval como as suas aplicações filosóficas adotaram um movimento de síntese em relação à filosofia grega.<sup>12</sup> Isso fica bastante evidente na maneira que os filósofos medievais tinham de encarar a apologética. A defesa da fé partindo da teologia natural (tais como as célebres ‘cinco vias’ de Tomás de Aquino, por exemplo), embora tenham se diferenciado suficientemente dos sistemas propostos por Platão e por Aristóteles, ecoaram diversas das características desses sistemas, sendo a mais importante delas o pressuposto da autonomia do pensamento teórico. Na teologia natural romanista, o raciocínio é considerado como um ponto de contato religiosamente neutro entre o cristão e o incrédulo, e o argumento apologético, supõe-se, ocorre sempre nesse terreno comum.<sup>13</sup>

A postura sintética do pensamento medieval foi rejeitada pelo humanismo renascentista. A ruptura não aconteceu de maneira repentina, mas a tendência geral da filosofia influenciada por esse movimento foi anti-sintética. Tanto o empirismo de Bacon, Hobbes, Locke, Berkeley, Hume quanto o racionalismo de Galilei, Descartes, Spinoza, Kant e outros refletiram, historicamente, uma defesa da idéia da autonomia do pensamento teórico. Mas, ao mesmo tempo, esse pensamento rompeu com o pensamento sintético de antes. O ideal humanista, depois transformado pelo iluminismo, é romper o máximo possível com qualquer idéia de transcendência. O resultado dessa mudança na forma de pensar, no longo prazo, ficou claro no recuo do cristianismo para a esfera da fé. Aliás, ficou claro na separação rígida entre fé e razão, entre religião e ciência.<sup>14</sup>

Os pensadores reformados entenderam que era preciso proclamar novamente a relevância do cristianismo em todas as esferas, inclusive na intelectual. A preocupação principal da reforma com a teologia propriamente dita e suas diversas aplicações no culto e na vida social não levaram de imediato a um questionamento maior do sistema filosófico sintético. A apologética luterana até o século XVI (pelo menos) manteve-se fortemente ligada à teologia natural católica, embora a bíblia tivesse ganhado maior ênfase nas confissões luteranas.<sup>15</sup> Apesar disso, a Confissão de Fé de Westminster,

---

<sup>12</sup> Herman Dooyeweerd. *Transcendental Problems of Philosophic Thought: An Inquiry into the Transcendental Conditions of Philosophy*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1948, pp.59-77.

<sup>13</sup> Para um exemplo de apologética tomista, ver Norman Geisler & Peter Bocchino. *Fundamentos Inabaláveis*. São Paulo: Vida, 2003.

<sup>14</sup> Dooyeweerd, *Transcendental Problems*; Francis Schaeffer. *A Morte da Razão*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002; Michael Hardt & Antonio Negri. *Empire*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2000, pp.67-92.

<sup>15</sup> Cf. A primeira parte de Michael Sudduth. *The Reformed Objection to Natural Theology* [s.l.]: Ashgate, no prelo.

concluída no meio do século XVII, já aponta para uma diferenciação substantiva entre a teologia baseada na revelação geral de Deus e aquilo que se pode afirmar com base na revelação especial nas Escrituras:

Ainda que a luz da natureza e as obras da criação e da providência de tal modo manifestem a bondade, a sabedoria e o poder de Deus, que os homens ficam inescusáveis, contudo não são suficientes para dar aquele conhecimento de Deus e da sua vontade necessário para a salvação; por isso foi o Senhor servido, em diversos tempos e diferentes modos, revelar-se e declarar à sua Igreja aquela sua vontade; e depois, para melhor preservação e propagação da verdade, para o mais seguro estabelecimento e conforto da Igreja contra a corrupção da carne e malícia de Satanás e do mundo, foi igualmente servido fazê-la escrever toda.<sup>16</sup>

O argumento reformado a respeito da razão foi elaborado de forma mais detalhada principalmente mais tarde, depois das contribuições de Abraham Kuyper, de seus sucessores (Dooyeweerd e Vollenhoven na Holanda; Van Til nos Estados Unidos) e de alguns outros pensadores cristãos (por exemplo, Clark, Schaeffer e, mais recentemente, Plantinga) que adotaram uma postura de questionamento em relação à filosofia cristã sintética. Pelo menos dois pontos podem ser ressaltados.<sup>17</sup>

Primeiro – e seguindo as afirmações da teologia reformada – a queda do homem influenciou significativamente seu relacionamento com Deus. Muito mais do que o que a teologia tomista e a filosofia cristã sintética supunham. A queda representa rebelião completa contra Deus, inclusive na área do raciocínio e do pensamento teórico. Um dos principais pressupostos da filosofia cristã anti-sintética é exatamente isso que Plantinga chama de ‘efeito noético do pecado’.<sup>18</sup> Por isso uma apologética que pressuponha a área do raciocínio como religiosamente neutra não é eficaz, porque se orienta a partir de uma visão equivocada a respeito do estado do homem. Por isso uma ciência que pressuponha a autonomia do pensamento teórico não consegue ir muito longe se quiser permanecer fiel a esse pressuposto.

Se a queda do homem afeta necessariamente o raciocínio, então, não há como se desvencilhar de fatores pré-teóricos ou, em um sentido mais amplo do termo, religiosos na ciência. Colocando de forma geral, o homem encontra-se ou em rebelião contra Deus, ou restaurado pela graça salvadora e em processo de santificação em todas as áreas de sua vida, inclusive em sua visão de mundo. Uma crítica transcendental ao

---

<sup>16</sup> Assembléia de Westminster. *Confissão de Fé*, I, 1. Observe-se que a Confissão somente ilustra a separação mais rígida mencionada acima. Para mais detalhes, Cf. Sudduth, *The Reformed Objection*.

<sup>17</sup> Cf. p.ex. Abraham Kuyper. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002; Herman Dooyeweerd. *In The Twilight of Western Thought: Studies in the Pretended Autonomy of Philosophical Thought*. Ed.Rev. Nutley: The Craig Press, 1980; Dirk Vollenhoven. *Introduction to Philosophy*. Sioux Center: Dordt Press, 2005; Kornelis A. Bril. *Vollenhoven's Problem-Historical Method: Introduction and Explorations*. Sioux Center: Dordt Press, 2005. Cornelius van Til. *A Survey of Christian Epistemology*. Phillipsburg: Presbyterian & Reformed Publishing, [s.d.]; Gordon H. Clark. *A Christian View of Men and Things*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1952; Schaeffer. *A Morte da Razão*; Alvin Plantinga. *Warranted Christian Belief*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

<sup>18</sup> Alvin Plantinga, ‘On Reformed Epistemology’, *The Reformed Journal*, 32, 1982. Cf. Stephen K. Moroney, ‘How Sin Affects Scholarship: A New Model’, *Christian Scholar's Review*, 38, 1999.

pensamento teórico – isto é, um exame das condições necessárias para o raciocínio teórico – mostra que a abstração é uma condição necessária da prática científica e que ela se baseia sempre em condições pré-teóricas. Provém de uma escolha religiosa do pesquisador.<sup>19</sup>

Isso leva à segunda lição ensinada pelos filósofos reformados. O que é necessário para um cristão é entender que ele não precisa se sujeitar à visão de mundo rebelde do ‘velho homem’. O chamado para a santificação é um chamado, também, para a restauração da comunhão com o Criador na esfera intelectual da vida.<sup>20</sup> Há pelo menos três estímulos que devem incentivar o cristão nessa esfera. Primeiro, existe uma ordem bíblica para tal. Deve existir submissão completa a Cristo, ‘anulando sofismas’ e ‘levanto cativo todo pensamento à obediência de Cristo’ (2 Cor. 10:4-6).<sup>21</sup> Em segundo lugar, quem conhece Jesus, conhece a verdade (Jo. 14:6-7; 8:32). Talvez não exista um incentivo maior do que a certeza da verdade absoluta do pressuposto básico da existência de um Criador e Redentor que Se revela de maneira especial na Sua palavra. Em terceiro lugar, a visão de mundo rival não se sustenta sozinha (Rm. 1:22-25; 2 Tm. 3:7-9). Tal como Van Til sugeriu com seu argumento transcendental pela visão de mundo cristã, para qualquer argumentação racional é preciso que o ateu pressuponha pelo menos partes do sistema cristão.<sup>22</sup> Isso quer dizer que, tentando derrotar o sistema cristão, pessoas como Dawkins precisam, *antes* de argumentar, *afirmá-lo* de certa forma.

Quantos incentivos existem para o cristão deixar de ser intelectualmente rebelde e passar a mostrar obediência também no seu pensamento teórico! O conhecimento teórico tem, por objeto, a criação de Deus. A Sua palavra nos chama para essa obediência. A transformação pela qual passamos após a conversão nos aproxima mais do Criador e do entendimento que Ele tem a respeito da criação. A cosmovisão alternativa se auto-destrói. Isso quer dizer, basicamente, que existe um mandamento a ser obedecido, mas também uma provisão para o sucesso, venha ele cedo ou tarde, caso nos coloquemos no caminho certo.

### **Dawkins de novo**

Os pontos de partida de um sistema teórico cristão e anti-sintético, assim, diferem dos pontos de partida dos sistemas não-cristãos. Robertson entende isso muito bem e deixa claro que mesmo Dawkins e seus companheiros, apesar de acreditarem na autonomia da razão, na verdade, também partem de pressupostos:

---

<sup>19</sup> Dooyeweerd, *Transcendental Problems*, pp.15-55; Herman Dooyeweerd. *In The Twilight*.

<sup>20</sup> Cornelius van Til. *A Christian Theory of Knowledge*. Phillipsburg: Presbyterian & Reformed Publishing, 1961.

<sup>21</sup> Cf. Sl.139:17; Rm 12:2.

<sup>22</sup> Cornelius van Til. *The Defense of the Faith*. Phillipsburg: Presbyterian & Reformed Publishing, 1967.

A diferença não é em termos de ciência, mas em termos de filosofia e crença. O perigo da posição que o senhor está defendendo é que quer enfiar uma cunha entre a ciência e a religião para se ajustar à sua própria filosofia (certamente, nisso o senhor se junta a alguns fundamentalistas religiosos). Mas a sua posição é filosófica, não científica. Pondo em termos mais claros, o motivo pelo qual o senhor é um ateu não é porque é levado pelo fato científico, mas porque é a sua filosofia. O senhor usa a ciência para justificá-la, mas muitas pessoas religiosas também utilizam a ciência para justificarem a posição delas. A questão não é a ciência mas, antes, as pressuposições que trazem a esta<sup>23</sup>.

Robertson vai ainda mais longe, mostrando que Dawkins não somente nega, na prática, a tese da autonomia da razão, como também avança ainda mais em sua atitude religiosa ao sugerir que a metodologia contida na sua visão de mundo naturalista deve ser aquela utilizada na discussão. ‘Sugiro’, diz ele, ‘que a existência de Deus é uma hipótese científica como outra qualquer’.<sup>24</sup> Mas, para Dawkins, por pressuposto, ‘não há nada além do mundo natural, físico’.<sup>25</sup> Assim, por conseqüência, o único tipo de evidência que pode ser utilizado é de ordem ‘natural’ e ‘física’. Dawkins mesmo admite que evidências ‘físicas’ poderiam ser consideradas no debate, enquadrando-se no seu método como ‘hipótese científica como outra qualquer’:

Será que Jesus teve um pai humano ou que sua mãe era virgem quando ele nasceu? Havendo ou não material que sobrou para decidir, ainda se trata estritamente de uma questão científica com uma certa resposta em tese: sim ou não. Será que Jesus ressuscitou Lázaro? Será que ele mesmo ressuscitou três dias depois de ter sido crucificado? Há uma resposta para cada uma das questões desse tipo, consigamos ou não descobri-las na prática, e é estritamente uma resposta científica. Os métodos que deveríamos utilizar para resolver essa questão, no caso improvável de alguma evidência aparecer, seria por métodos pura e inteiramente científicos.<sup>26</sup>

Mas Dawkins também confessa que, ‘se há algo que aparentemente tende para além do mundo natural tal como ele é imperfeitamente compreendido atualmente, nós [naturalistas] esperamos eventualmente compreender essa coisa e acomodá-la ao natural’.<sup>27</sup> Fica claro, então, que todo ‘dado’ é filtrado por uma visão de mundo, e não refuta nem apóia uma tese por si só. Como o teólogo McGrath diz, ‘sem aparentemente percebê-lo, Dawkins simplesmente trata as evidências como algo a ser espremido no seu arcabouço teórico’.<sup>28</sup>

Dawkins vai ainda mais além, ao querer explicar todos os aspectos da vida a partir de sua redução desses aspectos a aspectos químicos e físicos. Ele pensa ser

---

<sup>23</sup> Robertson, pp.28.

<sup>24</sup> Dawkins, *The God Delusion*, p.72.

<sup>25</sup> Dawkins, *The God Delusion*, p.35.

<sup>26</sup> Dawkins, *The God Delusion*, p.83.

<sup>27</sup> Dawkins, *The God Delusion*, p.35.

<sup>28</sup> Alister McGrath (Com J.C. McGrath). *The Dawkins Delusion? Atheist Fundamentalism and the Denial of the Divine*. London: SPCK, 2007, p.xii.

preciso prover uma explicação para a existência de religiões, mesmo apesar dos ‘dados’ e da ‘ciência’ indicar que não há qualquer base para crenças religiosas. Ao tentar fazê-lo, Dawkins reduz o comportamento de crer em proposições religiosas a mecanismos evolucionários. Robertson comenta o efeito:

O senhor afirma que os naturalistas crêem que tudo é físico. Penso em um químico altamente inteligente que quando desafiado sobre isso admitiu que amor, ódio, beleza, espiritualidade etc. eram tudo, por fim, ‘só’ reações químicas. Isso me parece um ponto de vista minimalista e profundamente deprimente do universo e da vida humana. Naturalmente, se o senhor não pôde prová-la, bem como comprovar que não havia nenhum Deus pessoal, então acho que teríamos de conviver com isso. Mas o senhor não pode. A sua hipótese de que o universo é somente físico é uma hipótese, e uma hipótese que é grandemente baseada em auto-ilusão (*wishful thinking*). Na verdade, a sua posição é uma espécie de ‘ciência das brechas’: há certas coisas que o senhor observa, não consegue realmente explicá-las de forma científica e não quer recorrer à explicação delas de modo espiritual (pois que o senhor tem uma pressuposição filosófica básica de que nada existe senão a matéria), assim, em vez de deixar algumas brechas (através das quais algum pequeno deus possa entrar furtivamente), o senhor basicamente expande o seu conhecimento científico para que ele vire a teoria de tudo – e, convenientemente, deixa de fora todas as coisas que não caibam naquela caixa. Ironicamente, isso mesmo de que acusa os cristãos de fazerem com Deus, pondo-o dentro de uma caixa, é algo que o senhor está em risco de fazer com a ciência, criando um conceito humano baseado em suas pressuposições anti-religiosas as quais, embora tencionadas para excluir Deus, na verdade, termina com caixas na ciência.<sup>29</sup>

Em suma, os pressupostos de Dawkins excluem a possibilidade da existência de Deus desde o começo, isto é, dá a resposta à sua hipótese antes mesmo que ela seja demonstrada. Com sua metodologia, seguindo esses pressupostos, Dawkins também fecha os olhos para todas as anomalias que sejam incompatíveis com a sua cosmovisão. Por fim, ele a leva às últimas conseqüências ao reduzir todos os aspectos da vida aos processos evolucionários. O que sobra é uma narrativa totalizante que explica toda a origem e manutenção do universo a partir de um pressuposto pré-teórico. Temos, aqui, a confissão de fé da religião do evolucionismo ateu. Assim, Robertson comenta para Dawkins: ‘estou ficando cada vez mais convencido de que a sua posição é, primeiramente, uma posição filosófica e religiosa, não uma a que se é levado pela ciência’.<sup>30</sup>

Robertson, por sua vez, também enxerga os ‘dados’ a partir de pressupostos pré-teóricos. Mas no caso, são princípios bíblicos. Para ele, ‘não se pode explicar a beleza ou o mal, a criação ou a humanidade, o tempo ou o espaço, sem ele. Ou até pode, mas à minha mente a explanação materialista e ateuista é emocional, espiritual e, sobretudo, intelectualmente inadequada. Na verdade, ser ateu exige uma grande dose de fé’.<sup>31</sup> Robertson mostra, ainda, como que a cosmovisão cristã e a cosmovisão de Dawkins interpretam a mesma realidade de formas distintas:

---

<sup>29</sup> Robertson, p.29.

<sup>30</sup> Robertson, p.31.

<sup>31</sup> Robertson, p.26-27.

E, por fim, algo em que podemos concordar: ‘Um universo no qual, com exceção de outras inteligências lentamente evoluídas, estejamos sós, é um universo muito diferente daquele com um agente condutor original cujo desígnio inteligente é responsável pela existência mesma daquele’. Eu vivo em um universo criado por um Deus pessoal, o Deus de misericórdia, lógica, justiça, bondade, verdade, beleza e amor, o Deus cujos propósitos e intenções são boas. O senhor vive em um universo que surgiu de lugar nenhum, está indo a lugar nenhum e não significa coisa nenhuma.<sup>32</sup>

Por implicação, algumas das coisas que Dawkins pressupõe em sua maneira de fazer ciência pertencem, na verdade, não ao mundo modelado pelo ateu materialista, e sim ao mundo modelado pelo cristão. Para alguém que só crê no material, não faz sentido sequer argumentar. Porque, se o mundo é como ele afirma, então tudo o que existe é matéria. Mas a lei da não contradição ou o princípio do terceiro excluído são não-materiais. Sendo assim, como pode Dawkins tentar estabelecer a falsidade da ‘hipótese da existência de Deus’? Para isso, ele precisa pressupor a visão de mundo rival, na qual faz sentido falar em unidade e diversidade, em sentido e propósito, em leis da lógica, mas também, em coisas materiais. Se é tudo aleatório, como pode ele pressupor regularidade ao postular que a evolução se dá de tal e qual forma regular no passado? Essas e outras questões fazem a cosmovisão de Dawkins se destruir.

### Comentários Finais

A posição de Dawkins acerca do que a ciência é e de como ela funciona é refutada por sua própria prática científica. Cientistas não são pessoas que aprenderam a fazer o uso objetivo e neutro da razão e a lidar com ‘dados’ brutos, primeiramente, porque não existe neutralidade. Existe rebelião contra Deus ou obediência a Ele, mesmo na ciência. E, em segundo lugar, não existem ‘dados’ brutos, e sim ‘dados’ filtrados à luz de alguma visão de mundo. Além disso, a visão apresentada por Dawkins a respeito da crença em Deus e de outros fenômenos culturais é uma visão religiosa *em si*. Além de ser problemática por reduzir tudo a processos físicos e químicos como parte da evolução do homem, trata-se do resultado de pressupostos pré-teóricos. O livro de Dawkins em si funciona como uma ilustração dessas considerações.

Os cristãos têm cedido muito terreno para pessoas como Dawkins, ao concordarem com ele sobre essa visão da ciência. McGrath, por exemplo, perde força em seu argumento, ao aceitar o pressuposto de autonomia no raciocínio, exigindo que Dawkins seja coerente com a demanda de se analisar a evidência sem qualquer viés.<sup>33</sup> Isso é algo produtivo, mas somente no sentido de se jogar os pressupostos da cosmovisão rival contra ela mesma. Como analisar evidência sem qualquer viés é impossível, logo, a visão que exige isso é igualmente impraticável. Mas, infelizmente, não é nesse sentido que McGrath emprega sua exigência. Ele realmente entende que ‘a

---

<sup>32</sup> Robertson, p.42.

<sup>33</sup> McGrath. *The Dawkins Delusion?*, pp.35; 44.

verdade é determinada (...) pelo que a evidência científica, empírica indica – goste Dawkins disso ou não'.<sup>34</sup> Em um livro que, em outros aspectos, é excelente, McGrath revela ainda uma grande lacuna no método de apologética que tem sido utilizado em discussões desse tipo. É preciso parar de pensar em termos de terreno comum na razão autônoma e questionar a própria visão secularizante da ciência que acompanha esse pressuposto.

O que o cristão que deseja se envolver mais com estas questões precisa fazer é buscar um entendimento mais crítico acerca da prática científica e não acreditar à primeira vista naquilo que os cientistas *afirmam* que fazem. A segunda coisa é procurar informar-se sobre as formulações cristãs a respeito da ciência. O chamado do cristão na área intelectual não é simplesmente o de ser um aluno aplicado ou um professor honesto. Vai muito além disso. É um chamado para transformar sua visão a respeito da esfera intelectual. Um grande incentivo é saber que seu conhecimento acerca da verdade revelada na palavra de Deus coloca-o em vantagem em relação àqueles que não conhecem a Verdade que liberta. Um outro incentivo é considerar que a visão de mundo alternativa se auto-destrói.

O cientista na sociedade contemporânea é provido de bastante poder. As pessoas atribuem grande credibilidade ao discurso dos especialistas. A ciência é, então, claramente, uma área de extrema relevância para a atuação do cristão. A tarefa de reconstruir a ciência à luz do cristianismo é tão árdua quanto a tarefa de reconstruir a sociedade ou mesmo a igreja.<sup>35</sup> Não obstante, a igreja reformada está em constante reforma, assim como deve ocorrer com uma sociedade em que o cristianismo volte a ser relevante em cada esfera da vida, inclusive na esfera intelectual. O resultado pode demorar, mas é preciso que haja um esforço inicial. Um bom começo é buscar uma mudança de atitude em relação à vida intelectual. Tudo isso, evidentemente, não pode ser dissociado da proclamação do evangelho e da glória de Deus como o objetivo maior. Deus com certeza é glorificado quando o cristão procura ser cristão em todas as áreas (e não somente na esfera religiosa ou ética) e quando a defesa da fé passa a apontar para Jesus como Aquele que transforma o pecador rebelde em um filho obediente de Deus, inclusive na esfera intelectual. Robertson, com este livro, faz sempre uma coisa sem perder de vista a outra.

Lucas Grassi Freire  
Exeter, 1º de abril de 2008

---

<sup>34</sup> McGrath. *The Dawkins Delusion?*, pp.60.

<sup>35</sup> Gary North (ed.) *Foundations of Christian Scholarship*. Vallecito: Ross House, 1976; Louis Berkhof & Cornelius van Til. *Foundations of Christian Education*. Phillipsburg: Presbyterian & Reformed, 1990.



## CARTA INTRODUTÓRIA AO LEITOR

Caro Leitor:

A obra que você está lendo é uma coleção de cartas abertas críticas escritas em resposta ao Professor Richard Dawkins no inverno de 2006/7 a respeito de seu livro *The God delusion* [*Deus, um delírio*<sup>36</sup>]. Richard Dawkins é um brilhante e bem conhecido cientista britânico. Ele ocupa a cadeira *Charles Simonyi Professor of the Public Understanding of Science* da Universidade de Oxford<sup>37</sup> e é um dos maiores popularizadores da ciência. Entretanto, nos últimos anos, ficou mais bem conhecido como o mais famoso ateu britânico. Suas obras mais recentes tomaram uma posição anti-religiosa cada vez mais estridente e militante, sendo seu livro anterior, *A Devil's Chaplain* [*Um Capelão do Diabo*], o qual é uma coleção de ensaios, muitos dos quais atacando as crenças religiosas<sup>38</sup>, seguido por esse, seu trabalho mais importante.

*Deus, um delírio* chegou aos mercados americano e britânico numa época em que a religião nunca esteve tão longe das primeiras páginas. Para aqueles que cresceram no pensamento dos anos 1960 — de que estavam testemunhando os espasmos de morte da religião — ele é uma revelação e uma preocupação de que a 'marcha do progresso' parece ter sido impedida pelo ressurgimento da religião e da superstição 'irracional'. Há considerável preocupação de que o 11 de setembro e a ascensão do fundamentalismo islâmico está sendo rivalizada por um crescimento do fundamentalismo cristão. Na Europa isso é visto como um fator motivador significativo na 'Guerra contra o Terror'. Nos EUA, parece haver o início de uma reação contra o perceptível poder da Igreja Cristã. É neste clima de hostilidade, confusão religiosa e medo que o toque do clarim de Dawkins aos ateístas para 'aparecerem' e se organizarem é dirigido. É uma mensagem que está sendo bem recebida por muitos e despertando considerável interesse. *Deus, um delírio* tem estado na lista de *bestsellers* do New York Times há vários meses e está bem em vias de chegar a um milhão de vendas na Grã-Bretanha. Isso a despeito de um número significativo de críticas negativas e hostis (nenhuma delas, absolutamente, de protagonistas religiosos). É um livro poderoso e bem escrito, o qual, não obstante suas muitas fraquezas, está tendo uma influência considerável.

Está também gerando uma réplica. Alister McGrath e sua esposa, Joanna, publicaram *The Dawkins Delusion?*<sup>39</sup> [*O Delírio de Dawkins*<sup>40</sup>] em resposta. Muitos artigos, colunas de jornal e ensaios críticos já foram escritos. Sendo assim, por que acrescentar a eles este livrinho? Tem havido várias reações acadêmicas às várias

---

<sup>36</sup> Traduzido e publicado pela Companhia das Letras. (N. do T.)

<sup>37</sup> O nome da cadeira (cujo primeiro ocupante é justamente Richard Dawkins) homenageia o seu financiador, o filantropo húngaro-americano Charles Simonyi. (N. do T.)

<sup>38</sup> Weidenfeld and Nicholson (2003).

<sup>39</sup> *The Dawkins Delusion?* SPCK (2007).

<sup>40</sup> Traduzido e publicado pela Editora Mundo Cristão. (N. do T.)

acusações feitas por Dawkins e estou certo de que haverá mais. Todavia, para muitos o prejuízo estará feito, e aqueles que não lêem livros acadêmicos ainda serão deixados com as impressões e os mitos. Por outro lado, haverá aqueles que, de uma perspectiva religiosa, têm uma espécie de reação de quem toma uma pancada no joelho, respondendo a Dawkins com o mesmo tipo de veemência. Embora isso possa atrair os do círculo deles, é improvável que faça algo além de reforçar a impressão de que os religiosos estão iludidos. E, naturalmente, haverá muitos que acharão que isso deve ser apenas deixado de mão e ignorado. Afinal de contas, já existiu algo que se assentasse por discussão? Suspeito que você não seja desse último contrato, caso contrário não estaria lendo este livro.

Dado que tem havido e haverá muitas réplicas, por que adicionar a elas esta coleção de cartas? Creio que a resposta é que, simplesmente, muita gente não terá o tempo, a inclinação ou o dinheiro para ler acerca de cada um dos assuntos que Dawkins cobre. Meu objetivo é apresentar uma réplica pessoal a Dawkins e fazê-lo de uma perspectiva ampla e pessoal. Meu objetivo não é converter, nem insultar, tampouco defender. Antes, desafiar alguns dos mitos básicos que Dawkins utiliza e incentiva em seu livro, a fim de que você possa pensar e refletir em tais coisas por si mesmo. Se você está interessado em ler sobre ou até debater mais sobre esses tópicos sumamente importantes, então você encontrará no fim uma lista de leitura e algumas sugestões.

Uma palavra acerca do estilo destas cartas. Alguns julgarão que elas são iradas demais, outros, que não são iradas o bastante; alguns questionarão se o humor é apropriado, outros perguntarão, 'que humor?!' Será útil lembrar que estas são cartas pessoais, não um discurso acadêmico, nem um exercício de gramática inglesa.

Sou profundamente grato àqueles que leram e comentaram as cartas (as mágoas de um amigo são fiéis!). Em particular, gostaria de agradecer ao Dr. Elias Medeiros, a Bill Schweitzer, Dr. Grant Macaskill, Dr. Iain D. Campbell, Gary Aston, Dr. Deuan Jones, David Campbell, Dr. Sam Logan, Will Traub, Dr. Cees Dekker, Nigel Anderson, Dr. Phil Ryken, Iver Martin, Alex Macdonald, Alastair Donald e Dr. Ligon Duncan. Quer cientistas, filósofos ou teólogos, britânicos, americanos ou europeus, vocês todos me incitaram, encorajaram e estimularam. Sou particularmente grato ao meu editor, Dr. Bob Carling, cuja paciência e sugestões foram inestimáveis. A responsabilidade final pelo que está escrito, incluindo quaisquer erros ou idéias incorretas, é minha, certamente.

Eu não sou um cientista, nem um bem conhecido erudito de Oxford de reputação internacional. Há muitas pessoas que serão capazes de entrar em detalhes e responder às muitas acusações de Dawkins com maior profundidade do que a que este livro tenta mesmo chegar. Algo do meu *background* pessoal encontra-se nas cartas, mas talvez, neste estágio, seja útil para você saber que sou um ministro de 44 anos de idade da Igreja Presbiteriana na Escócia. Havendo sido criado em uma fazenda nas *Highlands*

[Terras Altas] da Escócia, estudei história na Universidade de Edimburgo e, posteriormente, teologia na Free Church College. Sou ministro há 20 anos, 14 deles na cidade de Dundee. Sou ministro cristão com profundo interesse no que Dawkins chama o *zeitgeist* cultural – o modo como nossa cultura está indo. Visito os EUA e a Europa com frequência, interessado particularmente em levar as Boas Novas, o Evangelho à nossa sociedade pós-cristã. Creio que o Evangelho é algo relevante e vital para todas as pessoas de todas as culturas, em todos os tempos, e é meu privilégio ver gente de *backgrounds* muito diferentes vindo a conhecer, amar e ter as suas vidas transformadas por Jesus Cristo.

Como cristão profundamente comprometido, fico perturbado com os ataques que Dawkins faz a Deus e à Bíblia, bem como admirado por seus ataques serem levados tão a sério. Acredito que ele esteja apelando, não à inteligência e ao conhecimento do povo, mas, antes, à ignorância desse. Esta série de cartas é apresentada ao leitor a fim de desafiar alguns dos mitos ateístas de que Dawkins se aproveita e promove. Cada carta lida com um capítulo do livro, e cada *highlight* com, pelo menos, um mito ateísta. Denomino-os mitos ateístas porque são crenças largamente sustentadas ou supostas sem necessariamente nelas se haver refletido ou terem sido provadas.

Se você é um cristão, então presumo que está lendo isto porque precisa pensar sobre algumas das questões envolvidas e, como eu, quer refletir em como nossa fé se ajusta à sociedade moderna. Se você ainda não é um cristão (ou está inseguro, ou é seguidor de outra fé), espero que se beneficie da leitura destas cartas. Minha oração é que você seja estimulado, desafiado, provocado e, acima de todo, atraído a levar em conta as reivindicações de Jesus Cristo.

Finalmente, eu gostaria de agradecer a minha congregação St Peter's Free Church, por seu amor, apoio e compreensão ao longo dos anos. Semelhantemente, agradeço a minha esposa e melhor amiga, Annabel, e a nossos filhos, Andrew, Becky e Emma Jane, que me são lembretes constantes da graça e bondade de Deus.

Este livro é dedicado à glória de Deus e em memória dos muitos milhões que perderam suas vidas nas guerras e injustiças do Falido Século 20 Ateísta.

David A. Robertson

## PRIMEIRA CARTA: O MITO DA CONSCIÊNCIA MAIS ELEVADA

Caro Dr Dawkins:

Espero que me perdoe por escrever ao senhor, mas é que eu acabei de ler o seu livro e foi muito frustrante. Minha mente só pôde reconhecer como erro puro e simples muitas e muitas coisas que havia nele. Gostaria de discutir com o senhor, ou com aqueles que são os seus discípulos, mas, infelizmente, não sou um lente de Oxford, não tenho o seu acesso à mídia e não sou parte do Sistema. E, claro, o senhor declarou que não discute com ‘fundamentalistas’ ou com aqueles que acreditam em revelação ou sobrenaturalismo. Dado que o assunto sobre o qual o senhor é tão veemente é toda a questão do sobrenaturalismo e se há ou não um Deus, não acha que é uma maneira de manipular o resultado da discussão dirigi-la apenas àqueles que já compartilham de suas pressuposições?

E então há o problema que o senhor chama de ‘a Consciência Mais Elevada’. O senhor argumenta que aqueles que compartilham suas posições foram alçados a um maior nível de consciência. O seu livro é escrito para tornar ateus ‘veementes e altivos’ aqueles que tiveram suas consciências elevadas, ao mesmo tempo em que também busca alçar as consciências daqueles dentre nós que ficaram para trás. Isso me lembra a estória do Rei Nu. Dois ‘alfaiates’ contam ao Rei que produziram um conjunto de novas roupas para ele que somente podem ser vistas pelos esclarecidos e sábios (aqueles que tiveram suas consciências elevadas). Certamente, não querendo parecer estúpido, ele e todos os seus cortesãos afirmam que podem ver o maravilhoso e impressionante traje novo. Só quando o monarca está percorrendo as ruas nu e um menino grita que ‘o Rei está nu’ que o povo se dá conta da verdade. Penso que a sua concepção de que os ateus são aqueles que tiveram suas consciências alçadas e que são eles, *de facto*, mais inteligentes, racionais e honestos que outros seres humanos é um mito que está no mesmo nível do Rei Nu.

Naturalmente, percebo que muitas pessoas que compram o seu livro já são convertidos — já compartilham a sua fé e estão procurando por confirmação ou restabelecimento da certeza. O senhor está pregando ao coro. Isso é bem óbvio, até para quem escreve a informação no embrulho do livro, juízes reconhecidamente não objetivos, preconceituosos, de modo geral. Stephen Pinker, Brian Eno, Derren Brown e Philip Pullman, todos eles falam do seu livro em tom meloso – mas isso quase não surpreende, pois, dado que já são ateístas convictos. Pullman quer que o seu livro contra a fé seja introduzido em toda escola confessional (o que pouco surpreende, já que os senhores fazem tal reboliço sobre as crianças serem doutrinadas — só que a doutrinação ateísta, naturalmente, está OK). Eno diz que é ‘um livro para o novo milênio, um no qual podemos nos libertar de vidas dominadas pelo sobrenatural’. Algo precipitado.

Mas o melhor de tudo é Derren Brown, que afirma que *Deus, Um Delírio* é seu ‘livro favorito de todos os tempos’. Esse é ‘um trabalho heróico e transformador de vidas’. Ele espera que aqueles que são ‘firmes e inteligentes o bastante para perceberem o valor de questionar suas crenças sejam grandes e fortes o suficiente para lerem este livro’.

Bem, eu o li. Esperava sim ser desafiado. Afinal de contas, o senhor é um dos três maiores intelectuais do mundo (como o embrulho do livro nos lembra). Certamente *Deus, um Delírio* foi bem escrito, muito interessante e apaixonado. Mas, em um nível intelectual e lógico, ele realmente erra o alvo. A maioria dos argumentos é do tipo daqueles de um garoto da sexta série e são disparados com uma apaixonada veemência anti-religiosa. O que é perturbador é que o seu fundamentalismo ateu será realmente levado a sério por alguns e usado para reforçar suas posturas preconceituosas anti-religião e anticristãs. Seus ‘argumentos’ serão repetidos *ad nauseam* nas seções de cartas, colunas e opinião dos jornais, bem como nos *pubs* e mesas de jantar por todo o país. Perdoe-me por dizer isto, mas parece extraordinariamente similar à espécie de coisa que ‘intelectuais’ estavam publicando na Alemanha dos anos 1930 acerca dos judeus e do judaísmo. Assim como eles, que alegavam ser os judeus responsáveis por todos os males na Alemanha de Weimar, também, segundo o seu livro, os religiosos são responsáveis pela maioria dos males da sociedade de hoje.

Junto com John Lennon, o senhor quer que ‘imaginemos’ um mundo sem religião e sem Deus. Um mundo que o senhor sustenta que não teria homens-bomba suicidas (a despeito do fato de que a maioria dos ataques suicidas terem sido perpetrados pelos Tigres Tâmulos do Sri Lanka, seculares), cruzadas, 11/9, guerras israelo-palestinas etc. A propósito, John Lennon foi um dos meus heróis, e eu adorava *Imagine*. Depois fiquei adulto e percebi que era preciso uma grande dose de imaginação para levar a sério uma canção que falava de imaginar um mundo ‘*with no possessions too*’ [sem propriedades em demasia], escrito por um homem que vivia em uma mansão e possuía propriedades em abundância, enquanto havia milhões morrendo por falta de recursos. Parece-me que a sua visão/imaginação é quase tão irrealística quanto a de Lennon.

Quero escrever uma carta respondendo a cada um dos seus capítulos. Como o senhor corretamente salienta, cada uma delas trata de questões fundamentais à nossa existência, sentido e bem-estar enquanto humanos. Mas deixe-me terminar esta primeira carta considerando duas das coisas afirmadas em sua própria introdução.

O senhor assevera que o seu livro é para aqueles que foram educados em uma fé religiosa específica e agora, ou não mais crêem nela, ou estão infelizes nelas e querem sair. Deseja elevar as consciências de tais pessoas até o ponto de poderem se dar conta de que podem sair. Mas a maioria delas já não sabe que é perfeitamente possível deixar uma religião sem sofrer quaisquer conseqüências significativas? Inegavelmente, não é verdade que o senhor esteja em uma sociedade islâmica (e seu livro não é, de fato,

dirigido ao Islã) e estou completamente ciente de que para alguns admitir que se é um ateu nos EEUU é suicídio político, todavia, no geral, a maioria é livre para mudar de crença. Fui criado em um lar religioso e sabia, desde muito novo, que não apenas era possível deixar, mas que para muitas pessoas isso seria considerado normal. Eu lutei minhas próprias batalhas para que pudesse ser livre para pensar por mim mesmo. Mas não foi somente, nem mesmo principalmente, contra os ensinamentos religiosos de meus pais e de outros (e eu lutei sim contra eles), mas também as expectativas arrogantes dos professores, mídia e outros que pressupunham meramente que a única razão pela qual alguém seria religioso era devido à influência dos pais, lavagem cerebral e mente fraca. Sabe, o único alívio real veio quando eu percebi que podia ser um cristão e pensar por mim mesmo e procurar fazer diferença no mundo; e que não tinha que me envolver em todas as idiossincrasias e nuances culturais de grupos religiosos, nem no fundamentalismo dos secularistas que só sabiam que estavam certos.

Não consigo imaginar uma única opção de carreira na Grã-Bretanha onde ser um ateu colocaria você em desvantagem (a menos que esteja pensando em se tornar um membro do clero — se bem que o grupo atual dê a entender que até ali você poderia se dar bem!). Entretanto, há muitas pessoas às quais admitir que são ‘religiosas’ é um duro obstáculo às suas carreira e vida. Aqueles que visam a ser políticos, cantores, homens de negócios, professores e assistentes sociais cristãos amiúde defrontam significativo preconceito e medo irracional. Algumas vezes, é desvantajoso negar a própria fé ou mesmo abandoná-la. Ser um cristão é, com mais frequência, uma pedra de tropeço para se trilhar a carreira escolhida, mais do que quando se é ateu.

Sem dúvida, há aqueles que pertencem a cultos que exercem uma forma de controle mental equivalente à lavagem cerebral, mas o senhor daria evidências seguras de que toda pessoa religiosa está nessa categoria? O senhor parece imaginar que todos os que são religiosos estão, verdadeiramente, em um nível de consciência inferior e precisam ficar livres tornando-se ateístas. Definitivamente, não oferece nenhuma prova empírica para tal. Como muita coisa do livro, é uma pressuposição (até um preconceito) que não aparenta estar fundada em outra coisa que não a que seja da forma que o senhor gostaria. Já pensou que podia haver muitos outros na posição contrária — educados em uma sociedade secular ateuísta e descobrindo que podem de fato crer em Deus? O senhor daria a eles a liberdade de assim agirem? O que o senhor faria se sua filha se tornasse uma cristã crente na Bíblia? Renegaria a ela? Conceder-lhe-ia mesmo tal escolha? Ou tem o senhor feito o seu melhor para vaciná-la contra o vírus da religião? Lembro-me de um jovem, extremamente inteligente, que veio a um grupo do Christianity Explored<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> Christianity Explored é um curso baseado no Evangelho de Marcos, que diz ter por objetivo não falar acerca do cristianismo, mas apresentar Jesus às pessoas, abordando quem ele é, qual o escopo de sua missão e quais são os seus mandamentos, aberto tanto a quem já procede de família cristã quanto para quem não teve esse tipo de *background* (até mesmo ateus convictos). O site oficial (em inglês apenas) é <http://www.christianityexplored.org/>  
(N. do T.)

Quando lhe foi perguntado qual sua posição religiosa, ele disse: ‘Eu sou um ateu, porém, estou começando a ter as minhas dúvidas’. Eu ri. Um ateu apóstata! Eu o julgava ser muito esperto. Talvez haja muitíssimos mais deles do que o senhor pensa. O senhor deve ser cuidadoso sobre elevar a consciência — talvez as pessoas vão ficar cansadas de suas certezas modernistas e, em vez delas, encontrem refúgio no límpido e fresco ar de Jesus Cristo!

Eu também sorri quando li sua queixa de que os ateus foram perseguidos e mal compreendidos. O senhor contrasta a situação corrente dos ateístas com a dos homossexuais há duas décadas atrás e sugere que, assim como os ‘gays’ tiveram que ‘sair do armário’, assim também os ‘brights’ [‘brilhantes’] (o um tanto esperançoso e algo arrogante nome recém-cunhado para os ateus) precisam sair de lá e estabelecer o lugar deles na sociedade. Eu não tinha notado que os ateus eram particularmente silenciosos ou mediocrementemente representados na sociedade britânica (ou mesmo americana). Na Grã-Bretanha, todas as nossas instituições governamentais, órgãos da mídia e estabelecimentos educacionais são, antes de mais nada, secularistas. A National Secular Society recebe uma exposição de longe maior do que a da larga maioria das igrejas cristãs — a despeito do fato de os membros da maioria das sociedades seculares poderem caber dentro de uma cabine telefônica. Até quando se perguntou ao Primeiro Ministro uma questão relativamente inócua sobre se ele ora, seu supervisor de mídia Alasdair Campbell sentiu-se compelido a frisar que ‘nós não nos ocupamos com Deus’. Ateísmo e secularismo são, sem dúvidas, as filosofias predominantes daqueles que se reputam como ‘a elite’.

Ao senhor foi dado o imenso privilégio de ter controle editorial da sua própria série de TV *The Root of all Evil* [A Raiz de Todos os Males]. Pode me dizer qual a última vez em que foi dado a um cristão evangélico, por um canal nacional de TV, a oportunidade de produzir um filme demonstrando os males do ateísmo? O senhor não acha que em uma sociedade aberta e democrática, quando se permite a você fazer um ‘documentário’ atacando grupos inteiros de pessoas, a elas deveria, no mínimo, ser concedido algum direito de resposta? Naturalmente, isso não vai acontecer, porque, como o senhor bem sabe, aqueles que são os principais responsáveis por nossos órgãos de mídia são os que compartilham muitas das suas pressuposições e preferem fazer programas que apresentem os cristãos, ou como vigários anglicanos fracos e inúteis, ou evangelistas americanos bombásticos da Direita que querem enforcar gays. Isso é propaganda – não verdade, nem razão, tampouco debate e, com a maior certeza, não é imparcial.

Em um encontro dos executivos da BBC em 2006 foi relatado <sup>42</sup> que a política da Corporação é que o secularismo é a *única* filosofia com a qual os outros devem, no final das contas, consentir. Outros sistemas filosóficos e de crenças podem ser tolerados,

---

<sup>42</sup> *Daily Mail* (24 October 2006); *Prospect Magazine* (November 2006).

mas jamais lhes deve ser permitido qualquer expressão de opinião real na BBC. Aparentemente, alguns tiveram a audácia de sugerir que talvez a BBC devesse reconhecer que o secularismo é *uma* filosofia e não *a* filosofia. Espero que o senhor apóie tal tolerância pluralista.

O renascimento ateu está agora sendo desafiado de todos os lados. Havendo tido um século de dominação elitista e controle, muitos no Mundo Ocidental estão começando a despertar para o fato de que o reino secular está nu. O século XX pode verdadeiramente ser denominado o Falido Século Ateísta. Posso recomendar um excelente livro sobre esse assunto, escrito por um de seus colegas de Oxford, Niall Ferguson, *The War of the World: History's Age of Hatred*<sup>43</sup> [A Guerra do Mundo: A Era de Ódio da História]? Ele compartilha de suas pressuposições secularistas evolucionistas, mas seu relato do século XX é uma colossal denúncia do fracasso do secularismo e da 'ciência' em trazer paz à terra.

O seu livro topa com uma tentativa desesperada de escorar as defesas em desintegração do ateísmo. Ironicamente, isso me faz lembrar de alguns na Igreja que, confrontados com o que parece ser desvantagem esmagadora e encarando a derrota, distribuem folhetos, artigos e livros evangelísticos cujo propósito é o de escorar a fé dos fiéis em vez de ter como fito a conversão dos incrédulos. *Deus, Um Delírio*, ajusta-se exatamente nessa categoria. Estou certo de que o senhor contentará os seus discípulos, consolidando o que eles já crêem, mas duvido muitíssimo que o senhor causará algum impacto em outros que estão menos firmes em suas opiniões e que realmente estão procurando a verdade. O que aprecio mesmo é que, ao contrário dos irracionais e preguiçosos que necessitam negar a existência dela, o senhor admite que existe algo tal como a verdade. O senhor pode rir da idéia de que a verdade é, em última análise, encontrada em Jesus Cristo. Porém, continuo otimista. Não somente creio na verdade, mas também no poder de Deus e de seu Espírito Santo para trazer iluminação até mesmo à mente mais tenebrosa. Assim, ainda há esperança para nós dois.

Seu, etc.  
David

---

<sup>43</sup> Allen Lane (2006).



## SEGUNDA CARTA: O MITO DA BELEZA SEM DEUS

Caro Dr. Dawkins:

Obrigado por postar a minha carta em seu *website*. Isso foi muito inesperado – quase tão inesperado quanto a reação de alguns de seus companheiros ateus, como manifestada em seu *message board*. Conquanto alguns foram inteligentes, ponderados, expressando sua discordância de uma maneira construtiva e estimulante, um número surpreendente reagiu com toda a veemência dos crentes religiosos cujo livro sacrossanto foi blasfemado. Pensava que já tinha visto acrimônia antes, mas essa quantidade foi um tanto superior. Seja como for, não é justo julgar um sistema de crenças por aqueles dentre os seus defensores que são excêntricos, extremos e que necessitam de algum tipo de terapia. Por favor, lembre-se disso quando discutir cristianismo.

Eu também achei muito interessante assistir o seu ‘tour of the USA’<sup>44</sup>. Ocorreu-me que há várias semelhanças entre esse e algumas reuniões reavivalistas evangelistas da TV. O senhor tem reuniões de massas para os convertidos (as quais o senhor controla totalmente). Ridiculariza aqueles que não estão de acordo com o senhor e recusa-se se envolver com eles de alguma forma construtiva. Demoniza aqueles que não compartilham do seu ponto de vista. O senhor (ou os seus defensores) exultam por seu livro estar na lista de *bestsellers* do New York Times e incentivam as pessoas a irem e comprarem cópias para amigos e até, na última campanha, cópias para políticos. Os fãs são também estimulados a assistirem ao último vídeo de ‘Dawkins Destroying Dumb Fundies’ [‘Dawkins Destruindo os Fundamentalistas Burros’] no YouTube. Posso até obter capas de edições especiais e *banners* de *website*. É muito divertido – do mesmo modo que ‘Reality’ [‘Realidade’] ou mesmo ‘God TV’ [‘TV Deus’] o podem ser, mas dificilmente representa argumento e discussão racionais.

Seja como for, deixemos de lado esta conduta bastante comercial e politizada e não cedamos à opinião de que, porque os métodos são suspeitos, a mensagem deve ser falsa. Vamos ao capítulo um do seu livro. É um grande início, bem escrito, bem argumentado, informativo e, para minha grande surpresa, muito persuasivo. Esse é provavelmente meu capítulo favorito. Há muita coisa com que posso me identificar e até dizer ‘Amém!’ Entretanto, embora eu possa aceitar e ficar convencido por algumas das premissas que o senhor expõe, não fico tão convencido por algumas das conclusões que o senhor tira.

### Um Senso de Admiração

Este é um conceito chave e o senhor lida com ele brilhantemente. Muitos de nós estamos ali. Quando garoto, lembro-me de ficar paralisado pelas estrelas enquanto

---

<sup>44</sup> Ver [www.richarddawkins.net](http://www.richarddawkins.net)

caminhava para casa através do Pântano Morrich nas Terras Altas Escocesas. Morava no topo das falésias Nigg, onde muitas vezes sentava observando o Estuário Cromarty (uma enseada que leva ao Mar do Norte), ficando completamente admirado pela beleza e variedade da natureza: as gaivotas, o mar azul, a urze púrpura, o tojo amarelo, as focas e até o golfinho ocasional. Parecia paraíso (mesmo com as velhas plataformas de artilharia da Segunda Guerra Mundial incrustadas nos penhascos). Se você não experimentar um sentido de admiração em um tal ambiente você não tem alma nenhuma. Obviamente, o senhor teve a mesma experiência – como suspeito que a maioria dos seres humanos a tem. Porém, interpreta-o de maneira diferente.

O senhor acha que acreditar que Deus tenha criado e seja responsável por semelhante magnificência é de certo modo aviltar a beleza e minimizar o senso de admiração. Devo admitir, tal pensamento não foi coisa nova a mim. Com dificuldade, tentei realmente pensar a mesma coisa. Pareceu-me também que os 'deuses' da religião são de algum modo triviais comparados a semelhante beleza e graça. E aqui está a dificuldade. Eles são. E não consegui substituí-los pelos humanos. A citação de Darwin, que o senhor menciona, é um exemplo de arrogância humana da pior espécie:

Assim, da guerra da natureza, da fome e da morte, o mais exaltado objeto que somos capazes de conceber, a saber a produção dos animais mais elevados, segue-se imediatamente.

É isso, de fato? A humanidade é o objeto mais exaltado que somos capazes de conceber? Lembro-me de um bom homem dizendo que se Jesus Cristo não fosse real ele adoraria o homem que o inventou! Devia eu ser confrontado para escolher entre ídolos feitos por homem e seres humanos como o ápice da criação? Nenhuma era satisfatória. Mas de onde essa beleza vinha? Por que eu a sentia? Ninguém dá resposta melhor que Salomão, o homem mais sábio que já viveu: ‘Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade no coração do homem, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até ao fim’ (Eclesiastes 3.11, ARA).

Tentei arduamente ser um ateu ou, pelo menos, um agnóstico, mas realmente não consegui chegar lá. Numa Véspera de Ano Novo eu até orei a Deus, falando-lhe que não estava mesmo certo de que ele existisse: ‘Ó Deus, se tu existes, mostra-me e eu servirei a ti pelo resto da minha vida’. Não houve voz alguma do céu. Nenhuma luz brilhante. E, quando pude perceber que a oração continuava sem resposta, então, em um domingo, decidi que afinal iria à Igreja. Fui a uma pequena igreja presbiteriana escocesa de beira mar, embaixo daquelas mesmas falésias. Enquanto escutava o som do cântico dos salmos bíblicos, desacompanhado de instrumentos, e ouvia a pancada das ondas do mar nas paredes da igreja, ocorreu-me o que tolo eu havia sido. Com certeza, Deus existia. Nada mais fazia sentido. Não se pode explicar a beleza ou o mal, a criação ou a humanidade, o tempo ou o espaço, sem ele. Ou até pode, mas à minha mente a explanação materialista e ateísta é emocional, espiritual e, sobretudo, intelectualmente

inadequada. Na verdade, ser ateu exige uma grande dose de fé.

A propósito, devo mostrar que há aqui uma conexão interessante entre religião e ciência. Pelos despenhadeiros, do outro lado do Pântano, tem uma pequena vila denominada Cromarty. Há cerca de 150 anos atrás viveu ali um homem extraordinário chamado Hugh Miller. Ele foi um gênio. Possuía o mesmo dom seu para escrever e foi também um dos pais fundadores da geologia moderna. Seu livro *The Old Red Sandstone* [O Antigo Arenito Vermelho] e *In the Footprints of the Creator* [Nas Pegadas do Criador] ainda são clássicos. Ele ficou absolutamente convencido de que a evidência geológica era de uma terra velha. Miller foi ancião da Free Church [Igreja Livre], editor do jornal dela e um forte advogado político dos lavradores das Terras Altas que estavam sendo removidos de suas casas (em mais um outro exemplo do princípio do Gene Egoísta em ação). Amava ciência e nela achou, não uma contradição da Bíblia, mas uma complementaridade. O senhor cita *Pale Blue Dot* [Ponto Azul Claro], de Carl Sagan <sup>45</sup>. Isso merece ser citado de novo por inteiro.

Por que é tão difícil que alguma grande religião olhe para a ciência e conclua: ‘Isso é melhor do que pensávamos! O Universo é muito maior do que diziam nossos profetas, maior, mais sutil e mais elegante?’ Em vez disso, dizem: ‘Não, não e não! Meu deus é um deus pequeno, e eu o quero que fique desse jeito’. Uma religião, velha ou nova, que enfatizasse a magnificência do Universo tal como revelado pela ciência moderna seria capaz de expor reservas de reverência e temor quase não obtidas pelas fés convencionais.

Isso é brilhante. Eu daria um grito de Aleluia não fosse o fato de, imediatamente, isso caricaturar-me como um evangélico bombástico! A moderna igreja cristã no Ocidente, como um todo, abana suas mãos e admite a culpa. *Mea culpa*. Frequentemente reduzimos Deus a uma fórmula, crença em um sistema e prestamos cultos em um *show* de palmas alegres e para se sentir bem na nave do templo. Nosso Deus é pequeno demais. Mas isso é porque ele é o *nosso* Deus, não o Deus da Bíblia.

Não muito tempo depois de me tornar cristão vim a entender e a apreciar os escritos de João Calvino e de outros que seguiam sua particular linha de ensino bíblico. Eu gostava. Eles retratavam o Deus da Bíblia como grandioso, poderoso, profundo, glorioso, soberano, digno de louvor e o criador desse universo maravilhoso, vasto e complexo. Eles não o colocavam em uma caixa, de fato, argumentavam que, pela própria definição, Deus não podia ser posto numa. Eis o que levou homens como o teólogo escocês do século XIX Thomas Chalmers a investigar e a pensar ‘fora da caixa’. Chalmers até escrever um livro *bestseller* intitulado *Astronomical Discourses* [Tratados Astronômicos] que discutiam a possibilidade de vida em outros planetas.

Quando primeiro me tornei cristão, eu achava que tivesse resolvido tudo. Eu

---

<sup>45</sup> Ballantine Books (1997)

tinha Deus em uma caixa. Eu tinha Jesus. Mas conforme cresci e amadureci dei-me conta de que, em vez de estar no controle da piscininha, tudo que eu fizera foi mergulhar meu dedão no oceano do conhecimento, amor e ser de Deus. O pequeno Deus na caixa resulta mesmo em uma posição antagônica a tudo (ciência inclusive) que não se ajuste naquela caixa. Mas o Deus fora da caixa, o Deus da Bíblia, permite-nos – na verdade, encoraja-nos – a explorar a sua criação, a subir as alturas e baixar às profundezas. Penso no premiado e brilhante bioquímico que me ouviu expressar extasiado acerca de admirar Deus nas estrelas e falou-me posteriormente. Contou-me que, em seu trabalho, estudando algumas das menores coisas observáveis conhecidas do homem, também estava vendo a maravilha e a glória divinas.

Alguns dos seguidores do senhor estão tentando contrapor ciência e cristianismo com este desafio bem tolo: ‘a ciência nos dá carros, torradeiras, aeronaves etc. O que a religião já nos deu?’ É tolice, pois que estão estabelecendo uma falsa dicotomia entre a ciência e a religião, como se a primeira fosse um sistema de crenças e o cristianismo, outro. Não. A diferença não é em termos de ciência, mas em termos de filosofia e crença. O perigo da posição que o senhor está defendendo é que quer enfiar uma cunha entre a ciência e a religião para se ajustar à sua própria filosofia (certamente, nisso o senhor se junta a alguns fundamentalistas religiosos). Mas a sua posição é filosófica, não científica. Pondo em termos mais claros, o motivo pelo qual o senhor é um ateu não é porque é levado pelo fato científico, mas porque é a sua filosofia. O senhor usa a ciência para justificá-la, mas muitas pessoas religiosas também utilizam a ciência para justificarem a posição delas. A questão não é a ciência mas, antes, as pressuposições que trazem a esta.

Permita-me deixar esta seção sobre admiração sugerindo que o senhor faria muito melhor se lesse uma das maiores mentes filosóficas que a América já produziu – Jonathan Edwards. Se algum ser humano já apreendeu algo da majestade de Deus, esse foi Edwards. Leia isto de sua obra *The Nature of True Virtue* [A Natureza da Verdadeira Virtude]:

Pois, visto como Deus é infinitamente o Ser Maior, também ele é... infinitamente o mais belo e excelente. Toda a beleza que se encontra de um extremo a outro da criação não é senão o reflexo dos raios difusos desse Ser que possui uma plenitude infinita de esplendor e glória. Deus é o fundamento de toda beleza e glória.<sup>46</sup>

## Um Senso de Religião

Agora, voltemo-nos ao uso que o senhor faz do termo ‘religioso’. Concordo com a maior parte do que o senhor diz aqui. Tudo aquilo é sobre como utilizamos e compreendemos o termo ‘Deus’. Aceito plenamente que muitíssimos cristãos são

---

<sup>46</sup> 1765. Republicado pela Banner of Truth (1974)

culpados de citação seletiva (*selective quotation*) e circulação de mitos urbanos, a fim de provar que essa ou aquela pessoa famosa ou era cristão ou teve uma conversão no leito de morte. Sua prova concernente a Einstein parece absolutamente convincente e significa que tenho que ser cuidadoso sobre empregar citações tais como ‘ciência sem a religião é manca, religião sem ciência é cega’. Apesar de estar convencido de que o senhor está certo quanto a isso e, realmente, quanto a muita gente ‘religiosa’ que usa o termo ‘deus’ como sinônimo para seus próprios sentimentos ‘religiosos’ ou senso de admiração, todavia, não estou convencido de que tal senso de admiração é algo apenas produto de nosso ser e ambiente naturais.

O senhor afirma que os naturalistas crêem que tudo é físico. Penso em um químico altamente inteligente que quando desafiado sobre isso admitiu que amor, ódio, beleza, espiritualidade etc. eram tudo, por fim, ‘só’ reações químicas. Isso me parece um ponto de vista minimalista e profundamente deprimente do universo e da vida humana. Naturalmente, se o senhor não pôde prová-la, bem como comprovar que não havia nenhum Deus pessoal, então acho que teríamos de conviver com isso. Mas o senhor não pode. A sua hipótese de que o universo é somente físico é uma hipótese, e uma hipótese que é grandemente baseada em auto-ilusão (*wishful thinking*). Na verdade, a sua posição é uma espécie de ‘ciência das brechas’: há certas coisas que o senhor observa, não consegue realmente explicá-las de forma científica e não quer recorrer à explicação delas de modo espiritual (pois que o senhor tem uma pressuposição filosófica básica de que nada existe senão a matéria), assim, em vez de deixar algumas brechas (através das quais algum pequeno deus possa entrar furtivamente), o senhor basicamente expande o seu conhecimento científico para que ele vire a teoria de tudo – e, convenientemente, deixa de fora todas as coisas que não caibam naquela caixa. Ironicamente, isso mesmo de que acusa os cristãos de fazerem com Deus, pondo-o dentro de uma caixa, é algo que o senhor está em risco de fazer com a ciência, criando um conceito humano baseado em suas pressuposições anti-religiosas as quais, embora tencionadas para excluir Deus, na verdade, termina com caixas na ciência.

Embora no geral concorde com a seção sobre o uso do termo ‘deus’, há dois comentários que não se sustentam. Por exemplo, o senhor afirma que ‘a noção de que a religião é um campo respeitável, no qual se pode reivindicar qualificação, é uma noção que não deve prosseguir sem ser questionada’. Aqui, o seu ódio pela religião chega raivosamente ao pico. Dado que a maioria do mundo, ao longo da maior parte da história, foi, e ainda é, religiosa, pensar-se-ia que é um campo para estudos razoável e que há alguns que podem alegar algum grau de qualificação nele. De fato, seu julgamento sumário de alguém que reivindique isso é um bom truque que concede ao senhor criticar religiões e livros religiosos sem ter que recorrer a qualquer tipo de erudição acadêmica porque, afinal de contas, a religião não é um campo respeitável. Isso, então, permite-lhe fugir com declarações simplistas tais como ‘o panteísmo é apenas o ateísmo com outro sexo’. Dado que a sua definição anterior de ateus como

sendo naturalistas que se apegam à concepção de que há somente o material, o senhor descobrirá que há muitos panteístas que não são ateus. Eles crêem em numerosos espíritos, deuses e coisas imateriais.

Descubro também que o senhor faz um uso interessante das citações. Cita cartas de um católico romano estadunidense e do presidente de uma sociedade histórica. Tenho certeza de que não são as únicas cartas enviadas por aqueles que discordavam das opiniões de Einstein, mas são elas que o senhor selecionou. Por quê? Porque elas lhe permitem inferir ou asseverar que os cristãos, ou são ignorantes, ou cheios de 'covardia intelectual e moral'. É o clássico argumento *ad hominem* : veja quão estúpidos são esses cristãos, logo, Deus não pode existir. Eu, como cristão, não concordo com o tom nem com a essência de tais cartas, e conheço pouquíssimos eruditos cristãos que concordariam (mas o senhor já protegeu suas bases com aquilo, declarando que não há algo tal como erudição cristã!). Em especial, a asserção amiúde mencionada, mas falsa bíblicamente, de que 'como todo mundo sabe, a religião é baseada na fé, não no conhecimento'. Eu sustentaria o oposto – a fé sem conhecimento é cega e estúpida. A fé bíblica está em uma pessoa. Se você não sabe acerca daquela pessoa, você não pode ter fé nela.

Como o senhor se sentiria se eu pegasse alguns dos comentários mais absurdos e ignorantes de alguns dos ateus em seu *website* e as usasse como exemplo que como o ateísmo deteriora o cérebro? Não seria justo nem honesto.

Um pensamento final. O senhor alega ser um não-crente religioso. Para mim, isso é o pior de dois mundos. Eu odeio a religião. Julgo que Marx estava, em certo sentido, correto – a religião, com muitíssima frequência, é utilizada como ópio do povo. Em nome da religião, uma grande quantidade de malefício e dano é perpetrada. Ironicamente, acredito que a religião *per se* nos trouxe uma grande dose de prejuízo. Porém, eu creio mesmo assim. Eu creio no Deus da Bíblia. Acho que sua revelação de si próprio tanto na criação quanto nas Escrituras é maravilhosamente libertadora e a que melhor se ajusta aos fatos tanto quanto os podemos ver. O senhor pode aspirar a ser um religioso não crente. Deleito-me em ser um crente não-religioso.

Tudo de bom,  
David

## TERCEIRA CARTA: O MITO DA RACIONALIDADE E TOLERÂNCIA ATEÍSTAS

Caro Dr. Dawkins:

Gostaria de me desculpar se estou de alguma forma deturpando a sua posição. Não é intencional. Discordo do que diz e, portanto, é bem inútil escrever acerca do que o senhor não está dizendo. Contudo, estou ficando cada vez mais convencido de que a sua posição é, primeiramente, uma posição filosófica e religiosa, não uma a que se é levado pela ciência. Essa também parece ser a de muitos de seus companheiros ateístas no *website*, cuja reação à crítica é bem similar à de alguns fundamentalistas religiosos que conheço.

O senhor tem uma tese central, a de que a ciência prova, até onde possível, que Deus não existe e que a crença nele é uma ilusão. Mas o senhor cerca tal tese com um exército inteiro de argumentos menores, tais como a natureza da religião, os supostos erros na Bíblia, a hipocrisia na Igreja etc. Essas têm o efeito de, aparentemente, reforçarem o seu argumento principal, embora simultaneamente permita aos seus apoiadores queixarem-se, quando tais argumentos em redor são desafiados, de que os pontos de vista do desafiante são irracionais e estúpidos porque não se dirigem à tese central.

Alguns cristãos querem argumentar com a mesma disposição – com certeza Deus existe, e todos os que negam isso não são senão ignorantes, irracionais etc. Assim, terminamos no diálogo do cego e do surdo. O que é bastante estúpido. O que estou tentando fazer nestas cartas é tratar de todos os argumentos secundários na ordem em que o senhor os apresenta no livro. À medida que dissecamos estes, podemos perceber que muitos deles, ou desviam o assunto, ou são irrelevantes e pura e simplesmente errados. Então, somos deixados com o núcleo central do seu argumento, o qual, reforçado com tal patíbulo, vê-se estar nu e sem qualquer apoio substancial. Vê-se que o rei ateu não tem roupas.

Há vários anos atrás, quando eu era estudante da Universidade de Edimburgo, fui envolvido em um debate com membros da Sociedade Feminista. Isso deixou uma profunda impressão. Juntamente com os outros argumentos ‘racionais’ usados para provar que os homens não mais eram necessários era o clássico ‘a bomba atômica é o símbolo fálico definitivo e, por conseguinte, todos os homens estão em grau inferior ao das pessoas decentes’ (parafrazeio ligeiramente por amor à decência!). Em determinado ponto, até atiraram farinha e ovos em mim e no meu colega, berrando que nós éramos MCPs (*Male Chauvinist Pigs* [Porcos Chauvinistas — Trad.]) só porque declaramos que havia um papel para os homens desempenharem na terra. Tudo teria sido bem engraçado se não fosse pelo fato de que algumas delas realmente acreditavam naquele exagero e disparate que estavam declamando. Pergunto-me se elas haviam tido uma má

experiência com um ou outro homem e isso foi então projetado em todos os homens, para uma espécie de filosofia feminista radical.

Tive uma sensação de *deja vu* enquanto olhava o seu *website*. Receio que muitos ateístas parecem trabalhar a partir da mesma premissa – a própria experiência deles, como de fato muitos cristãos, incluindo eu mesmo, também fazem. Entretanto, estou certo de que o senhor reconheceria que, embora a experiência seja um fator importante, não pode ser o fator determinante para atribuir o que é a verdade objetiva. Muitos tiveram uma má experiência com a religião, de uma ou outra forma; logo, projetam isso sobre toda religião ou pessoa religiosa. E, quando alguém como o senhor desenvolve e fornece o que parece ser uma justificação intelectual absolutamente garantida, eles agarram-na como um alcoólatra agarra a garrafa. Não apenas seus sentimentos são justificados, mas também, de súbito, passam a fazer parte da ‘inteligência mais elevada’ ou da ‘consciência maior’. O problema é o argumento que o senhor utiliza e a maneira com que aborda o seu tópico.

Recebi várias queixas de alguns de seus seguidores de que não me dirigi à questão central nas duas cartas anteriores, a saber a existência de Deus. ‘Vamos’, dizem eles, ‘prove-a’. Então, reclamam que eu discorri sobre os temas sobre os quais o senhor fala. O que eles fazem é uma simples e falsa equação. Afirmam que há somente a matéria e que a única coisa que pode ser denominada prova é a prova material. Com efeito, estão me pedindo para provar Deus como numa equação química. ‘Se você não consegue fazer isso’, dizem, ‘não existe Deus’. É, definitivamente, o argumento circular. Mas ele falha em dois níveis. Antes de tudo, sua pressuposição e asserção/hipótese de que tudo é químico ou resultado de reação química é, em si mesma, uma asseveração improvável. Em segundo lugar, não é uma asserção que se ajuste aos fatos observáveis em nosso redor. De fato, requer grande dose de especial postulação antes de alguém poder honestamente chegar à posição de que religião é somente uma reação química, beleza é somente uma reação química, bem como o mal e ainda o senso de Deus. Além disso, as conseqüências lógicas de uma tal crença são desastrosas. Terminamos no absurdo do homem como Deus – a mais altamente evoluída reação química.

Como já apontei, a maior parte do seu livro não visa a provar sua hipótese central de que ‘tudo é químico’, mui simplesmente porque isso não pode ser provado. Assim, a fim de proteger e escorar a fé dos seus companheiros ateus e encorajá-los a ‘saírem’, o senhor faz duas coisas. Primeiro, defende o ateísmo da acusação de que leva a várias conseqüências negativas. Segundo, parte para o ataque – ridicularizando, zombando e denegrindo as crenças daqueles que não compartilham de suas pressuposições. O senhor se dá conta de que isso lhe enseja a acusação de ser agressivo, arrogante e até nocivo à sua própria causa. Desse modo, procura defender a sua metodologia aos outros ateístas. Realmente, há um subtexto fascinante em seu livro – o debate interno nos círculos ateístas. Na Igreja do Ateu Abençoado, parece que há como



que uma disputa doutrinária que pode resultar em um cisma. Por um lado, há o partido do Respeito (os ‘bonzinhos’); por outro, o partido da Zombaria (os ‘maldosinhos’). As duas facções crêem que a religião é má e que todos os que acreditam em Deus são supersticiosos anti-racionalistas. Os do Respeito argumentam que você deve ser simpático com as pessoas a fim de ganhá-las. Os da Zombaria consideram isto como covardia, ocupar-se mais de manter a paz do que apoiar a verdade.

Se eu pertencesse à sua religião ficaria inclinado ao seu lado. E também o apóstolo Paulo, que argumentava que, se a ressurreição não era verdadeira, então os cristãos eram ‘de todos os homens, os mais dignos de compaixão’ (1 Coríntios 15.19, NVI). Como o profeta Elias, que mofava e ridicularizava os profetas de Baal enquanto esses oravam, dançavam e se cortavam a fim de acordar o Deus deles – “Ao meio-dia Elias começou a zombar deles. ‘Gritem mais alto!’, dizia, ‘já que ele é um deus. Quem sabe está meditando, ou ocupado, ou viajando. Talvez esteja dormindo e precise ser despertado” (1 Reis 18.27, NVI). Até Jesus foi bastante mordaz para com aqueles que vendiam mitos e inverdades religiosas.

É neste contexto que a última parte do seu primeiro capítulo discorre sobre a questão do respeito. Seu argumento principal é que o senhor julga incorreto e ilógico que, só porque se considera alguma coisa como sendo religiosa, deva ser tratada com luvas de pelica. Cita com ardente aprovação o seu amigo, o recém-falecido Douglas Adams: ‘A religião ... possui certas idéias em seu âmago que chamamos de sagradas ou santas ou seja lá o que for. O que isso quer dizer é: “Aqui está uma idéia ou conceito sobre o qual não é permitido a você dizer nada de ruim; simplesmente não o é. Por que não? – porque não pode.”’ Concordo com a essência principal do seu argumento – só porque alguém cita seu ponto de vista como religioso isso, *de facto*, não autoriza que esse seja respeitado. O que tanto o senhor quanto Adams não percebem é que erram ao não reconhecer que toda sociedade, seja ou não abertamente religiosa, tem seus santos-e-senhas. Há algumas coisas as quais não se admitem questionar, pelo menos, não sem perder o próprio emprego, posição etc. E tal é verdadeiro tanto em uma sociedade secular (quicá até mais) como em uma religiosa.

Isso é visto em um outro exemplo apresentado pelo senhor, aquele dos grupos cristãos nos campi processando suas universidades por estarem acoçando-os pela visível posição anti-homossexual deles. Enquanto isso ocorre, estou escrevendo esta tendo do lado uma cópia do *The Times* (18 de novembro de 2006) o qual, em sua primeira página, relata uma situação similar no Reino Unido. A Universidade de Edimburgo, por exemplo, proibiu a União Cristã de dar um curso acerca de sexo e relacionamentos por que ele promove a ‘homofobia’. Eu vi este curso (intitulado *Pure* [Puro — Trad.]) e esse não pratica coisa alguma tal (a menos que você esteja disposto a fazer a suposição completamente sem comprovação e intolerante de que, se alguém não concorda com algo, esse alguém tem, automaticamente, fobia sobre isso e odeia as pessoas que concordam sim com ele). *Pure* estimula o ensino bíblico de que o sexo

deve ser dentro do contexto do matrimônio e também entre um homem e uma mulher. Semelhantemente, a União Cristã na Universidade Heriot Watt foi proibida porque suas crenças centrais ‘fazem discriminação contra os não-cristãos e aqueles de outros credos’. A forte UC de Birmingham, de 150 anos, foi suspensa por se recusar a alterar sua constituição para permitir os não-cristãos de pregarem nos encontros dela e retificar sua literatura para incluir referências a gays, lésbicas, bissexuais e ‘transexuais’ (pergunta-se qual a lógica de se deixar de fora polígamos, praticantes de sexo com animais e pedófilos?). A questão é simplesmente esta – não se você concorda com a opinião particular deles sobre sexualidade, mas se devem ter a liberdade de expressá-la. Alguns secularistas nos EEUU e no Reino Unido dão a impressão de que estão dispostos a adotar esse assunto de sexualidade e usá-lo daquele jeito que Douglas Adams descreve-o. A você não se permite questioná-lo ou ter um ponto de vista diferente e, quando pergunta o porquê, simplesmente se lhe diz – que é do jeito que é. Eu espero que o senhor aceite que as Uniões Cristãs têm o direito de determinar o que elas crêem mesmo, tal como as sociedades ateístas, e que nada seja imposto às pessoas porque ‘tal é simplesmente o modo como as coisas são’.

Partindo para uma outra campina de atalho que o senhor coloca, afirma que os conflitos em áreas tais como Irlanda do Norte, Bósnia e Iraque devem ser vistos como guerras religiosas, não étnicas. Embora concorde plenamente que a religião por vezes é a causa dos mais apavorantes comportamentos no povo, é mais freqüente a religião ser o pretexto, não a causa das guerras e divisões étnicas. Por exemplo, tenho encontrado gente dos dois lados da linha divisória da Irlanda do Norte envolvidos em ‘the Troubles’<sup>47</sup>. Nenhum deles achava que estivesse fazendo desordem ou matando por ‘Deus’. Era pela ‘comunidade’ deles, pela ‘tribo’ deles – Deus era apenas uma pessoa útil para se introduzir contra o *ante*. O IRA, por exemplo, era um grupo marxista que era católico somente no sentido de pertencer a uma comunidade étnica. Lembro-me de falar a um grupo de jovens do sexo masculino em seu caminho ao estádio Ibrox, casa do Glasgow Rangers, carregando uma flâmula com a declaração ‘Por Deus e pelo Ulster’ (para os leitores que estão se perguntando sobre o que isso tem a ver com futebol e Glasgow – não se aborçam – é estúpido demais até para se começar a explicar). Perguntei-lhes se criam em Deus. ‘Não sei — mas somos protestantes!’ ‘Vocês vão à Igreja?’ ‘Não (palavrão apagado). Vamos a Ibrox, por que precisaríamos ir à Igreja?’ O senhor, sem dúvida, cita semelhante protestantismo político e étnico como outro exemplo de conflito religioso. Da mesma forma, a guerra entre sunitas e xiitas no Iraque e os conflitos na antiga Iugoslávia são, primordialmente, conflitos étnicos com deuses religiosos tribais

---

<sup>47</sup> "The Troubles" é um termo usado para descrever os dois períodos de violência na Irlanda durante o século vinte. O primeiro se deu com a Guerra de Independência da Irlanda e a Guerra Civil Irlandesa. O segundo diz respeito à época de violência esporádica pública envolvendo organizações paramilitares, o *Royal Ulster Constabulary* (RUC) [Brigada Real do Ulster], o Exército Britânico e outros na Irlanda do Norte, do fim da década de 60 até a última metade dos anos 90, encerrando-se com o Acordo da Sexta-Feira Santa, em 10 de abril de 1998. A violência amiúde foi tão extrema que extrapolou as fronteiras da região, atingindo Eire, Reino Unido e até Holanda e Alemanha. [Fonte: *Wikipedia*.] (N. do T.)

sendo invocados como reforços.

E outra vez há uma incongruência no argumento ateu que está sendo usado aqui. Por um lado, o senhor sustenta que os deuses são conceitos sociais das várias tribos/povos da humanidade. Por outro, afirma que a religião é a causa das várias cisões e rivalidades étnicas. O que é isso? Os povos inventam religiões para que possam guerrear uns contra os outros, ou a religião cria povos que, devido à religião deles, odiar-se-ão e combaterão um ao outro? O senhor não pode aceitar os dois como estão – a menos que seja alguém que aceite o ensino bíblico de que os seres humanos são inerentemente egoístas e propensos à guerra, e que são, de igual modo, idólatras, procurando criar ‘deuses’ à própria imagem – e que os dois, freqüentemente, vêm juntos.

Sou grato ao senhor pela sua um tanto divertida e triste exposição dos fatos relativos ao fiasco das charges dinamarquesas. Eu também tenho a foto da senhora islâmica com o sinal em volta do pescoço orgulhosamente proclamando: ‘Decapitem aqueles que dizem que o Islã é uma religião violenta’. E também deploro a absoluta covardia da imprensa na Grã-Bretanha, a qual se recusou a publicar as charges por ‘respeito’ e ‘compreensão’ pela ofensa e mágoa que os muçulmanos sofreram. O senhor e eu sabemos que a razão pela qual eles não publicaram nada tinha a ver com respeito, mas tudo a ver com medo. O jornal *The Independent*, por exemplo, não sofreu problema algum ao publicar o mais blasfemo ataque ao Deus cristão, mas não publicou tais charges. A BBC não as exibiu, mas não sofreu nenhum problema para difundir a paródia e agressão de *Jerry Springer* a Jesus Cristo, nisso demonstrando pouco ‘respeito e compreensão’ pela dor e humilhação que os cristãos tiveram que suportar. A mídia britânica sabe que há uma diferença essencial entre o Islã e o cristianismo: embora existam uns poucos cristãos que ameacem com boicotes ou piquetes, nenhum deles há que esteja buscando matar aqueles que blasfemam do nosso Deus, ao passo que conhecem muito bem que qualquer menção depreciativa de Maomé resultará em sérias ameaças de morte e violência. Pelo menos o senhor tem o mérito (e a coragem) de admitir que o Islã é uma ameaça física, ‘numa escala a que nenhuma outra religião aspirou desde a Idade Média’.

Havendo dito tudo isso, fico um pouco preocupado que o senhor use essa defesa da liberdade de expressão para justificar a sua ridicularização e gozação da religião, em particular do cristianismo e dos cristãos. Não é que não tenha o direito de criticar, mas, antes, que, junto com o direito, vem também a responsabilidade – a responsabilidade de dizer a verdade, ouvir os outros igualmente, não para enfurecer aqueles que podem ouvir você. O problema é que a sua zombaria, combinada com um fundamentalismo ateu e a amargura e irracionalidade de alguns dos seus apoiadores, leva à perseguição e intolerância. Os únicos estados ateus (a Rússia de Stálin, a China de Mao, o Camboja de Pol Pot e a Alemanha de Hitler) foram os mais depravados e cruéis que o mundo já viu. O fundamentalismo secular ateu é, em minha opinião, mais intolerante e coercivo

do que quase todas as posições religiosas.

Por outro lado, lembro que o cristianismo bíblico é a cosmovisão mais tolerante e prática que existe. Por quê? Porque não precisamos impor nossos pontos de vista pela força (de fato, somos proibidos de agir assim). Não necessitamos excluir o conhecimento porque toda verdade é verdade de Deus. E, definitivamente, não nos sentimos ameaçados. Não estamos interessados no poder político (ou, pelo menos, não devemos estar) pois sabemos que nossas armas não são as armas deste mundo. Respeitamos cada ser humano por ser feito à imagem de Deus. Como o senhor, nós acreditamos que devemos lutar por nossas posições. Não vou aceitar Maomé como profeta só porque uma religião me diz para aceitar. Não obstante, devo e vou respeitar e amar os muçulmanos enquanto seres humanos companheiros que carecem de Deus.

E um último pensamento. Uma coisa que realmente aborrece alguns ateus é quando os cristãos prometem orar por eles. Por que nós oramos por vocês? Não é o tipo de oração ‘castigue os amalequitas’ (embora, por vezes, a tentação seja enorme!). Antes, oramos para que Deus trabalhe nas suas vidas, revele-se a vocês e os atraia para si. Não para que possamos provar estarmos certos, mas, antes, porque é, creia ou não, a melhor coisa possível que pode ocorrer a você. Portanto, orar por vocês é um ato supremo de amor porque rogamos o melhor para vocês. E Jesus nos diz que temos que amar nossos inimigos. Assim, oro para que vocês e todos aqueles que foram iludidos ao pensarem que há somente a matéria, e que o Criador deles não existe. Perdoem-me.

Seu, etc.  
David

## QUARTA CARTA: O MITO DO DEUS CRUEL DO ANTIGO TESTAMENTO

Caro Dr. Dawkins:

Finalmente estamos chegando ao cerne de seu argumento contrário Deus, a Hipótese de Deus. Pergunto-me em que sentido o senhor está empregando o termo hipótese. É no de suposição? De explicação condicional? Ou de teoria a ser provada ou desacreditada pela confirmação dos fatos? Suspeito que a sua opinião é a de que a humanidade, possuindo um ‘senso religioso’, inventou um deus ou deuses para preencher os vazios de nosso conhecimento. Em termos cristãos, isso resulta em Moisés, Jesus, Paulo, Agostinho, Lutero, Calvino dando-nos a hipótese de Deus para explicar o que, de outra forma, seria inexplicável. O relato então continua — até que vem Darwin com uma outra hipótese e, vejam só, a hipótese de Deus é refutada. Heureka! Deus é um delírio. A humanidade move-se rumo a uma consciência mais elevada e a única coisa que falta é escrever um livro que conte às pessoas a situação é essa, e incentivar os iluminados a ‘saírem’ e se organizarem politicamente para que o vírus da religião e dos velhos caminhos nunca mais possa ser utilizado de novo. O mundo está salvo. Aleluia!

Só que esse não é assim que funciona. E o seu ataque à Hipótese de Deus não funciona. Tanto que, nesse capítulo, o senhor realmente se recusa a discuti-la. Define a Hipótese de Deus como ‘ali existe um super-homem, inteligência sobrenatural que deliberadamente projetou o universo e tudo o que nele há, incluindo nós’ e diz que a sua prova de que isso não é assim é que ‘uma inteligência criativa de suficiente complexidade, para projetar alguma coisa, entra na existência somente como o produto final de um extenso processo de evolução gradual’. E que é isso, basicamente. O senhor gasta as quarenta e uma páginas restantes dizendo-nos quase nada sobre a Hipótese de Deus. Aprendemos acerca de secularismo Thomas Jefferson, ateísmo e política americana, TAP, PAP e NOMA, o Grande Experimento de Oração, Homenzinhos Verdes e porque discorda de Stephen J. Gould, Michael Ruse e outros conciliadores evolucionistas. É um capítulo desconexo e incoerente, o pior do livro, e é, provavelmente, a razão pela qual ele recebeu uma tão dura crítica. *Prospect*, uma revista que lhe fornece uma ampla plataforma favorável, expressou-a com muita veemência:

Era sabido há anos que Richard Dawkins tinha um grosso livro sobre religião em sua cabeça, mas quem o teria imaginado capaz de escrever um ruim desse jeito? Desleixado, dogmático, desconexo e autocontraditório, não possui nada do estilo ou da verve de suas obras anteriores.

O senhor inicia com um ataque bastante malicioso e enganador sobre o Deus do Antigo Testamento. O seu primeiro parágrafo é um dos que o senhor gosta de ler ao povo e, geralmente, obtém uma salva de palmas. A mim isso indica que o senhor está

tocando em uma suscetibilidade emocional de muitos daqueles que o ouvem. Esses têm um ódio entranhado do Deus da Bíblia. Acho esse parágrafo muito ofensivo, tão ofensivo que não o repetirei aqui em sua totalidade. Ora, a sua réplica ofensiva padrão é que o senhor não está me ofendendo, o senhor está ofendendo um deus que não existe. (Mostrem o aplauso dos fãs.) Mas, infelizmente, *está* me ofendendo. Primeiro, ao insinuar que eu creio nesse deus cruel, volúvel e mau. Segundo, parece agir baseado no fato de que, contanto que não esteja me insultando diretamente, então não posso estar ofendido. Mas, se o senhor ataca a minha família, os meus amigos, a minha comunidade, *fico* ofendido porque parte da minha identidade está atada a eles. Desculpe, mas faz parte de se ser humano o fato de que ‘homem nenhum é uma ilha’ (se bem que Nick Hornby saliente que seu nome é Madagascar!). A minha identidade está ligada com o Deus da Bíblia e, em particular, com Jesus Cristo. Portanto, quando o ataca, está atacando a mim. Assim, por favor, não menospreze.

Contudo, não sou uma pessoa que acredita que o pecado imperdoável seja ofender. Talvez eu mereça as observações ofensivas. Se o que o senhor diz é verdadeiro, então elas são merecidas. Mas a sua paródia do Deus do Antigo Testamento e do Jesus do Novo é exatamente isto — uma paródia. Como todas as do tipo, há um elemento de verdade nela, mas é tão distorcida que se torna irreconhecível. Quando leio o Antigo Testamento encontro um Deus maravilhoso — um Deus de misericórdia, justiça, beleza, santidade e amor, um Deus que se preocupa intensamente com o pobre, com o seu povo e com a sua criação. E, surpreendentemente, é o mesmo Deus no Novo Testamento. Tenho consciência de que há dificuldades e problemas, mas esses são grandemente causados por sua caricatura exagerada. Se o senhor pegar os ensinamentos fundamentais acerca de Deus tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, então comporá uma figura muito mais realista.

Por exemplo, uma de suas queixas contra Deus é a de que ele é um Deus ciumento. Isso é verdadeiro, mas não no sentido do ‘monstro de olho verde’. Deus é ciumento da mesma forma que um homem espera que sua esposa seja ciumenta se ele começar a dormir com outras mulheres, ou ciumento do mesmo modo que sou protetor dos meus filhos. É sobre proteção, cuidado e honra, não no sentido negativo de inveja. É difícil crer que o senhor não esteja ciente dessa distinção. Minha maior queixa aqui é que a sua descrição do Deus do Antigo Testamento não é aquela descrita pelo próprio Antigo Testamento. Isto se encaixa com a sua descrição?

O SENHOR faz justiça e defende a causa dos oprimidos. Ele manifestou os seus caminhos a Moisés, os seus feitos aos israelitas. O SENHOR é compassivo e misericordioso, mui paciente e cheio de amor. (Salmo 103.6-8, NVI).

E há numerosas passagens semelhantes. É somente através de uma citação muito seletiva, fora de contexto, ignorando todas as passagens e ensinamentos acerca de Deus que se pode chegar em algo próximo da paródia que o senhor advoga.

Ora, certamente, como o senhor admite, se esse Deus é bom ou mau é irrelevante se ele não existir. Porque nos aborreceríamos discutindo sobre um ser imaginário? Assim, isso requer que se questione o porquê de o senhor principiar o capítulo com um tal ataque maldoso sobre alguém que reputa que seja um ser imaginário? Seria por que é uma jogada barata expressar ódio contra um ser que pode existir? Ou porque sabe que a essência principal do seu argumento atrairá aqueles que experimentaram algum tipo de abuso religioso? Não se dá o caso de o senhor estar realmente visando uma reação polêmica e emocional em vez de uma racional?

Nesse ponto, então, o senhor continua a discutir politeísmo, Oral Roberts e o ensino católico-romano sobre os santos. Ainda estou tentando entender o que isso tem a ver com a Hipótese de Deus. Não obstante, faz uma afirmação que está agora sendo repetida *ad nauseam* pelos ateus por todo o país, que os cristãos são ateístas quando vão a Zeus, Tor e Ra. Os ateus apenas vão um deus além (mostrem mais suspiros de admiração, risada e aclamações). Mais uma vez, essa afirmação barata não consegue levar em conta que pode haver, de fato, mitos, falsos deuses e ilusões. Nem reconhece que os cristãos podem crer em Cristo *por causa* da evidência, não a despeito dela. Sua afirmação não tem mais validade do que um homem que divulga que um Rolex não pode ser real porque comprou um relógio falso uma vez, ou uma mulher anunciando que o amor não existe porque certa feita ela teve uma experiência ruim. É um artifício de retórica que, realmente, não trata de nenhuma das questões envolvidas.

Um outro argumento ao qual o senhor tenta se opor é um que uso com frequência. Quando alguém me conta que não acredita em Deus, amiúde lhe peço para me dizer sobre o Deus em que não crê. Então, sai com a espécie de declaração que o senhor dá no início do capítulo, e digo-lhe que eu também não acredito naquele Deus. Corretamente, o senhor mostra que esse argumento não é válido para alguém que está alegando que não há Deus seja qual for o caráter desse, pois que não há o sobrenatural (uma posição de fé, a qual não é, naturalmente, passível de demonstração). Todavia, gasta uma porção considerável do seu livro atacando versões particulares de Deus e, por conseguinte, expõe-se a tal resposta. A maioria de nós não crê no Deus que o senhor ataca tão apaixonadamente. E os exemplos *ad hominem* que emprega de gente religiosa extravagante e desequilibrada não são aqueles com que a maioria dos cristãos se identificariam. Se persistisse totalmente no debate filosófico sobre se há um Deus, o seu livro seria muito mais curto (e muito menos popular junto aos seus seguidores). É o seu ataque a uma versão distorcida e pervertida do ensino cristão a respeito de Deus, em primeiro lugar, que dá ao senhor a mais engraçada cortina de fumaça para a sua falta de argumento substancial sobre se existe ou não Deus, em primeiro lugar.

Isso nos leva ao NOMA (*non overlapping magisteria* [ensinos que não se sobrepõem — Trad.]). Essa é a posição de que a ciência e a religião são duas esferas separadas e que a ciência nem prova nem rebate a existência de Deus. O mais famoso expoente dessa posição é Stephen J. Gould, o qual, em seu livro *Rocks of Ages: Science*

*and Religion in the Fullness of Life* <sup>48</sup> [*Rocha dos Séculos: Ciência e Religião na Totalidade da Vida*] resume isso perfeitamente, que ‘a ciência obtém os séculos das rochas, e a religião, a rocha dos séculos; a ciência estuda como vão os céus, a religião, como ir para o céu’.

O senhor não gosta disso. E o senhor, decerto, não gosta dos teólogos. Se a ciência não pode responder uma questão, então, porque se incomodar perguntando aos teólogos, eles que têm tanta serventia quanto um bule de bebida achocolatada. O senhor escreve: ‘Eu simplesmente não creio que seja possível que Gould tivesse a intenção de escrever muitas das coisas que estão em *Rock of Ages*’. O senhor está realmente sugerindo que ele é tão covarde que está pronto a mentir para manter alguma espécie de reconciliação entre a religião e a ciência? Isso é uma acusação muito séria. E que não surge imediatamente da leitura de *Rock of Ages*. Acho-o um livro fascinante com uma grande quantidade de *insights* valiosos dentro dele. Tome o exemplo seguinte: ‘Mas eu também incluo entre meus próprios colegas cientistas, alguns ateus militantes cujo conceito de cabresto sobre a religião nada pega da sutileza ou diversidade’. Ele também destaca que há pessoas, ‘as quais dedicaram o grosso de sua energia, e até a decisão das vidas delas, a tal defesa agressiva dos extremos que não optam por se envolver em debates sérios e respeitosos’. Não é de se maravilhar que não goste dele!

Entretanto, eu gostaria de adotar uma posição intermediária entre a sua e aquela do Sr. Gould. Ele batalha pela completa separação dos dois ensinamentos (ciência e religião). O senhor propugna pela completa aniquilação do religioso. Eu sugeriria que há dois ensinamentos, ciência e religião, os quais realmente se sobrepõem, embora não totalmente. Há coisas que a ciência não pode e talvez jamais será capaz de provar, e há coisas sobre as quais a religião não comenta. O exemplo de Gould é correto — a Bíblia nada diz sobre o século das rochas e a ciência coisa alguma nos conta acerca da Rocha dos Séculos, Jesus Cristo. Entretanto, há lugares onde ambas se interligam. Por exemplo, se alguém reivindica um milagre de ter sido curado de câncer, então a religião é apta a julgar se o câncer se foi ou não.

O senhor nos diz que a existência de Deus é uma ‘hipótese científica como qualquer outra’ e que, se Deus assim preferisse, podia se revelar. Mas Ele se revela. E se revelará. O senhor nos diz que, ‘mesmo que algum dia a existência de Deus for provada ou refutada com certeza, de uma forma ou de outra, a evidência e a razão disponíveis podem fornecer uma estimativa provável longe de 50%’. Verdade? Por que uma tão confiante afirmação? De qualquer modo, a ciência avançou desde que fez essa asserção inadequada e sem apoio. O jornal *The Times* noticiou (em 20 de novembro de 2006) que o cálculo está bem acima de 50%.

A probabilidade matemática real da existência de Deus é superior a 62%. Assim

---

<sup>48</sup> Ballantine Books (1999) [Importante: *rock of ages* — rocha dos séculos — é como algumas edições inglesas da Bíblia traduzem o trecho de Isaías 26.4, que dá aquele título a Jeová — Trad.]



diz uma revista científica alemã. *P.M. [Peter Moosleitners Magazin]* tentou resolver o problema usando fórmula matemática desenvolvida para determinar plausibilidade e probabilidade. Os pesquisadores começaram com a hipótese ‘Deus existe’, depois tentaram analisar as evidências favoráveis ou contrárias a ela em cinco áreas: criação, evolução, bem, mal e experiências religiosas. Os cientistas aplicaram a fórmula para calcular quão estatisticamente prováveis eram as diferentes respostas a questões tais como ‘qual a probabilidade de que a evolução da vida ocorreu sem Deus?’ e ‘qual a probabilidade de que Deus criou o Universo?’ A conclusão deles será animadora para muitos, ainda que talvez não a Richard Dawkins.

Preso por sua própria armadilha.

A propósito, estou fascinado por o senhor achar que há algo a ser dito sobre tratar o budismo, não como religião, mas como uma ética ou filosofia de vida. O senhor aceitaria, portanto, a filosofia que diz que as pessoas desfavorecidas nasceram daquele jeito porque foram más em uma vida anterior e que é apenas o carma delas?

Agora, avancemos para o ‘Grande Experimento de Oração’. Isto é algo para desviar completamente a atenção. Por definição, o Deus da Bíblia não é mecânico e a oração é comunicação com uma pessoa. Somente se se aceitar o ponto de vista de oração como sendo máquina caça-níqueis (ponha sua oração dentro dela e sairá a resposta de que precisa) que qualquer experimento do tipo pode ser conduzido. Dado que a Bíblia não ensina que Deus é uma máquina caça-níqueis divina que responde às nossas orações mecanicamente, o experimento todo é um contra-senso. Assim, permita-me perguntar mais uma vez, por que, exatamente, o senhor o mencionou?

Por falar nisso, o que a posição de ateus nos EEUU e sua antipatia por conciliadores evolucionistas como Michael Ruse têm a ver com a Hipótese de Deus? Não julga que tais debates internos na igreja ateuista seriam mais bem conduzidos internamente? Ou estou certo em pensar que o seu livro é, na verdade, escrito como uma brochura polêmica para ateus, uma convocação à ação política, não uma discussão séria acerca da existência de Deus? Daí a questão ‘o que os ateístas americanos poderiam conseguir caso se organizassem apropriadamente?’ no meio de um capítulo intentado para a discussão da Hipótese de Deus (p. 44).

Antes de deixarmos esse capítulo deprimente temos que lidar com um outro velho e desgastado argumento (publicado em quase todo fórum ateuista). Quando é mostrado que um ateu não pode provar a falsidade de Deus, a resposta do livro texto padrão agora é: ‘sim, tanto quanto podemos provar a falsidade do deus Bule Celestial, da fada do dente ou do Monstro Espaguete Voador. (Aprecio a idéia de um cisma cuja ocorrência resulte na Igreja *Reformada* do Monstro Espaguete Voador!) O senhor acha seriamente que a evidência do Deus da Bíblia seja do mesmo nível da fada do dente<sup>49</sup>?’

---

<sup>49</sup> Fada do dente é uma personagem mitológica que dá às crianças uma pequena quantia de dinheiro (ou,

Por exemplo, o senhor não escreveu um livro sobre a Fada do Dente, um Delírio. A evidência pró-Deus é de um nível inteiramente distinto. Suspeito que saiba disso, porém, outra vez, no seu estilo retórico, as suas mordazes frases de efeito funcionam muito melhor. Deixe-me colocar de outra maneira: se a única evidência de existiu Jesus Cristo fosse igual àquela do Monstro Espaguete Voador então eu e milhões de outros não creriam nele. Assim, o que o senhor acha de lidar com a evidência que afirmamos e se afastar daquela que só a sua própria pressuposição expressa — a de que não há Deus algum?

E, por fim, algo em que podemos concordar: ‘Um universo no qual, com exceção de outras inteligências lentamente evoluídas, estejamos sós, é um universo muito diferente daquele com um agente condutor original cujo desígnio inteligente é responsável pela existência mesma daquele’. Eu vivo em um universo criado por um Deus pessoal, o Deus de misericórdia, lógica, justiça, bondade, verdade, beleza e amor, o Deus cujos propósitos e intenções são boas. O senhor vive em um universo que surgiu de lugar nenhum, está indo a lugar nenhum e não significa coisa nenhuma. Talvez no próximo capítulo o senhor nos dará alguma razão para essa crença desalmada, fria e deprimente.

Seu, etc.  
David

---

às vezes, um presente) em troca de um dente que cai e sai da boca. É um exemplo de folclore contado às crianças como fato pelos adultos, sabedores esses, obviamente, de que se trata de ficção, ficção da mesma categoria das de Papai Noel ou Coelhoinho da Páscoa. [Fonte: *Wikipedia*.] (N. do T.)

## QUINTA CARTA: O MITO DO CONFLITO CIÊNCIA/RELIGIÃO

Caro Dr. Dawkins,

Estamos nos aproximando de sua ‘prova’ de que Deus é um delírio. Porém, antes do senhor avançar para o seu ‘grande argumento’, tenta nesse capítulo tratar de alguns dos argumentos que os teístas formulam em favor da existência de Deus.

A sua compreensão da teologia cristã é escandalosamente ruim. Por exemplo, o senhor argumenta que, ‘se Deus é onisciente, já sabe como vai intervir para modificar o curso da história usando sua onipotência — mas isso significa que ele não pode modificar seu pensamento sobre a sua intervenção, o que quer dizer que ele não é onipotente’. Mal posso acreditar que um mestre de Oxford escreveu semelhante raciocínio juvenil! Se realmente quiser ir além daquela linha, eis aqui mais algumas para o senhor. Pode Deus criar uma pedra mais pesada do que ele possa erguer? Pode Deus criar um círculo quadrado? Esses podem ser ‘problemas’ divertidos de metafísica para uma classe de adolescentes mas, e como motivo para crer que Deus não pode existir? Como o Sr. McEnroe diria, ‘o senhor *não pode* estar falando sério!’ Uma vez, uma professora de escola dominical perguntou às crianças em sua classe: ‘Há algo que Deus não possa fazer?’ Também não possuindo uma boa e detalhada compreensão da teologia, ela ficou horrorizada quando um menininho levantou sua mão e respondeu ‘sim’. Desafiou-o perguntando qual. ‘Mentira’ foi a resposta curta, sucinta e precisa. Dizer que Deus é onipotente não é dizer que ele pode fazer o que é imoral ou incoerente com sua própria natureza.

A sua discussão sobre o argumento ontológico de Anselmo é curta e uma com a qual eu concordaria amplamente. O ponto de vista de Anselmo de que a maior coisa que podemos conceber deve existir porque, de outro modo, não seria a maior que poderíamos conceber é um hábil argumento filosófico, mas é só isso. Entretanto, o senhor estraga-a com uma lista de ‘provas’ satíricas sem sentido oriundas do *site* ‘godlessgeeks.com’ (fico contente ao notar que escolhe suas fontes tão cuidadosamente!) e um ataque depravado ao apóstata ateu Anthony Flew.

O Professor Flew, até recentemente um dos ateus mais influentes do mundo, aparentemente teve uma mudança de opinião e agora aceita que deve haver um projetista. O seu ataque a ele em uma nota de rodapé nesse capítulo (e em alguns de seus discursos públicos) dá uma certa impressão de ser malicioso — desnecessariamente inferindo que a idade avançada tenha alguma coisa a ver com a conversão dele do ateísmo, que ele não é realmente um grande filósofo (em contraste com Bertrand Russell, que foi um grande filósofo e ganhou o Prêmio Nobel) e que o julgamento falho dele é demonstrado pela sua aceitação do prêmio Phillip E. Johnson pela Liberdade e Verdade. O senhor não pode admitir a possibilidade que ele possa ter mudado de idéia — não devido à senilidade ou porque durante todo o tempo ele nunca

foi realmente um grande filósofo, ou porque estava visando ao Prêmio Templeton, mas sim devido à evidência e aos fatos? Acho que qualquer ateu que muda de opinião precisa saber que enfrentará a ira de Richard, mas, por favor, ponha as garras de lado. Isso é muito repulsivo.

O senhor, em seguida, lida com três dos principais argumentos em favor de Deus: beleza, experiência pessoal e a Bíblia.

## Beleza

O senhor expressa seu argumento de maneira realmente má. Para mim, esse é um dos argumentos centrais para se provar a existência de Deus. O senhor o reduz a alguém perguntando ‘como explicarmos Shakespeare, Schubert ou Michelangelo?’ Mas é muito mais do que isso. Não é tanto pelo fato de haver beleza, mas o porquê de os seres humanos terem um senso de beleza. Estou certo de que explicará isso afirmando que é uma reação química em nossos cérebros causada por milhões de anos de evolução. Todavia, isso me parece, quando muito, uma explicação parcial. A beleza é parte da consciência e permanece uma das grandes questões não respondidas na filosofia evolucionista — de onde a consciência veio? Quando vejo a beleza de um pôr-do-sol sobre o rio Tay, ou ouço a sexta de Beethoven, ou caminho ao longo das margens do Imenso Mississipi, não posso então entender ou crer que isso seja apenas instinto ou impulso que, em última análise, não vem de nenhum lugar. As palavras de Salomão são muitíssimo melhores: ‘Tudo fez formoso em seu tempo’ (Eclesiastes 3.11, ARA).

Não é adivinhação desprezível declarar que Rafael ou Michelangelo só produziram a grande obra deles por serem pagos para isso? E deduz que, se eles estivessem vivendo hoje, estariam produzindo o *Evolution Oratorio*. Interessante, onde estão os grandes artistas, compositores etc. ateus? Não tenho dúvidas de que os seres humanos não crentes podem produzir grandes obras de arte — mas isso é porque são *Imago Dei*, criados à imagem de Deus. A criatividade deles é reflexo da criatividade de seu criador, quer admitam isso ou não. A feiúra de muito da arte moderna é que ela perdeu sua conexão com o divino e a admiração da beleza. Posso lhe sugerir que leia Hans Rookmaaker, *Modern Art and the Death of a Culture*<sup>50</sup> para um debate fascinante e esclarecedor sobre esse tópico? Entrementes, o argumento da beleza permanece um dos mais poderosos pró-Deus. O fato de o senhor não compreender nem concordar com ele dificilmente constitui um argumento racional em contrário.

---

<sup>50</sup> Apollos (1994).

## Experiência Pessoal

O senhor também parece ter enorme dificuldade com este argumento, reduzindo-o àqueles que ouvem vozes (sejam audíveis ou dentro de suas cabeças) ou têm visões. Cita um dos seus ‘mais inteligentes’ alunos de graduação que foi em parte ordenado por causa de uma experiência que teve ao ouvir o diabo enquanto acampava nas Ilhas Escocesas. Aparentemente, tratava-se de um pássaro ‘pardela da Ilha de Man’ (*Manx Shearwater bird*). Não obstante, esse homem ‘inteligente’ foi estúpido o bastante para entender isso como um chamado para o ministério! O que o coloca no nível de outros que o senhor menciona — aqueles que tiveram experiência com um elefante cor de rosa (o senhor já encontrou algum?), o ‘Estripador de Yorkshire’, Peter Sutcliffe, ouvindo Jesus lhe dizer que matasse mulheres, o Presidente George Bush, recebendo ordem de Deus para invadir o Iraque (novamente, qual é a sua fonte dessa informação?) e o povo dos asilos que imagina ser Napoleão ou Charlie Chaplin! Segundo o senhor, a única diferença entre aqueles trancados em asilos e as pessoas religiosas é que essas são mais numerosas. Ora, com certeza há gente que ouve vozes e vêem visões que nada mais são do que simulações. Mas isso significa que toda experiência tal é assim? Sou muito cauteloso para com o povo que me conta que Deus lhe disse alguma coisa — com mais frequência, esse está na periferia da fé e, amiúde, têm sim problemas de saúde mental. Contudo, nunca seria tão arrogante a ponto de supor que esse é o caso de todos.

Outrossim, declara de forma completamente errada o argumento da experiência pessoal. A vasta maioria dos cristãos não crêem por terem ouvido uma voz ou tido uma visão — realmente, a custo tento pensar em alguém conhecido que se enquadre em tal categoria. Entretanto, a experiência pessoal desempenha sim uma parte principal (afinal de contas, é a experiência que melhor conhecemos). C. S. Lewis escreveu uma vez que ele era cristão porque ‘cheguei onde agora estou, não somente por reflexão, mas por reflexão sobre uma experiência particular recorrente. Eu sou um teísta empírico. Eu cheguei a Deus por indução’.<sup>51</sup> Esse é o lugar onde a maioria dos cristãos está. Cremos porque experimentamos e pensamos e refletimos sobre tal experiência.

Há muitos outros tipos de experiência pessoal que, ao menos, dirigem-nos rumo a Deus: a oração respondida, um senso de Deus (‘verdadeiramente Deus está entre vós’), a experiência do milagroso, a experiência das verdades e a veracidade da Bíblia, bem como a experiência de ser cheio com o Espírito, só para citar algumas. Pela minha própria experiência, posso lembrar respostas claras, específicas e diretas à oração, um senso irresistível da presença de Deus, e a Palavra de Deus sendo usada para falar à minha mente, ao meu coração e à minha alma. Estou certo de que o senhor e os seus seguidores reagirão com desdém e justificativas para todas essas coisas e eu, por mim, não argumentaria que creio em Jesus Cristo unicamente devido a qualquer uma delas. Porém, o acúmulo de tais experiências, em adição à verdade da Bíblia, e a observação

---

<sup>51</sup> Citado em C. S. Lewis, *The Authentic Voice*, William Griffin, Lion (1986).

da história, criação e sociedade, resultam em uma apologética pessoal muito poderosa. E não a uma que pode ser simplesmente rejeitada falando-se daqueles que ouvem vozes em suas cabeças. Tudo que vejo ensina-me a confiar no Criador por tudo que não vejo.

## A Bíblia

Como o senhor também cobre isto no capítulo sete, resistirei à tentação de comentar em demasia sobre o que diz nessa seção. Entretanto, há dois pontos que realmente precisam mesmo ser abordados. O senhor começa com uma crítica à asserção de C. S. Lewis que, visto como Jesus reivindicava ser o Filho de Deus, ele deve ter sido um Lunático, um Mentiroso ou Senhor (Louco, Mau, ou Deus). O senhor escreve ‘uma quarta possibilidade, quase óbvia demais para precisar de menção, a de que Jesus estivesse honestamente enganado’. Mas isso é precisamente disso que Lewis trata. Ele faz a afirmação de que, se Jesus estava enganado em sua pretensão de ser o Filho de Deus, equivale a um homem que está honestamente enganado ao pensar que era um ovo cozido — é a parte lunática da equação. O próprio Lewis respondeu a essa objeção quando escreveu em 1950: ‘A idéia de um grande mestre moral dizer o que Cristo disse está fora de questão. Em minha opinião, a única pessoa que pode dizer tal sorte de coisa, ou é Deus, ou um lunático arrematado, sofrendo da forma de delírio que mina a mente toda do homem’. O seu livro tem por título *Deus, um Delírio*. Lewis apresenta-nos uma escolha simples. Ou o senhor está certo e os cristãos são todos pessoas iludidas seguindo a um Jesus iludido, ou a situação se inverteu e, na verdade, os iludidos são aqueles que rejeitam a Jesus e seguem os mitos e razões do sistema de crenças ateuista.

O senhor então continua, declarando: ‘Em qualquer caso, como eu disse, não há nenhuma boa evidência histórica de que ele em algum momento julgou que fosse divino’; o que, traduzindo, significa que ‘não há nenhuma evidência que eu tenha lido em *Free Inquiry* ou em meus outros livros “de introdução” ao ateísmo’. Qual, exatamente, é a evidência histórica que o senhor avaliou? Por favor, note que usar *Free Inquiry*, A. N. Wilson e Robin Lane Fox como suas fontes sobre material bíblico é como me sugerir que aqueles que querem descobrir acerca da evolução devem apenas ir ao *website Answers in Genesis* [Respostas em Gênesis — Trad.]. A evidência histórica para as reivindicações que Jesus fez é bem clara. Os Evangelhos explicitam-na. E, afinal de contas, foi a razão pela qual foi crucificado — porque blasfemou ao alegar ser Deus.

O senhor também ilustra a verdade do ditado de que ‘aprender pouco é coisa perigosa’. Por exemplo, cita como prova conclusiva de que o evangelho de Lucas não é histórico o fato de que um censo ocorreu em 6 d.C., depois da morte de Herodes. No entanto, há prova de que o censo em 6 d.C. foi o segundo do tipo e que o primeiro provavelmente aconteceu em 5 a.C. O problema não é que não há questões e problemas significativos na Bíblia (pois há). O problema é que o senhor, com toda a certeza do

deleite fundamentalista de provar que seus oponentes estão errados, agarra-se à mais frágil evidência e, sem qualquer investigação adicional, faz declarações radicais de que isso prova que a Bíblia está errada.

No tocante a isso, fico impressionado com o quanto o senhor está fora de contato com a moderna erudição bíblica. O senhor escreve: ‘Desde o século 19 os teólogos eruditos firmaram a posição irresistível de que os evangelhos não são relatos confiáveis do que ocorreu na história do mundo real’. A não ser que esteja adotando a locução ‘teólogos eruditos’ como eufemismo para ‘aqueles que calham de concordar comigo’, a sua afirmação é, de forma clara e demonstrável, simplesmente falsa. Posso lhe sugerir que pergunte ao seu colega de Oxford Alister McGrath, Reitor de Wycliffe Hall, por que ele está ignorando essa posição irresistível? Talvez o senhor devesse ler seu livro *Christian Theology: An Introduction*.<sup>52</sup> Tenho certeza de que seria enormemente útil e lhe impediria de cometer os tipos de gafes que o senhor solta aqui.

A sua posição faz-me lembrar de um debate que teve no Dundee Contemporary Arts Centre a respeito de *O Código Da Vinci*.<sup>53</sup> Durante o transcorrer da noite a mais acalorada oposição adveio de duas pessoas que faziam a mesma afirmação de que os eruditos não mais aceitavam os Evangelhos como relatos históricos. Quando um homem foi desafiado sobre isso e contou que ‘era do século XX’ (ainda que, de fato, fosse do século XIX) teve dificuldade em citar um erudito moderno que adotasse tal posição. Por fim, chegou ao nome de Bultmann, cuja obra principal foi realizada na primeira metade do século XX. Por outro lado, consigo pensar em no mínimo 20 dos principais eruditos bíblicos em ‘autênticas’ Universidades de hoje (não nos institutos bíblicos de lata Mickey Mouse) que defendem a historicidade básica dos Evangelhos. Pelo menos, toda afirmação que alegue que a posição erudita é que a evidência histórica pró-Bíblia é a mesma daquela de *O Código Da Vinci* é, quando muito, ignorante e, na pior hipótese, categoricamente ilusória. Realmente, é tão impressionante em sua audácia que me lembra a máxima de Goebbels de que, quanto maior a mentira (e quanto mais ela é declarada com convicção absoluta) mais pessoas, provavelmente, nela acreditarão.

## **Cientistas Religiosos**

O senhor também atribui aos teístas um argumento algo estranho: ‘O Argumento dos Admirados Cientistas Religiosos’. Digo ‘estranho’ porque jamais ouvi alguém dizer que creu em Deus porque tal e tal cientista crê. Entretanto, o que nós dizemos sim é que a tentativa ateísta de colocar a ciência contra a religião é uma que é fatalmente minada pelo considerável número de cientistas que também são crentes. E acho que é o que o incomoda e a explicação de ser tão crítico acerca daqueles de que o senhor sabe.

---

<sup>52</sup> Blackwell (1993).

<sup>53</sup> No Brasil, publicado pela editora Sextante (2004) (N. do T.)

Cuidadosamente descarta todos os cientistas pré-darwinistas alegando que era normal para as pessoas professarem crença e que ficariam sob pressão se não o fizessem.

Certamente, tal é o seu desdém por seus companheiros cientistas que até dá a entender que aqueles que continuam a professar fé podem estar agindo assim por fatores sociais ou econômicos. Ademais, o senhor afirma que são tão raros que ‘se sujeitam à divertida perplexidade de seus pares da comunidade acadêmica’. Assim, Asa Gray (botânico americano), Charles D. Walcott (descobridor dos fósseis Burgess Shale), T. Dobzhansky (biólogo evolucionista russo ortodoxo), R. J. Berry (Professor de Genética da University College London), Owen Gingerich (Professor de Astronomia e História da Ciência em Harvard) e Francis Collins (Chefe do Projeto Genoma Humano) são todos ‘fontes de divertida perplexidade? Penso que nada ilustra mais a sua arrogância e ódio quase patológico de Deus e da religião do que essa opinião desrespeitosa, condescendente e do tipo quem-não-é-por-nós-está-contrá-nós sobre seus colegas cientistas.

A propósito, observei com interesse sua nota de rodapé contrastando o cabeça ‘administrativo’ do ramo americano do Projeto Genoma Humano com ‘o brilhante e não religioso pirata’ da ciência, Craig Venter. É um contraste interessante, mais ainda pela linguagem descritiva que o senhor emprega. Mas o que mais me fascina é a maneira diferente com que as diferentes cosmovisões impactaram o modo com que eles queriam empregar sua ciência. Ao passo que Francis Collins, o cristão, queria conservar o Projeto Genoma Humano no domínio público e a informação disponível e acessível a todos, o seu ‘brilhante e não religioso pirata’ desejava privatizar o projeto inteiro para fazer dinheiro. Sua companhia, Celera, tinha por objetivo arquivar patentes sobre muitos dos genes e, tivessem logrado êxito, os dados teriam sido disponibilizados somente àqueles que pagassem grandes somas em dinheiro. Penso que é uma metáfora idônea para a diferença entre duas cosmovisões muito distintas. Por um lado, há uma aliança da ciência com aqueles que procuram utilizá-la para o bem público de todos (e não apenas para o lucro privado), que reconhecem os limites dela e crêem que são responsáveis perante Deus pelo que fazem com seus dons. Por outro, há uma aliança da ciência com uma moralidade e materialismo ímpios que visam a empregar o conhecimento para proveito pessoal e lucro particular. Julgo que já estivemos nessa rota científico-materialista antes — creio que Stálin, Mao e Hitler, todos eles pensavam que suas sociedades deveriam ser governadas com tal ‘ciência’ e moralidade. Desculpe-me se isso ofende o senhor, não estou tentando igualar o seu ateísmo ‘bom’ com o maldoso, mas, honestamente, creio que isso é para onde possivelmente o seu ódio ateísta de Deus guiará a sociedade. De fato, esta é uma das razões pela qual acredito no Deus da Bíblia — porque, sem tal cosmovisão bíblica, não tenho nenhuma explicação real, nem defesa contra o mal de que os humanos são capazes.

Deixe-me encerrar destacando que o senhor omitiu o mais importante argumento de todos em prol da existência de Deus — a pessoa e a obra de Jesus Cristo. De longe, a



razão número um pela qual creio e confio em Deus é devido a Jesus Cristo.

Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo. O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa. (Hebreus 1.1-3, NVI).

A presença, o poder e a perfeição de Jesus Cristo não é nenhuma ilusão.

Seu, etc.  
David

## SEXTA CARTA: O MITO DO DEUS CRIADO E DO UNIVERSO INCRIADO

Caro Dr. Dawkins:

Finalmente chegamos ao centro de seu livro e do seu principal argumento. O título do quarto capítulo é uma arrojada pretensão: ‘Por que é quase certo que não há Deus’. Nele o senhor se propõe a provar, tanto quanto possível, que não há Deus. Acho surpreendente esse capítulo. Permita-me explicar o porquê. Eu esperava que a sua posição contrária a Deus fosse uma posição cumulativa — um pouco como o seu ponto de vista da evolução. Confrontado com a montanha da Divindade e a crença universal da humanidade em um Deus ou deuses, esperava que o senhor escalasse gradualmente o Monte Improvável, construindo um argumento lentamente e nos conduzindo, por um processo cumulativo, à opinião de que não há Deus. Entretanto, esforça-se para obter o grande salto. Julga ter o argumento formidável e poder ir direto para o Santo Graal do ateísmo para, em seguida, descer pela ladeira deslizando suavemente, coletando os argumentos teístas remanescentes por já haver provado que não existe Deus nenhum.

O que é o argumento formidável? Aquele que nem mesmo Nietzsche conseguiu encontrar? O seu argumento é como este. A evolução é verdadeira. Ela explica a ilusão do projeto. O argumento do projeto é o principal em favor de Deus. Logo, não há Deus algum. E o porquê de o argumento do projeto não lograr êxito? Qual o ponto que o senhor pensa que quase certamente prova que não há Deus? Qual o núcleo e o coração da sua justificativa intelectual por seu ateísmo emocional? É assombroso. (Quase sinto neste ponto que deveria haver um tambor...) O argumento é: Quem projetou o Projetista?

Em outras palavras:

Mais uma vez, isso se dá porque o(a) projetista mesmo (a) imediatamente levanta o problema de sua própria origem.

De fato, o projeto não é, absolutamente, uma alternativa real porque levanta um problema até maior do que o que resolve: quem projetou o projetista?

Porém, seja o que for que possamos dizer mais, o projeto decerto não funciona como explicação para a vida, porque o projeto, definitivamente, não é cumulativo.

Como sempre, a resposta dos teístas é profundamente insatisfatória porque deixa a existência de Deus sem explicação.

Sugerir que o primeiro móvel original era complicado o bastante para favorecer o projeto inteligente, para não dizer da mente lendo milhões de humanos simultaneamente, é equivalente a obter sozinho uma mão perfeita no jogo de *bridge*.

É claro que este ponto é muito importante para o senhor e o fundamento do restante de seus argumentos. Quando o li, fiquei verdadeiramente chocado. Não por causa de sua originalidade, força formidável ou lógica irresistível, mas, antes, devido à sua banalidade. ‘Quem criou Deus?’ é uma questão que eu esperaria de alguém com seis

anos de idade. ‘Quem criou Deus então?’ é a crítica que eu esperaria desse. Fico verdadeiramente surpreso em descobrir o mais famoso ateu do mundo (agora que o filósofo Antony Flew<sup>54</sup> bandeou-se) e Lente de Oxford servindo-se dele, usando-o como o fundamento intelectual de seu ateísmo. Esse é o argumento que vai mudar o mundo? Essa é a solução?! Perdoe-me a incredulidade e talvez até o leve tom zombeteiro, mas o senhor é muito célere para ridicularizar alguns dos mais estúpidos argumentos teístas. Usar o argumento ‘Quem fez Deus?’ é o equivalente ateu do argumento do grau.

A resposta à questão sobre quem criou Deus é simplesmente ‘ninguém’. Deus não foi feito. Deus é o Criador, não a criação. Deus está fora do tempo e do espaço. (Isso não quer dizer que ele também não esteja no tempo e no espaço e que não haja evidência plena dele ali.) Deus cria *ex nihilo*. Isso é o que o torna Deus. Ele não cria a partir do que já há. Ele cria o tempo, o espaço e a matéria do nada. No seu lugar, percebo que é contra-senso porque o âmago do seu credo é que evolução significa que tudo principia do simples e se torna mais completo, logo, porque é esse o caso (e qualquer projetista teria que ser incrivelmente complexo) Deus não pode existir. Mas, mesmo se admitirmos que isso é verdade para a biologia, biologia não é tudo. Como Joe Fitzpatrick argumenta, ‘Dawkins é metodologicamente confuso, tomando um princípio da ciência biológica e fazendo-o um princípio universal’<sup>55</sup>. Argumentar como o senhor argumenta é dar um incrível salto de fé e fugir da pergunta. Quem diz que tudo, inclusive o próprio Deus, tem que vir de alguma coisa? Os cristãos e os outros teístas não argumentam que Deus foi criado. Esse é precisamente o ponto. Ele não veio de lugar algum. Ele sempre foi. Ele não se desenvolveu, tampouco foi criado. Se há um Criador pessoal do Universo, então faz todo o sentido reputá-lo como complexo, além da nossa compreensão e eterno. Quando o senhor declara que pode refutar Deus porque *de facto* jamais pode haver alguma coisa incriada está empregando um argumento circular. Nós não cremos em um Deus criado. Cremos em um poder incriado sobrenatural. Infelizmente, o senhor nada refuta quando argumenta contra a existência de um Deus criado.

Supondo nós, por agora, que a evolução seja verdadeira, qual a razão pela qual essa invalida Deus? Supondo nós que o movimento do Projeto Inteligente esteja errado — porque isso invalidaria Deus? Invalidaria um argumento que certos teístas usam, mas há muitos outros argumentos. Além disso, há muitos cristãos que não aceitam a ciência PI e que continuam sendo crentes no Deus da Bíblia. O senhor menciona com especial encômio Kenneth Miller, da Brown University e autor de *Finding Darwin’s God*<sup>56</sup> [Descobrendo o Deus de Darwin — Trad.]. Ele discorda veementemente de Michael Behe, um dos principais cientistas do PI, bem como de todo o movimento PI. Pela sua

---

<sup>54</sup> O filósofo Anthony Flew, ateu durante toda a sua vida, recentemente anunciou que foi persuadido pela evidência do projeto inteligente que havia um ser supremo. A conversão dele foi ao deísmo, não necessariamente ao teísmo.

<sup>55</sup> Na revista católica *Open House*, (Janeiro de 2007)

<sup>56</sup> HarperCollins (2000)

lógica ele então deveria ser um ateu. Mas não é. Ele é teísta. Tenho certeza de que não o chamará de estúpido, mas acusará outros teístas que também são ‘bons’ cientistas de ‘separar em compartimentos’. À minha mente isso é condescendência e o equivalente a acusá-los de desonestidade fundamental. Para o senhor, eles possuem a evidência para provar que não há Deus (quem projetou o projetista?) mas não têm a coragem moral ou a capacidade mental para adotar as conclusões lógicas. Salvo, naturalmente, se tais conclusões não forem lógicas. Nas palavras de McGrath, ‘há um substancial hiato lógico entre darwinismo e ateísmo, o qual Dawkins parece preferir unir pela retórica em vez de pela comprovação’<sup>57</sup>.

A fim de haver seleção natural têm que haver alguma coisa para se selecionar. De onde proveio esta? Eis onde as ‘provas teístas’ de Aquino — o Móvel não movido, a Causa não causada e os argumentos cosmológicos — entram. Em termos da origem da matéria só há três alternativas:

1. Alguma coisa veio de coisa nenhuma. Em um ponto não havia universo algum, não havia material algum, não havia matéria, tempo nem espaço algum. E desse grande nada adveio o Big Bang e nosso vasto universo, nosso planeta minúsculo, a evolução e as espécies humanas. Semelhante concepção está além dos domínios da razão e é uma fantasia totalmente sem sentido.
2. Alguma coisa era eterna. Noutras palavras, a matéria já existia. Havia um pedaço de rocha, ou uma massa de gás ou alguma espécie de matéria que não teve início nenhum e, provavelmente, não terá fim. E, em algum instante, tal matéria explodiu e deu no bem ajustado e maravilhoso universo que ora habitamos.
3. Alguma coisa foi criada — *ex nihilo* — do nada. E o Criador tinha que ser incrivelmente poderoso, inteligente e impressionante, além de nossa imaginação.

Eu não consigo ver qualquer outra alternativa lógica. O senhor consegue? Achei fascinante que o senhor, quando foi desafiado sobre isso, argumentou que não conhecemos de onde a matéria veio mas um dia os cientistas descobrirão. A despeito dessa comovente fé na onisciência potencial dos cientistas, receio que eles não descobrirão. A existência de Deus não depende do argumento do projeto sobre a evolução; ela *depende* do fato de que, se de algum modo há matéria, e que vivemos em um universo que tem um tal ajuste fino que a vida é absolutamente possível. Por que há alguma coisa em vez de coisa nenhuma? E por que alguma coisa conseguiu produzir a você e a mim? Essa não é uma questão que se possa apenas pôr de lado ou não se ter por ela interesse algum.

Prossigamos à segunda etapa. Não é apenas o fato de que, de alguma forma, a

---

<sup>57</sup> Dawkins God, Blackwell (2004) p. 87

matéria exista, mas que essa esteja tão ordenada que a vida pode existir. Quando menino, fui criado em uma área que tinha pouquíssima poluição e assim, durante as noites de inverno, muitas vezes caminhava sob as estrelas, arriscando-me machucar ao continuamente olhar de modo demorado para cima. As estrelas assombam, espantam e fascinam a mim. Hoje, posso visitar o observatório local em Dundee onde sou saudado por uma inscrição acima da porta: ‘Este observatório foi entregue para que você possa observar as maravilhas do Criador nos céus’. Acima da porta dos ‘velhos’ Laboratórios Cavendish em Cambridge — onde J. J. Thompson descobriu o elétron e Crick e Watson definiram a estrutura do DNA — há uma inscrição: *Magna opera Domini exquisita in omnes voluntates ejus* (Grandes são as obras do Senhor, e para serem estudadas por todos os que nelas se comprazem, Salmo 111.2, ARA). Tal teologia não parece ter entravado as ciências em Cambridge, a qual ainda consegue produzir mais ganhadores do prêmio Nobel do que qualquer outra instituição, Oxford incluída: 29 prêmios Nobel em Física, 22 em Medicina e 19 em Química!

Fixar o olhar nas estrelas é para mim uma das maiores, senão a maior razão para crer em Deus. Achava difícil acreditar que este vasto universo existiu por si mesmo, ou como resultado de um acidente. À medida que cresci em idade e em conhecimento, foi um deleite real descobrir que meus instintos naturais na observação estão em consonância com o que a ciência também descobriu. Ao passo que luto com a maioria dos livros sobre evolução devido à falta de conhecimento (os livros do senhor são, verdadeiramente, os mais acessíveis e interessantes), realmente gosto de cosmologia. Recentemente estive lendo *God’s Universe* [O Universo de Deus], de Owen Gingerich, e *The Language of God* [A Linguagem de Deus] de Francis Collins, o qual explana, de forma linda, o porquê de o Universo ser a melhor evidência para a existência de Deus. Após entrar em detalhes acerca das maravilhas do Big Bang, Collins cita com louvor o astrofísico Robert Jastrow, de *God and the Astronomers* [Deus e os Astrônomos]<sup>58</sup>: ‘Para o cientista que vive pela fé no poder da razão, a história termina como um sonho ruim. Ele escalou a montanha da ignorância; ele está para conquistar o mais alto pico; quando se agarra à rocha final, é saudado por um grupo de teólogos que estavam sentados ali há séculos’. Pensei que o senhor gostaria disso!

Jastrow também escreve: ‘Agora percebemos como a evidência astronômica conduz ao ponto de vista bíblico sobre a origem do mundo. Os detalhes divergem, mas os elementos essenciais e os relatos astronômicos e bíblicos de Gênesis são os mesmos; a cadeia de eventos conducente ao homem começou súbita e nitidamente em um momento definido no tempo, em um clarão de luz e energia’. Stephen Hawking destaca que, se a taxa de expansão um segundo depois do Big Bang houvesse sido menor até do que uma parte em dez mil milhões de milhões, o universo teria entrado outra vez em colapso antes de alcançar seu presente estado. Se tivesse sido maior do que uma parte em um milhão então as estrelas e os planetas não teriam sido capazes de adquirir forma.

---

<sup>58</sup> W. W. Norton (2000)

Não é horripilantemente incrível? Constantes como a velocidade da luz, a força da gravidade e o eletromagnetismo necessitam todas juntamente trabalhar de maneira precisa para haver vida. Aparentemente, há quinze constantes semelhantes. Maravilhoso e incrível.

Se o senhor mantém a posição de que a matéria é eterna, a qual deve ter como ateu racionalista, então é deixado com essa incomensurável improbabilidade de ajuste fino do Universo. E é uma improbabilidade que não pode ser explicada pela evolução, pois que não há nada para se desenvolver. A questão é, como obtivemos as condições para a evolução? Acho que argumentará que somos muito, muito, muito sortudos — sortudos ao ponto de um em dez mil milhões de milhões. Isso exige uma quantidade enorme de fé. Semelhante ao exemplo que o senhor cita do filósofo John Leslie, que fala sobre um homem sentenciado à morte de pé, frente a um pelotão de fuzilamento de dez atiradores peritos. Todos eles erram. Lá poderia haver algum jeito de explicar semelhante ‘boa sorte’, mas é um evento muito improvável. Multiplique isso um milhão de vezes e terá a improbabilidade do universo tal como o temos. Assim, a fim de evitar isso, o que o senhor pode fazer? Bem, pode inventar o multiverso, a opinião de que há bilhões de universos coexistentes como bolhas de sabão e as chances são de que pelo menos um terminará com alguma forma de vida. Cita até a posição de Lee Smolins de que os universos filhos nasceram de universos pais e que, com efeito, assim se desenvolvem, finalmente alcançando um estágio onde a vida é possível. Essa é realmente uma alegação especial e indica desespero para provar e explicar o universo que temos sem Deus.

Continua dizendo-nos que a ciência é sobre o que podemos observar, que é sobre evidência factual e empírica. O conceito de multiverso é um contra-senso de ficção científica pelo qual não há uma evidência que seja. Quase se obtém a impressão de que aceitaria qualquer teoria conquanto que ela não envolvesse a possibilidade de haver um Deus! Tal se torna particularmente patente quando avançamos para o último capítulo: ali, leva essa especulação ainda mais adiante citando *The Fabric of Reality: Towards a Theory of Everything*<sup>59</sup> [A Construção da Realidade: Para uma Teoria de Tudo] de David Deutsch. Deutsch especula que há um número de universos vasto e que cresce rapidamente, existindo em paralelo e mutuamente indetectáveis — salvo através da janela dos experimentos de mecânica quântica. O senhor escreve que, ‘em algum desses universos eu já estou morto. Em uma pequena minoria deles, você tem um bigode verde’. E o senhor ainda tem a coragem de ridicularizar aqueles dentre nós que crêem que o Criador do Universo possa ressuscitar os mortos! Está tão desesperado para evitar Deus que tem fé em um universo onde há bigodes verdes? Por que parar ali? Porque não propõe que o filme dos irmãos Wachowski brothers, *The Matrix*, está correto? O mundo em que vivemos não é de fato real — somente imaginamos que seja porque estamos ligados por fios a um computador gigante que alimenta nossas mentes com a ilusão da

---

<sup>59</sup> Penguin Books Ltd (1998)

realidade. Será que há algum computador gigante em algum lugar que esteja alimentando a nossa mente com a ilusão de que estamos realmente lendo isto?!

Gosta de apregoar que a sua posição é uma posição lógica causada pelo fato de que Darwin elevou-lhe a consciência e parece pensar que aqueles que não concordam com o senhor não são tão altamente desenvolvidos (pelo menos em consciência). A sua posição é a posição científica e prepara o debate para que sejam sempre as forças da razão e da ciência contra a irracionalidade cega da fé. Sinto muito, mas justamente isso não se enquadra com os fatos. Na verdade, ainda que declare que a ciência é o motivo pelo qual não crê em Deus, o senhor não oferece razões científicas sólidas quanto ao porquê não devemos acreditar em Deus. Os seus argumentos pró-atéísmo como sistema de crença são basicamente argumentos não-científicos. E o senhor precisa parar de apresentar de modo inapropriado aqueles dentre nós que crêem em Deus como assim agindo porque estão buscando um ‘Deus das lacunas’ — alguém que as preenche até a ‘ciência’ dar-nos a resposta real. A razão pela qual cremos em Deus é *devido* à evidência, *devido* à ciência (conhecimento), *devido* ao que vemos no universo. Como declara Francis Collins, ‘há bons motivos para se crer em Deus, incluindo a existência dos princípios matemáticos e a ordem na criação. São razões positivas, baseadas no conhecimento, em vez das hipóteses padrões baseadas numa falta temporária de conhecimento’<sup>60</sup>. Trocaria o temor do entendimento pelo temor da ignorância em certo período.

Permita-me deixá-lo com duas outras citações:

Os melhores dados que temos são exatamente os que eu teria previsto, não tivesse eu nada com que prosseguir senão os cinco livros de Moisés, os Salmos, a Bíblia como um todo. (Arno Penzias, o ganhador do prêmio Nobel que descobriu a radiação de fundo que provou o Big Bang.<sup>61</sup>)

Seria difícil explicar porque o universo teria se iniciado justamente dessa maneira, a não ser como ato de um Deus que pretendeu criar seres como nós. (Stephen Hawking, *A Brief History of Time*.)

Pessoalmente, estou persuadido que um Criador superinteligente existe além e dentro do cosmos, e que o rico contexto da congenialidade revelado pelo nosso universo, permitindo e fomentando a existência de vida autoconsciente, é parte do desígnio e do propósito do Criador. (Owen Gingerich, *God’s Universe*.)

... a extrema dificuldade, ou antes impossibilidade, de conceber este imenso e

---

<sup>60</sup> *The Language of God*, p. 93

<sup>61</sup> Malcolm Browne, Clues to the Universes Origin Expected, *New York Times*, Mar. 12, 1978, p. 1, col. 54, citado em Jerry Bergman, Arno A. Penzias: Astrophysicist, Nobel Laureate, <http://www.asa3.org/ASA/PSCF/1994/PSCF9-94Bergman.html>

maravilhoso universo, incluindo o homem, com sua capacidade para olhar muito para trás no passado e muito para dentro no futuro, como o resultado da chance ou necessidade cegas. Ao assim refletir, sinto-me compelido a olhar para a Primeira Causa como tendo uma mente inteligente em algum grau análogo àquela do homem; e mereço ser denominado teísta. (Charles Darwin, citado no livro que o senhor menciona — *Finding Darwin's God*, de Brown.)

Ao trazer à baila o argumento da origem da matéria e do universo o senhor, na verdade, marcou um enorme gol contra. Em vez de provar que é quase certo que não há Deus nenhum, demonstrou que quase certamente há. Poderia ser uma boa idéia descobrir quem ele é, parar de enterrar a sua cabeça na areia e parar de brandir seu punho a um Deus que diz que não pode existir porque, a fim de existir, ele teria de ser mais complexo que o senhor. Ele é.

Seu, etc.  
David

P.S.: Há muitas coisas nesse capítulo às quais não reagi, incluindo outro ataque à Fundação Templeton e crítica adicional a um outro apóstata, o desacreditado cientista Freeman Dyson. Mas há duas citações às quais não consigo resistir. Primeiro, o senhor assinala que ‘é extremamente ilógico exigir documentação completa de todos os passos de todas as narrativas, seja em evolução, seja em qualquer outra ciência’. Concordo. Posso sugerir que também aplique aquilo à teologia e à Bíblia? Por que exige que temos que ter evidência e documentação de todos os detalhes de todos os eventos descritos na Bíblia? Naturalmente, temos ciência de que há ‘lacunas’, mas por que exige isto, que, a menos que as preenchamos e forneçamos ‘o quadro completo’, então devemos ser classificados como falsos?

Segundo, declara que, ‘quando pressionados, muitos cristãos educados são por demais leais para negarem o nascimento virginal e a ressurreição. Mas isso os embaraça porque as mentes racionais sabem-no ser absurdo, assim, prefeririam muito que não fossem perguntados’. Errado. Um cristão educado crê no Deus da Bíblia que criou esse universo todo maravilhoso. Ressuscitar os mortos ou criar um nascimento virginal parece-me ser, se não bastante irrisória em comparação, no mínimo muito provável e factível e, decerto, não ilógico. Além do que, eu o consideraria, como um todo, muitíssimo mais lógico crer que um Deus onipotente eterno pode ressuscitar os mortos do que acreditar que a explicação para o nosso universo envolve haver multiversos nos quais eu exista ou já esteja morto — com ou sem meu bigode verde!



## SÉTIMA CARTA: O MITO DO MAL INERENTE DA RELIGIÃO

Caro Dr. Dawkins:

Há um versinho infantil inglês – *The Grand Old Duke of York* [O Magnífico Duque Velho de York]. O senhor sabe como é:

*The Grand Old Duke of York*

*He had ten thousand men;*

*He marched them up to the top of the hill;*

*And he marched them down again.* <sup>62</sup>

Tenho o sentimento de que esse é o lugar em que nós agora chegamos. O senhor nos levou até ao topo da colina para provar por que não há Deus. Tendo falhado, em minha opinião, no resto de seu livro o senhor agora marcha para baixo de volta, batendo violentamente em seus alvos religiosos favoritos pelo caminho. O quinto capítulo, sobre as raízes da religião, é a sua tentativa de responder por que a religião é tão preponderante em todas as sociedades por todo o mundo. ‘Conquanto os detalhes difiram por todo o mundo, a nenhuma cultura conhecida falta alguma versão dos rituais consumidores do tempo, da saúde, provocadores de hostilidade e das fantasias contraproducentes anti-factuais da religião.’ O oitavo capítulo continua com o título da sua série do Channel Four TV, ‘The Root of all Evil?’ Acho difícil responder à sua análise nesses dois capítulos porque elas dependem da tese falida de que se provou que Deus não existe e, porque o seu tratamento da religião é sem equilíbrio, distorcido e contemplativo, não tanto de análise objetiva, mas dos seus sentimentos subjetivos anti-Deus.

Tem havido numerosas tentativas para explicar o porquê de a religião ser tão predominante. Alguns neurocientistas argumentam que há um ‘centro deus’ no cérebro; alguns psiquiatras defendem o efeito placebo da religião, pelo qual as pessoas são confortadas e têm seu *stress* reduzido; os marxistas defendem a posição de que a religião é um instrumento da classe dominante para subjugar seu povo; e os freudianos argumentarão que a religião é parte do mesmo mecanismo irracional no cérebro que nos faz apaixonar por alguém. Esse último ponto me lembra do estudo que fiz, quando aluno da Universidade de Edimburgo, no livro de E. P. Thompson, *The Making of the English Working Class* [A Criação da Classe Trabalhadora Inglesa] <sup>63</sup>, em que ele justifica que o reavivamento metodista foi uma expressão de sexualidade reprimida.

---

<sup>62</sup> Em português: *O Magnífico Duque Velho de York/ Ele tinha dez mil homens;/ Ele marchou rumo ao topo da colina;/ marchou para baixo de novo.* (N. do T.)

<sup>63</sup> Gollancz (1963)

Naquele momento eu o achei uma explicação forçada e algo divertida.

Sua própria preferência é propor que a religião seja um subproduto falho da seleção natural. De algum modo desenvolvemos um mecanismo de sobrevivência, o que significa que tendemos a ser obedientes aos nossos ancestrais. Os filhos, por natureza, possuem obediência e confiança, as quais, apesar de serem boas para a sobrevivência, torna-os mui passíveis de serem ludibriados por ‘vírus mentais’ tais como religião. Eis onde outra de suas teorias prediletas entra em ação – o conceito de memes<sup>64</sup>. Essa é uma tentativa de ligar a evolução darwinista ao desenvolvimento das idéias. No que diz respeito à religião, isso significa, como mostra McGrath, que ‘as pessoas não crêem em Deus porque pensaram longa e cuidadosamente sobre a matéria; elas agem assim por terem sido infectadas por um poderoso meme’.<sup>65</sup> Mas essa idéia é derrubada em pelo menos três níveis. Primeiro, não há nenhuma comprovação empírica de uma tal teoria — mais uma vez, essa é uma ‘ciência das lacunas’ apenas compondo as coisas à medida que prosseguem para sua todo-abrangente teoria evolucionista. Segundo, se fosse verdadeira, então suas próprias idéias, incluindo a evolução darwinista, seriam também consideradas memes. Terceiro, como destaca Simon Conway Morris, Mestre de Paleobiologia Evolucionista na Universidade de Cambridge, ‘os memes são triviais, sendo banidos por simples exercícios mentais. Em qualquer contexto mais amplo, são inapelavelmente, se não hilariamente, simplistas.’<sup>66</sup> E eu iria além. Eles são perigosos. Se você considera a religião como um vírus o que deve ser feito com um vírus? Ele deve ser erradicado.

O que me leva a pular para o capítulo oito – ‘O que Está Errado na Religião?’ O senhor declara que não gosta de confronto e que ‘regularmente recusa convites para tomar parte em debates formais’. Infelizmente, não acredito nisso. O seu livro contém grande confrontação. Cerca-se daqueles que concordam com o senhor antes de ser agressivo com quem discorda. Na verdade, estabelece debates e nesse capítulo com um mito/meme básico que exerce grande influência sobre a nossa cultura hoje em dia. É o ponto de vista de que a religião é, em essência, algo mau e que o ateísmo, em contraste, é bom. Ao passo que só um tolo negaria o fato de que alguns aspectos da religião e algumas pessoas religiosas causaram uma grande quantidade de malefício no mundo, é igualmente tolo fazer a sorte de afirmações totalmente irresponsáveis que o senhor faz aqui – a fim de ajudar a desenvolver o mito de que a religião é essencialmente nociva.

---

<sup>64</sup> “Um **meme**, termo cunhado em 1976 por Richard Dawkins no seu *bestseller* controverso *O Gene Egoísta*, é para a memória o análogo do gene na genética, a sua unidade mínima. É considerado como uma unidade de informação que se multiplica de cérebro em cérebro, ou entre locais onde a informação é armazenada (como livros) e outros locais de armazenamento ou cérebros. No que respeita à sua funcionalidade, **o meme é considerado uma unidade de evolução cultural que pode de alguma forma autopropagar-se**. Os memes podem ser idéias ou partes de idéias, línguas, sons, desenhos, capacidades, valores estéticos e morais, ou qualquer outra coisa que possa ser aprendida facilmente e transmitida enquanto unidade autônoma” [Fonte: Wikipedia]. (N. do T.)

<sup>65</sup> Citado em McGrath, *Dawkin's God* [O Deus de Dawkins].

<sup>66</sup> De Simon Morris, *Life's Solution: Inevitable Humans in a Lonely Universe* [A Solução da Vida: Inevitáveis Humanos em um Universo Solitário], Cambridge University Press (2003)

Essa é uma meia-verdade ateuista que é errônea, mas amplamente aceita. O jornal *The Guardian* publicou em dezembro de 2006 uma pesquisa entre o povo britânico que deixou claro que a maioria julgava que a religião era prejudicial e causadora de divisões. Naturalmente, todas as religiões foram indiscriminadamente ajuntadas como uma coisa só. É o equivalente da doutrina do eixo do mal — o mundo está dividido entre os caras bons e os caras maus. O senhor compartilha esse ponto de vista simplista fundamentalista.

Porém, não gosta de ser chamado de fundamentalista. Pela sua definição, um fundamentalista é alguém que acredita ‘em um livro sagrado’. Um fundamentalista jamais mudaria de opinião: ‘cremos na evolução porque a evidência a apóia, e abandona-la-íamos no dia seguinte se nova evidência surgisse que a desaprovasse. Nenhum fundamentalista de verdade jamais diria algo do tipo’. Sério? Eu creio que a Bíblia é verdadeira. Eu creio que Jesus ressurgiu dos mortos. Eu creio que Deus é o Criador do céu e da terra. Eu creio que todos os seres humanos igualmente são criados à imagem dele. E eu abandonaria tais crenças amanhã se nova evidência surgisse para invalidá-las.

Penso que há várias razões pelas quais o senhor é denominado fundamentalista. Primeiro, é cioso daquilo em que crê. Alguém que é cioso do que crê é amiúde rotulado de fundamentalista. Ora, naturalmente, argumenta que a hostilidade que o senhor ‘ocasionalmente exprime para com a religião está limitada a palavras’. Não vai soltar bombas em ninguém nem cortar a cabeça ou pilotar aviões em direção a edifícios. Mas na página 318 contradiz-se diretamente ao comentar o velho adágio: ‘Paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas palavras jamais poderão me machucar’. Declara que ‘o adágio é verdadeiro conquanto você não acredite realmente nas palavras’. O que vale para um vale para outro.

Se o senhor se preocupa com o impacto que as palavras usadas pelos religiosos possa ter então deve aplicar os mesmos critérios a si próprio. Quando sai descrevendo a religião como mal e como vírus não deve ficar surpreso se houver aqueles ouvintes das suas palavras que as puserem em prática de um jeito que o senhor não gostaria. Bons Mestres de classe média oriundos de Oxford não matam (a menos que o senhor assista a *Inspector Morse*) mas não era assim no tempo dos Mestres de Nuremberg nos anos 1930. Ateus não soltam bombas nem incendeiam? Experimente disser isso aos membros das 77 igrejas da Noruega que ficaram completamente queimadas quando alguns ultrazelosos jovens ateuistas aceitaram e puseram em prática o ensino sobre quão perigosa e má a religião era. O senhor claramente esquece também o poderoso apelo à ação de alguns dos grandes pensadores ateus do passado recente. Bakunin e Lênin, por exemplo, argumentavam que a religião era um vírus que precisava ser erradicado — os dois defenderam e implementaram a matança de crentes como obrigação social. Nisso estavam somente desenvolvendo a filosofia de Nietzsche:

Chamo o cristianismo de a grande maldição, a grande depravação intrínseca, o grande instinto de vingança pelo qual nenhum meio é venenoso, secreto, subterrâneo e tacanho o bastante – Chamo-a a mancha imortal da humanidade....

Um outro escritor ateu, ao advogar ataques àqueles que acreditam no Deus judeo-cristão, escreve:

Qualquer metodologia anticristo inteligente envolverá nesse ponto a consolidação da força, da educação pública nos caminhos da ciência e da lógica para os nossos membros individuais, bem como ações tomadas contra os crentes remanescentes. A nova sociedade deve primeiramente se estabilizar e chegar ao ponto da auto-suficiência econômica e do crescimento nas áreas social, intelectual, econômica, tecnológica e cultural. Uma vez que isso for conseguido, as execuções dos cristãos e judeus teimosos não incomodarão a ninguém. (Tirado do *website* da ‘Church Arson’ [‘Igreja Arson’].)

Com certeza, seria inteiramente errôneo tomar as ações e palavras de um punhado de extremistas ateus como sendo indicadoras dos ateus em geral (como é igualmente errôneo da parte do senhor tomar as ações e palavras de um punhado de extremistas ‘cristãos’ como indicadoras dos cristãos), mas por favor tenha em mente que a sua veemência e linguagem podem ter conseqüências tão sérias quanto as conseqüências da veemência e linguagem de alguns fundamentalistas ‘religiosos’.

Segundo, o senhor não debate — o que dá a impressão de que sabe que está certo e que nada há realmente a se discutir. Isso também reforça a impressão de que opera dentro de uma cosmovisão mui estrita. Nesse sentido, o seu *website* fundamentalista tem mais fiéis fundamentalistas do que mutos religiosos que eu conheço. Um outro sentido em que o senhor pode ser descrito como fundamentalista é o jeito com que ataca alguém que se atreve a discordar e quão jubilarmente pula para os livros que apóiam o seu ponto de vista. Um exemplo disso é quando critica severamente Madre Teresa como mulher com ‘discernimento vesgo’, indigna de um Prêmio Nobel e ‘santarrona hipócrita’, baseado em um livro hostil que leu.

Terceiro, a sua paródia, zombaria e representação falsa daqueles que discordam do senhor. É fácil agir assim quando não se aceita debate com eles, mas não é decente. Como salientou C. S. Lewis, ‘tais pessoas constroem uma versão de cristianismo adequada a uma criança de seis anos e fazem daquela o objeto de seu ataque’.<sup>67</sup>

O capítulo oito, por exemplo, está cheio dos piores exemplos dessa espécie de ‘raciocinar’. O senhor cita o caso de Abdul Rahman que foi sentenciado à morte porque se converteu ao cristianismo. E isso no Afeganistão moderno e liberto que instituímos, onde nossos soldados estão atualmente morrendo para defender. Em seguida, iguala o Talibã afegão com ‘o Talibã americano’. Isso é insincero e desonesto. Embora haja

---

<sup>67</sup> C. S. Lewis, *Mere Christianity* (1952)

muitos aspectos da associação entre política direitista e certo evangelicalismo nos EEUU que não posso apoiar, é claramente errado compará-los com o Talibã no Afeganistão. Ninguém (mesmo extremista) está exigindo do Estado que execute aqueles que se convertem a uma outra religião, ninguém está defendendo que as mulheres sejam banidas da educação ou que todas as mulheres americanas devam ficar cobertas. Aos ignorantes, a ligação entre o Talibã e o cristianismo é uma bela conexão e uma justificativa adicional para a sua oposição ao cristianismo. Mas isso é só para os ignorantes. O senhor não é ignorante e sabe disso.

Um outro exemplo de extremismo que o senhor utiliza é o Pastor Fred Phelps, da Igreja Batista de Westboro, da infâmia ‘God Hates Fags’ [‘Deus Odeia Bichas’ - Trad.] ‘É fácil reduzir Fred Phelps a um maluco, mas ele tem apoio abundante do povo e o dinheiro desse.’ Cita até como comprovação disso o fato de que desde 1991 ele foi capaz de organizar manifestação de quatro em quatro dias. O fato de um auto-intitulado agitador conseguir organizar um punhado de gente de quatro em quatro dias para carregar faixas com dizeres ofensivos é prova de que a religião é perigosa? O senhor está realmente culpa Madre Teresa, o Papa, Billy Graham, um bilhão de cristãos de todas as partes do mundo e até ‘eu mesmo’ por todo lunático que expressa desequilíbrio mental e emocional em termos religiosos? Isso é tão racional quanto eu propor que, porque o Dr. Josef Mengele foi um cientista, todos os cientistas têm culpa e, por conseguinte, a ciência deve ser banida. O ponto é simplesmente que qualquer um pode produzir uma lista de pessoas periféricas mentalmente desequilibradas sobre qualquer tema. Mas este não fica invalidado.

O senhor possui uma boa razão para equiparar o cristianismo à periferia sem equilíbrio. Condiz com seu propósito de estabelecer correspondência entre esses e o que o cristianismo é. Essa é a razão pela qual o senhor entrevista extremistas. Monta falácias (*set up straw men*) e isso o faz parecer muito mais razoável. Todavia, essa é a tática do fundamentalista que intenta provar que apenas ele tem a verdade, não o erudito nem o que a investiga. Há vários anos atrás fui a um encontro onde o palestrante era um teonomista, o finado Greg Bahnsen. A maior parte do que ele disse foi excelente, mas depois ele deu um grande e abrupto salto tentando provar que o código civil mosaico do Antigo Testamento, incluindo as penas, deveria ser aplicado pelo estado hoje. Eu, como a maioria dos cristãos ali, ficamos horrorizados pela má aplicação dele da Bíblia. Mas havia um grupo de pessoas lá que o apoiava e concordava com a sua interpretação da Bíblia – o povo da sociedade Secular Humanista. O senhor precisa dos extremistas religiosos para provar o seu argumento e eles precisam do senhor. É uma espécie de associação de admiração fundamentalista mútua onde vocês dois justificam seu extremismo citando o oposto. Uma praga em ambas as suas casas.

O senhor sabe disso, assim, tenta comprovar o nexos salientando que ‘até a religião amena e moderada ajuda a prover o clima de fé no qual o extremismo floresce naturalmente’. Acha que seria justo de minha parte mostrar que até a retórica anti-

religiosa amena e moderada ajuda a prover o clima de ódio e infalibilidade no qual o extremismo floresce naturalmente? Novamente, o senhor só escapa disso usando sua própria definição de fé e recusando-se a reconhecer o bem que é feito pelas pessoas religiosas devido à religião delas. Define fé como crer em algo sem evidência — uma definição que é apenas algo que inventou em sua própria cabeça e que nada tem a ver com cristianismo. A minha fé é baseada na evidência. No minuto em que o senhor refutar tal evidência eu mudarei minha fé. Mas, ainda que ponha no mesmo bolo todas as fés como tudo a mesma coisa, por razões de polêmica e política, está, na verdade, criando um grave perigo.

Tome a questão do cristianismo e do Islã. É adequado ao senhor colocá-los juntamente no mesmo bolo (incluindo os extremistas). O artigo de Patrick Sookhdeo, *The Myth of Islamic Tolerance* [O Mito da Tolerância Islâmica],<sup>68</sup> que o senhor cita, é uma excelente discussão sobre as diferenças entre as teologias cristã e islâmica. O perigo é que igualar cristianismo e Islã (por causa de sua voluntária cegueira causada por seu ódio à religião *per se*), terminaria por entregar a esse uma vitória – pelo menos na Europa. O secularismo não pode enfrentar nem lidar com esse – não possui a fibra espiritual, moral ou intelectual para assim o fazer. Caso se destruísse o cristianismo (que é a sua meta), o que restaria seria um vácuo espiritual e moral na Europa Ocidental que seria preenchido, ou por um novo fascismo, ou pelo Islã. Então descobriria ser real o fato de que as religiões não são todas iguais.

A despeito de tudo o que foi escrito acima, ainda é um truísmo para muitos que ‘religioso’ necessariamente signifique ‘mal’ e é visto como causador de divisão. Eu sugeriria que, como se dá com frequência, a realidade da situação seja mais complexa. Miroslav Volf, em sua obra *Exclusion and Embrace: Theological Exploration of Identity, Otherness and Reconciliation* [Exclusão e Adoção: Exploração Teológica da Identidade, Diversidade e Reconciliação – Trad.],<sup>69</sup> examina os complexos modos com que os seres humanos tiranizam um ao outro e a forma sutil na qual a religião é subvertida pelo desejo humano de definir o eu contra o outro. Em outras palavras, o problema não é que os seres humanos sejam basicamente bons e que a religião os torne maus, antes, que usem tudo, inclusive a religião, para justificar o próprio comportamento egoísta.

Antes de terminar, retornemos à questão de onde a religião vem. Por que as pessoas são tão religiosas? Como o senhor assinala, o psicólogo evolucionista Paul Bloom conta-nos que somos por natureza dualistas, crendo que há uma diferença entre a mente e a matéria. Bloom até sugere que temos predisposição inata para sermos criacionistas. Dorothy Kelman destaca que as crianças são teístas intuitivas. Na verdade, eu concordaria com isso e sugeriria, em contrapartida, que tal evidência contradiz um outro mito ateuista – que as pessoas apenas são religiosas porque sofreram lavagem

---

<sup>68</sup> *The Spectator* (30 July 2005)

<sup>69</sup> Abingdon Press, USA (1994)

cerebral quando crianças. Na verdade mesmo, a posição padrão para os humanos é serem religiosos. Para levar a uma ‘consciência mais elevada’, usa-se a ‘educação’ dos secularistas (em outras palavras, descrer do que eles criam por natureza).

Posso fazer uma sugestão tentadora ao senhor? Que a razão pela qual os seres humanos cultuam é porque há alguém para se cultuar? Que a razão de termos um senso de Deus (oposto aos outros animais — qual a última vez em que viu coelhos fazendo uma oração ou vacas um serviço de culto?) é porque Deus nos deu esse senso? Que a razão por que somos espirituais é porque temos um espírito? Como sustentava C. S. Lewis, ‘as criaturas não nascem com desejos a menos que a satisfação para tais desejos exista. Um bebê sente fome: bem, há algo como a comida. Um patinho quer nadar: bem, há algo como a água. Os homens sentem desejo sexual: bem, há algo como o sexo. Se descubro em mim mesmo um desejo que experiência alguma neste mundo pode satisfazer, a explanação mais provável é que fui feito para um outro mundo’.

O senhor cita o seguinte em seu ataque àqueles dentre nós que estão iludidos pela crença em Deus: ‘Auto-ilusão é esconder a verdade da mente consciente da melhor forma possível para a ocultar de outros.... Há uma tendência de os humanos conscientemente verem o que desejam ver.’ Quiçá a situação se inverteu. E se houver uma Ilusão Ateísta – aonde nos iludimos para que nossa natural consciência de Deus não seja real? Que a evidência não é realmente evidência em hipótese nenhuma? E que Deus, por conseguinte, não existe? Não estaria certa a descrição do salmista? “Diz o tolo em seu coração: ‘Deus não existe’” (Salmo 14.1, NVI).

Seu, etc.  
David

## OITAVA CARTA: O MITO DA MORALIDADE SEM DEUS

Caro Dr. Dawkins:

Quando jovem, eu assistia fascinado a *The World at War* [O Mundo em Guerra] em nossas telas de TV (a série inteira está agora disponível em DVD e é repetida com regularidade no History Channel). Uma cena em particular ficou em minha mente. Um grupo de homens, mulheres e crianças judias francesas foram agrupadas em um grande paiol pelos soldados nazistas. O paiol estava pegando fogo e aos judeus foi dada uma escolha simples — podiam sair do celeiro e levarem tiros ou ficar lá dentro e queimarem até a morte. Isso me revoltou então e me revolta agora. Na verdade, perturbou-me tanto que, quando tive a oportunidade de fazer na escola o sexto ano dos estudos, determinei-me a olhar para a Alemanha de Weimar e depois prosseguir com o estudo de história na Universidade de Edimburgo a fim de tentar responder à questão, ‘por quê?’ A mesma questão que estava exibida no pôster pendurado em minha quitinete, sobreposto ao soldado recebendo tiros pelas costas e pela garota nua correndo por uma ponte enquanto o *napalm* queimava sua carne. Desse modo, a questão da moralidade é de grande importância — não só para mim, mas, suspeito, para a maioria das pessoas.

O senhor enfoca esse problema da moralidade no capítulo seis, particularmente a questão quanto ao porquê de sermos bons. Até onde posso entendê-lo, o seu argumento parece ser o que se segue: define bondade como altruísmo e, portanto, assinala que tendemos a ser altruístas para com aqueles de nossa parentela porque somos geneticamente programados a se importar com aqueles que, mais provavelmente, possuam cópias dos mesmos genes que estão em nós. Além disso, há altruísmo recíproco — a teoria do ‘uma mão lava a outra’. Parentesco e altruísmo recíproco são os pilares gêmeos sobre os quais uma explanação darwinista da moralidade se baseia. A esses o senhor acrescenta a reputação (queremos ser vistos como ‘bons’) e em seguida o conceito de que o dar altruísta pode ser visto como uma forma de superioridade — um jeito de comprar autopropaganda. Também explica ‘bondade’ ou ‘simpatia’ como um abençoado engano darwinista. E é isso. Essa é a explicação darwinista para a moralidade. Há muitíssimos problemas com tal abordagem.

Primeiramente, não aparenta muito ser moralidade. Ainda está primordialmente focada no Gene Egoísta. Tudo gira sobre eu, mim e meu. Como cristão creio que a Bíblia ensina que os seres humanos *são* fundamentalmente egoístas e egocêntricos — contudo, ela não se contenta em nos deixar ali. Há algo melhor. Cristo veio para desafiar e para nos libertar do egocentrismo que o senhor glorifica como a base da moralidade.

Em segundo lugar, é determinista. Não há conceito de livre arbítrio, escolha ou responsabilidade. Somente somos ‘bons’ porque estamos programados para sermos



dessa forma. Se o meu querer não é livre então não posso me culpar se só faço o que estou geneticamente programado a fazer. O problema com tal abordagem é que ela legitima todas as espécies de comportamento: do bêbado alegando que isso está nos genes dele ao estupro que diz que apenas está fazendo o que foi programado a fazer. Por outro lado, se sou livre e responsável pelo que faço, então não posso estar geneticamente programado. Não tenho dúvidas de que há fatores genéticos em todos os aspectos do comportamento humano, mas não posso acreditar que todo ser humano e suas ações sejam governadas por semelhante determinismo. Uma parte crucial do ser humano é o ter a faculdade de escolha.

Terceiro, sua moralidade secular não é, como o senhor admite, absoluta: ‘felizmente, no entanto, a moral não tem que ser absoluta’. Como relembra, ela é mutável segundo os caprichos da sociedade. De fato, se somos, como o seu filósofo favorito Bertrand Russell a coloca, ‘pequeninos agregados de carbono impuro e água engatinhando por poucos anos, até serem dissolvidos de novo nos elementos dos quais são compostos’, parece não haver fundamento algum para a moralidade absoluta. O senhor reconhece isso: ‘é bastante difícil defender a moralidade absoluta em fundamentos outros que não os religiosos’. Por que isso é importante? Porque, se não há absolutos, então não há nenhum padrão definitivo para por ele julgar. E, se não há padrão definitivo, então somos deixados ao vale tudo, ao poder do mais forte ou às fantasias de uma sociedade mutável e confusa.

E, por fim, sua filosofia darwinista absoluta não pode, lógica e coerentemente, defender a moralidade porque, colocando cruamente, não há o bem nem o mal. Como o senhor tão brilhantemente o descreve em *O Relojoeiro Cego*<sup>70</sup>: ‘Em um universo de forças físicas cegas e replicação genética, algumas pessoas vão se machucar, outras vão ter sorte, e não se achará nenhuma poesia ou razão nele, tampouco justiça. O universo que observamos possui precisamente as propriedades que devemos esperar se, em realidade, não há nenhum desígnio, nenhum propósito, nenhum mal ou bem, nada senão a impiedosa indiferença cega’. Essa pois é a base ateuista da moralidade — nenhuma justiça, nenhuma poesia nem razão, nenhum propósito, nenhum mal, nenhum bem, apenas a impiedosa indiferença cega. Pouco admira que os filósofos ateus estejam desesperadamente caçando por todos os lados na tentativa de estabelecer alguma base para uma moralidade sem Deus. A despeito dos melhores esforços de filósofos ateus como Peter Singer, Professor de Bioética em Princeton e um destacado polemista ateuista, essa base é severamente deficiente, sendo pouco mais do que um utilitarista ‘o bem maior para o maior número’, sem sequer definir que ‘bem’ é esse.

Acho que o senhor reconhece ser isso o calcanhar de Aquiles do ateísmo e, assim, persiste no ataque — ridicularizando a moralidade cristã. Deve-se admitir que há muitas coisas que são feitas no nome da religião, cristianismo incluído, que são

---

<sup>70</sup> Disponível em português pela Companhia das Letras. (N. do T.)

inescusáveis, e que o comportamento de muitos cristãos professos deixa muito a desejar. Entretanto, deveria ter cuidado antes de denunciar o cristianismo inteiro fundamentando-se no comportamento daqueles que são cristãos e não conseguem ser perfeitos, ou daqueles que, embora reivindicuem o rótulo de cristãos, não possuem mais fé do que o senhor mesmo.

Seu principal argumento contra a moralidade cristã é a própria Bíblia (chegaremos até aquele em seu próximo capítulo) mas nisso o senhor lança duas coisas para desviar a atenção do objetivo original.

Primeiro, no início do capítulo o senhor cita várias cartas que recebe de pessoas que o senhor diz serem cristãs. Essas contêm palavrões, ameaças de violência e linguagem grotesca. Por que cita essas no princípio de um capítulo sobre moralidade? De novo, porque é a sua tática *ad hominem* favorita. Vejam quão estúpidos/ignorantes/violentos/imorais são esses cristãos, portanto, a moralidade cristã é a mesma coisa. Há duas respostas fáceis para isso. Primeiramente, por definição, tais pessoas não podem ser cristãs, seguidoras de alguém que disse a seus discípulos para dar a outra face, não usar de ameaça de violência nem linguagem condenável e amar nossos inimigos. Segundo, o que acharia se eu citasse as seguintes coisas tiradas de seu próprio *website*:

XXX David Robertson é um hipócrita de mente estreita, ergue seu próprio XXX estúpido como um porco XXX retardado idiota! Tome cuidado David, o maricas do céu está atrasado para a sua segunda vinda e terá raiva de você. Por que se está debatendo com esse idiota? Ele nem tem capacidade para debater! Tem o nível intelectual de um animal morto atropelado na estrada.

Que o seu XXX possa vir à vida e beijá-lo. Impressiona-me que algumas pessoas aqui se incomodem de debater com esse Robertson paspalhão. Ele está claramente fora de si e destituído de razão ou lógica. Caso debata com ele, pare de respeitar suas ilusões, por maior que seja a eloquência com que ele as coloque, e por favor, aborde-o com o escárnio e o desdém que merece.

Estúpido. Fanático. Idiota. Na verdade, há páginas e páginas de coisas desse tipo. Fica bem claro que o seu *website* atua como uma espécie de centro de terapia para certo povo, mas acha que seria justo de minha parte dizer que, portanto, todos os ateus são rudes, ignorantes e raivosos?

O segundo argumento que o senhor usa é frisar que a moralidade cristã não pode chegar a muita coisa se demanda a ameaça do inferno ou alguma espécie de castigo a fim de fazer com que as pessoas se comportem. Cita Einstein: ‘Se as pessoas são boas somente porque receiam punição e esperam recompensa, então realmente somos uma triste espécie de gente.’ Einstein está correto em pelo menos uma coisa. Somos uma triste espécie de gente. Eis aqui um teste simples para o senhor. Gostaria que a polícia

fosse removida de Oxford? Acha que os estudantes em sua Universidade deveriam ser ameaçados com punição caso colassem na prova? Ou que a eles se deveria dar maiores títulos se fizessem melhor do que seus pares? Se seus alunos apenas estão estudando e não colando porque receiam o castigo ou têm esperança de alguma recompensa, são eles certamente uma triste espécie de gente? Com certeza o senhor percebe a falácia do argumento. A Bíblia reconhece que os seres humanos são complexos e que necessitam de um sistema de freios e contrapesos para nos auxiliar — mas aqui está o embaraço, o ensino da Bíblia não é primordialmente moralista. É muito mais radical do que isso. Se fosse apenas a abordagem recompensa e castigo, então a Bíblia apenas estaria reconhecendo a situação pelo que ela é — em vez de visar a mudá-la para um mundo melhor.

Olhemos então para a posição cristã a respeito da moralidade e o porquê de, para algumas pessoas, ser a mais importante prova a favor de Deus.

1. Ele explica o mal. A questão não é ‘por que as pessoas são boas’ mas ‘porque as pessoas são más?’ A sua opinião sobre a moralidade parece originar-se de seu belo *background* de classe média inglesa. É um ponto de vista perdidamente otimista e infundado sobre a natureza humana — que os seres humanos são essencialmente bons e realmente estão melhorando a todo tempo. Lembre a questão pela qual eu fui à Universidade estudar — como podia uma nação civilizada decente como o povo alemão se permitir chegar ao ponto de erradicar seis milhões de judeus, além de muitos homossexuais, ciganos e cristãos? Em tais circunstâncias, décadas de condicionamento de Hollywood, ajudaram a fazer crer que o mundo está dividido entre os caras bons e os caras maus, pura e simplesmente sugerindo que os alemães eram maus, ou Hitler, um demônio insano. Porém, meus estudos levaram-me à conclusão de que os alemães eram humanos e que Hitler era totalmente humano também. Houve realmente um rebuliço dois anos atrás quando o filme *A Queda - As Últimas Horas de Hitler* foi exibido na Alemanha por retratar Hitler como um ser humano. A Bíblia nos diz o que conheceremos se apenas abrirmos nossos olhos, que os seres humanos fracassaram. Como o falecido Freddy Mercury, do Queen, cantou no primeiro Live Aid, ‘Se há um Deus em cima, um Deus de amor, Então o que devemos pensar da bagunça que fizemos, do mundo que ele criou?’
2. Ela explica o universo. O senhor já leu ‘Right and Wrong as a Clue to the Meaning of the Universe’ [Certo e Errado como Pista sobre o Sentido do Universo — Trad.] em *Mere Christianity*, de C. S. Lewis? Ele, mais do que ninguém, resume a razão de a lei moral ser uma tão poderosa prova da existência de Deus. Ele escreveu: ‘Todos os seres humanos sobre a terra têm esta estranha idéia de que devem se comportar de certo modo e que realmente não podem se livrar disso. Segundo, sabem que, na prática, não se comportam daquele modo.’

Conhecem a Lei da Natureza; mas a violam. Esses dois fatos são o fundamento de todo pensamento de consciência limpa sobre si próprios e o universo em que vivemos’. Lewis salienta que há duas evidências claras pró-Deus — a primeira, o universo que ele criou. A segunda é a Lei Moral, a qual ele argumenta que é um melhor fragmento de informação por ser ela ‘informação interna’. Uma das maiores objeções que muitas pessoas terão à idéia de que Deus criou o universo é que as coisas parecem cruéis e injustas. Mas, como Lewis pergunta, em primeiro lugar, de que maneira obtivemos a idéia do cruel e do injusto? O que há em nós que nos torna cientes do certo e do errado?

3. Ela me explica. Ao olhar para o horror do Holocausto, foi a mais humilhante e terrível experiência perceber que não só os nazistas eram humanos, mas eu também. O mesmo mal que chegou a semelhante fruição horrenda nos nazistas também estava, ao menos em forma seminal, presente em mim. Lendo livros como o excelente *Albert Speer; His Battle with Truth* [Albert Speer: Sua Batalha contra a Verdade]<sup>71</sup> de Gitta Sereny foi uma experiência que levou-me a pensar seriamente. Como um G. K. Chesterton magistralmente o escreveu numa carta ao *The Times*: ‘Caro Editor: O que há de errado com o mundo? Sou, Fielmente vosso, G. K. Chesterton.’

Mas retornemos ao ponto de vista ateísta da moralidade. Aceito plenamente que o senhor não é um darwinista social. Sabe que seria errado. Embora esteja intrigado sobre como o senhor sabe disso. Porém, deixando isso de lado, meu temor é que, uma vez que a sociedade como um todo aceite as suas pressuposições básicas (que não há absolutos em moralidade, que essa muda e que a natureza humana é geneticamente determinada), depois tenha ela uma escorregadia descida para a espécie de sociedades atéias que o mundo há viu (tais como a Rússia de Stálin e a China de Mao). Não estou argumentando que todos os ateus são imorais nem que todos os cristãos professos sejam morais. Nenhum de nós vive de maneira coerente com os nossos credos. Não obstante, no cristianismo há freios, pesos e contrapesos e não parece de imediato óbvio que seja esse o caso do ateísmo. Se não há certo nem errado absolutos, então como posso afirmar que algo seja certo ou errado?

Pegue o caso do aborto que o senhor discute no capítulo oito. O senhor salienta o fato fascinante de que ‘os opositores ferrenhos do aborto são quase todos profundamente religiosos’. Esse é um fato que sempre me desconcertou. Seguramente, qualquer cientista saberia que nada há que o bebê tenha fora do útero que não o tenha também dentro desse. Por que pois é considerado um direito humano matar um bebê no útero, mas não fora dele? E há uma outra questão nesse debate que me fascina. Na Índia, mais de 500.000 fetos do sexo feminino são abortados todo ano por serem

---

<sup>71</sup> Random House (1995)

mulheres. Naturalmente, grupos feministas estão objetando contra essa forma de aborto seletivo. Mas por quê? Por que os defensores do aborto querem interferir no direito de uma mulher de preferir não ter uma menina? Afinal de contas, não é o corpo da mulher? Além do que, aos olhos dos daqueles, não é uma menina, mas uma menina ‘potencial’. As incongruências são irônicas.

Inquestionavelmente, uma vez que nos afastamos do simplista e não-científico ‘uma mulher tem direito de escolher matar o bebê em seu útero, mas não fora dele’, então podemos acabar com todas as espécies de dificuldades. Peter Singer sustenta que ‘bebês débeis mentais não possuem direitos maiores do que os de certos animais’.<sup>72</sup>

Bill Hamilton, a quem o senhor deve muitíssimo quando escreveu o livro *O Gene Egoísta*<sup>73</sup> — e cuja escrita o senhor declarou ser apaixonada, vívida e informada — foi um excelente biólogo darwinista cujas posições eram certamente de uma diferente espécie de moralidade. Uma vez ele disse que tinha mais simpatia por uma só samambaia do que por uma criança chorando. Ele argumentava que os machos estavam grandemente fadados a competirem e que a finalidade do sexo era limpar o conjunto genético da população filtrando os inúteis e os fracos. O macho de condição baixa é melhor morto. Tudo na natureza, de acordo com Hamilton, podia ser explicado como o resultado da competição entre genes. Ele defendia um radical programa de infanticídio, eugenia e eutanásia a fim de salvar o mundo. Acreditava que a medicina moderna estava causando dano ao permitir que os fracos sobrevivessem, preservando assim os genes deles. Seus dois exemplos concretos disso são as secções cesarianas e os óculos usados por John Maynard Smith! Óculos eram um símbolo de decadência dentro do conjunto genético e, quanto às secções cesarianas, às mulheres seriam concedidas uma e depois somente para poupar a vida da mãe; depois disso, deveriam ser pagas para não terem mais filho algum.

O ponto de vista de Hamilton era tão baseado na eugenia que cria ele que as únicas formas aceitáveis de medicina eram analgésicos e cirurgia. Declarava que o genocídio era o resultado de supermelhoramento genético e que ficaria mais triste pela morte de um panda gigante do que por ‘cem chineses desconhecidos’. Também sustentava que os deficientes físicos deveriam ser mortos ao nascer. Em defesa do que ele designou ‘felicidade inclusiva’, afirmou: ‘Tenho poucas dúvidas de que, se tentasse sobreviver numa ilha tipo Robinson Crusoe com minha esposa, realmente mataria com minhas próprias mãos um bebê defeituoso’. Nisto, ele e Singer eram um.

Pode ser que, na verdade, as opiniões sócio-políticas extremas de Hamilton sejam uma exceção e que não seria direito generalizar para todos os biólogos. Isso é verdade. Não são os biólogos o problema, mas alguns deles que também calham de ser ateus e que não aceitam o conceito de uma moralidade absoluta. E, embora Hamilton

---

<sup>72</sup> *Independent Extra* (13 de setembro de 2006)

<sup>73</sup> Em português, disponível pela Companhia das Letras (N. do T.)

possa ter estado no extremo, tem havido muitíssimos outros que chegaram à conclusão lógica de seu materialismo ateu. Alguns dos principais biólogos evolucionistas do século XX foram pessoas que, devido à filosofia ateu e má compreensão da ciência, adotaram posições políticas extremas. Konrad Lorenz foi um empolgado nazista. J. B. S. Haldane, um stalinista comprometido, e R. A. Fisher argumentava que a civilização estava ameaçada porque as mulheres de classe superior (i.e., de ‘qualidade’) não tinham bebês o suficiente.

Neste ponto, talvez, alguém poderia observar que estou fazendo a mesma coisa de que acuso o senhor de fazer aos outros — a saber, apanhar alguns extremos e utilizá-los para condenar o grupo. A diferença é essa. Ao passo que cita gente que está nas periferias estrambóticas do cristianismo, as pessoas acerca das quais estou falando são figuras-chaves e centrais. Pode imaginar como os ateus teriam reagido se o Arcebispo de Canterbury, o Papa ou Billy Graham tivessem saído em defesa do infanticídio, do banimento das operações de cesariana ou encorajado as classes ‘superiores’ a procriarem mais do que o povo ordinário?! Nunca teríamos ouvido o término disso.

Entretanto, o senhor cita personagens periféricos tais como Fred Phelps, da Igreja Batista de Westboro, e ignora a sólida história e filosofia dentro das bases da biologia secular ateu daqueles que advogaram tais pontos de vista radicais. O que era mais perturbador sobre o nazismo não era se seus principais intelectuais eram pessoas ‘decentes’, antes, seu fundamento filosófico e a base e justificativa que deu para a crueldade e injustiça. Dá-se o mesmo com o darwinismo social, onde a eliminação dos fracos e a destruição dos aleijados são a própria antítese do cristianismo e o real inimigo da humanidade. Repito, pela enésima vez, que isso não é afirmar que todos os ateus evolucionistas sejam *de facto* fascistas, mas sim dizer que as consequências lógicas do ateísmo evolucionista podem facilmente conduzir, e têm facilmente conduzido, a uma semelhante posição.

A posição cristã acerca da moralidade não é, como a maioria supõe, que a Bíblia nos forneça um conjunto de leis para por elas viver. Os genuínos cristãos não são moralistas — pensando que, se somente oferecermos um prêmio aqui, um pouco de punição ali, então seres humanos ‘decentes’ se comportarão melhor e ganharão, de algum modo, sua própria escada para o céu. Sabemos que não podemos impor leis nem usar a religião para nos fazer bem. Os genuínos cristãos percebem que o ensino da Bíblia é que há uma moralidade absoluta — da qual nós todos estamos aquém das expectativas. E nunca quantia alguma de religião, boas obras ou atos piedosos serão capazes de nos tornar retos. Eis onde a graça, a salvação, a cruz e todas as maravilhosas verdades dos atos de Deus em Cristo demonstram sua utilidade. Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo. Eis o porquê de o Evangelho ser as Boas Novas. Não porque nos dá um conjunto de leis pelas quais viver, ou de ritos religiosos a realizar, mas porque lida com o maior problema do mundo — o problema do coração humano. É por essa razão que todo ano eu religiosamente assisto *A Lista de Schindler* para me

lembrar a razão de eu ser um ministro do Evangelho Cristão. Eu não quero apenas explicar as Trevas. Eu quero derrotá-la.

Seu, etc.  
David

## **NONA CARTA: O MITO DA BÍBLIA IMORAL**

Caro Dr. Dawkins:

No capítulo três o senhor fez um ensaio sobre a Bíblia, mas, na verdade, agora atola o pé nela. A crença na Bíblia como instrução ou exemplo moral ‘estimula um sistema de moral que qualquer pessoa civilizada moderna, religiosa ou não, acharia — não posso colocar mais suavemente — obnoxio... Aqueles que desejam basear a sua moralidade literalmente na Bíblia ou não a leram ou não a entenderam, como corretamente observou o Bispo John Shelby Spong em *The Sins of Scripture* [Os Pecados das Escrituras — Trad.]’

Eu estudo a Bíblia há mais de 25 anos. Em 20 desses o fiz por que era o meu emprego. Tento fazê-lo com uma mente aberta e um desejo de conhecer o que ela realmente diz. Algumas vezes ela tem me intrigado, levado a me questionar e apresentado dificuldades aparentemente insuperáveis. Espero que o senhor concorde ser eu um profissional nesse campo de estudo com o mesmo respeito com que admito ser o senhor como biólogo. O seu entendimento da Escritura é radical em sua condenação e parece governado mais por seu ateísmo que por algum conhecimento ou compreensão do texto. Prejulga ainda toda a questão no princípio desse capítulo ao novamente sugerir que aqueles que não aceitam o seu ponto de vista não são civilizados, morais ou inteligentes o bastante para compreender a Bíblia. Mais uma vez esse é um outro daqueles momentos ‘O rei está nu’. Deixa transparecer que somente aqueles que vêem a Bíblia como imoral são inteligentes e morais. Não há quase nada que eu possa dizer a pessoas com tais pressuposições, porém, deixe-me pelo menos tentar ajudar aqueles que estão propensos a aceitar acriticamente a sua versão distorcida e ácida da Bíblia.

Em seu ataque à Bíblia o senhor menciona a Arca de Noé, Sodoma e Gomorra, as concubinas levitas em Juízes, a mentira de Abraão, o quase sacrifício de Isaque, a filha de Jefté, o Bezorro de Ouro, o ataque de Moisés aos midianitas, todos no Antigo Testamento (e, para fechar, atira em Pat Robertson e New Orleans, apesar de que me escapa bastante o que isso tem a ver com a Bíblia). No Novo Testamento, as suas objeções parecem ser a de que Jesus foi rude para com a própria mãe e tinha matreiros valores familiares e aquela referente à doutrina da expiação. Em adição a isso, tenta descartar os positivos ensinamentos na Bíblia sobre ‘não matarás’ e ‘amarás ao seu próximo’ por serem, na verdade, racistas, significando eles ‘não matarás judeus’ e ‘amarás somente os companheiros judeus’. Vai tão longe que afirma que ‘Jesus teria se revirado no túmulo se tivesse sabido que Paulo jogaria seu plano para os porcos’. É tudo comédia vulgar para os seus fãs, equivalente à do tipo que tornou famoso George Carlin, citado pelo senhor. Contudo, está muito longe daquilo que a Bíblia realmente diz.

Primeiro, qualquer um que lê a Bíblia em seu contexto não pode levar a sério o



palpite de que Jesus veio para os judeus e que ‘amarás o seu próximo’ somente queria dizer os judeus. A própria parábola que Jesus contou para ilustrar tal verdade foi uma que envolvia um não-judeu. A sua reescrita e releitura desses versículos está fora de contexto, um argumento incomum desonesto e enganoso que diz muitíssimo mais sobre suas opiniões preconcebidas do que sobre a Bíblia. O senhor baseia muito de seu pensamento aqui no que chama de um ‘notável ensaio’ de John Hartung, um professor associado de anesthesiologia e antropologia. Tal ensaio, intitulado ‘Love Thy Neighbor: The Evolution of In-Group Morality’ [‘Amarás o Teu Próximo: a Evolução da Moralidade no Grupo Social’], inclui um reconhecimento ao senhor e à sua esposa e, de forma mais inquietante, uma simpática análise de *A People that Shall Dwell Alone: Judaism as a Group Evolutionary Strategy* [Um Povo que Habitará Só: Judaísmo como uma Estratégia Evolutiva de Grupo]<sup>74</sup>, de Kevin MacDonald. É de todo perturbadoramente próxima ao ponto de vista ‘evolutivo’ da religião e do judaísmo que os acadêmicos e cientistas nazistas pensavam. E está há um milhão de milhas do que a Bíblia em verdade diz.

Segundo, Pat Robertson, New Orleans, e as várias teologias distorcidas de alguns expoentes do cristianismo nada têm a ver com os ensinamentos das Escrituras, os quais devem ser julgados com base em seus próprios méritos.

Terceiro, o senhor precisa aprender os princípios básicos de leitura da Bíblia. Deve-se sempre lê-la de maneira contextualizada — o que inclui o contexto histórico, literário, teológico e bíblico. Lê-la fora de contexto é ler erradamente. Depois, deve-se reconhecer que muita coisa da Bíblia é descritiva em vez de prescritiva. Noutras palavras, ela está nos dizendo o que se deu em vez de o que deveria ter acontecido. Na verdade, essa é uma das coisas que me ajudaram a convencer da verdade bíblica. A maioria dos principais personagens, até os heróis, saíram-se muito mal. São eles mostrados sem se esconder nada. Se isso fosse mito, por que alguém escreveria sobre coisas tais como Davi cometendo assassinato e adultério, ou Abraão mentindo sobre a sua esposa?

Os ateus gostam de argumentar contra o que consideram ser interpretações ‘literais’ da Bíblia. Como alguns fundamentalistas, o senhor considera aqueles que não são literalistas são exatamente covardes. Mas isso, em realidade, depende do que o senhor quer dizer por ‘literal’. Quando se me pergunta se leio a Bíblia literalmente, jamais posso responder diretamente porque preciso antes de tudo saber o que aquele que questiona quer dizer. Se ele quer dizer que eu tomo mesmo toda palavra em seu significado literal então a resposta é não, com certeza não. Quando Jesus disse ‘eu sou a videira’, ele não queria dizer que fosse verde e produzisse uvas literais. Ler qualquer literatura de uma semelhante maneira, não importa se uma extensa coleção de livros tal como a Bíblia, seria obviamente estúpido, bem como falso ao livro mesmo. A Bíblia

---

<sup>74</sup> Greenwood Press (1994)

tem ao menos cinco diferentes gêneros literários: profecia, poesia, história, epístola e lei. Por outro lado, se por literal o senhor quer dizer ‘ao pé da letra’ então sim, eu leio mesmo a Bíblia literalmente. O senhor pergunta ‘por quais critérios de fato se decide quais passagens são simbólicas e quais literais?’ A resposta – contexto, gênero e bom senso. Na realidade, não espero receber vestido branco e tocar harpa no céu (falo do Livro de Apocalipse), mas não tenho dúvidas de que Jesus ressurgiu dos mortos literalmente. Isso não foi simbólico de coisa alguma, não foi escrito como poesia, mas como história passível de verificação, e trata-se de um fato repetido várias vezes. Está bem claro o que a Bíblia denota quando fala acerca da ressurreição. Veja bem, se o senhor acredita seriamente que, quando Jesus ensinou o refrão veterotestamentário ‘ame ao seu próximo, queria se referir apenas aos judeus, então acho que pode fazer com que a Bíblia diga tudo o que o senhor diz ou quer que ela diga!

Um importante princípio é que o da revelação progressiva. Esta é a idéia de que a Bíblia, escrita em um período de mais de 1000 anos, revela Deus a nós de modo progressivo. Pouco a pouco a cortina se abre e adentra a luz. Logo, alguns aspectos da revelação anterior são suplantados pela posterior.

Um outro importante princípio é um que o senhor mesmo afirma quando tenta defender as aterradoras declarações de ateus esclarecidos e liberais tais como H. G. Wells e Thomas Huxley. O segundo declarou, ‘Nenhum homem racional, tendo conhecimento dos fatos, crê que o negro médio seja igual e menos ainda superior ao homem branco’. Todavia, a fim de defendê-los, declara que ‘é lugar comum que os bons historiadores não julgam declarações dos tempos passados pelos padrões de si próprios.’ Exatamente. Por obséquio, aplique isso também à Bíblia.

Eu creio ser a Bíblia a Palavra de Deus; como tal é ela verdadeira, sem erro, e comunica tudo o que Deus o quer. Isso não quer dizer que não tenha ela problemas, mas eu gostaria de sugerir que, se a ler tendo em mente os princípios básicos acima, então 90% dos problemas que cita desaparecerão. Entretanto, resta os outros 10%. Seria tolo negar que há maiores dificuldades dentro da Bíblia. Há partes dela que me fazem sentir claramente desconfortável e com as quais eu pelejo. Todavia, quem sou eu para me pôr a julgar a Bíblia?

Não muito tempo depois de me tornar cristão havia partes na Bíblia que me perturbavam grandemente. Li um livro que tinha por fito tratar da maioria daquelas dificuldades; não obstante, não me ajudou muito, realmente. Porém, tomei a decisão de que era estúpido e arrogante de minha parte, como cristão novo, achar que sozinho poderia compreender a Bíblia e tentar me pôr a julgá-la. Não é que era errado questionar, mas, antes, que eu tinha de ser paciente, humilde e cuidadoso. Depois de mais de 25 anos estudando-a, vim a apreciar cada vez mais a verdade, sabedoria, beleza e relevância da Bíblia. Isso não se dá porque eu seja obrigado ou pago — teria sido muito mais fácil, em muitos casos, ceder e aceitar as coisas como são; decerto teria

contribuído para uma vida mais fácil. Mas eu não podia, com toda a honestidade intelectual, desistir. Como resultado, descobri ser a Bíblia mais confiável e relevante do que qualquer coisa. Acho estupendo, quando ensino até as partes que aparentam ser mais obscuras e difíceis, que elas se dirijam às necessidades, desejos e vidas das pessoas comuns vivendo no século XXI. Arrisco-me a conjeturar que muitos dos ‘ateus’ convertidos da religião são aqueles que jamais beberam realmente do poço das Escrituras. Quanto a mim, parafraseio as palavras de B. B. King, ‘o frêmito não se foi’.

O senhor claramente tem dificuldade também com a expiação. ‘Descrevo a expiação, a doutrina central do cristianismo, como depravada, sadomasoquista e repugnante. Também devemos descartá-la como insana, pela sua familiaridade generalizada que tem embotado a nossa objetividade. Se Deus queria perdoar nossos pecados, por que simplesmente não os perdoa?’ Embora eu fique grato pelo senhor ao menos reconhecer, ao contrário de alguns cristãos professos, que a expiação é a doutrina central do cristianismo, é triste que esteja obviamente excluindo a melhor parte da Bíblia toda. A cruz sempre foi uma pedra de escândalo tanto para os religiosos quanto para aqueles que se consideram sábios. Polly Toynbee, uma colunista do *Guardian*, estava criticando severamente isso quando analisou *The Lion, the Witch and the Wardrobe* [O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa — Trad.]<sup>75</sup> Ela declarou veementemente que não carecia de ninguém morrendo pelos pecados dela.

Para a maioria, o conceito de que tenhamos feito algo tão ruim a ponto de merecer a morte é repugnante. Mas isso é porque não possuímos uma compreensão adequada do mal e do pecado. E não temos real ciência das profundezas da depravação em nossos próprios corações. Uma vez que você compreende isso, então a doutrina da expiação — a idéia de que o Filho de Deus morreu em meu lugar e pagou o preço pelo meu pecado — é uma verdade maravilhosa. É a melhor parte de toda a Bíblia. O que seria repugnante é se aquelas últimas palavras que dizem terem sido proferidas por Rousseau fossem verdadeiras; pois ele afirmou que Deus o perdoaria porque ‘*c’est son métier*’ (é o trabalho dele). Assim, não importa o que fazemos ou como nos portamos, Deus nos perdoará. Semelhante perdão barato não é justo nem bíblico.

A mais interessante e intrigante parte desse capítulo é a seção intitulada ‘O *Zeitgeist* Moral’, a qual examina as cambiantes culturas morais. Aqui o senhor está expondo uma crença bastante comum sustentada pelos ateístas — a de que as coisas estão melhorando o tempo todo. A humanidade, partindo de uma moralidade primitiva, está se desenvolvendo para um genericamente aperfeiçoado consenso moral. Isso, inegavelmente, é altamente questionável, e a evidência que o senhor oferece para tal esnobismo cronológico (e deveras ocidental) é insuficiente. É real o caso de que o *zeitgeist* moral está melhorando na Grã-Bretanha e nos EEUU? As mulheres estão realmente sendo mais bem tratadas? O racismo e o preconceito foram abolidos? A nossa

---

<sup>75</sup> ‘Narnia representa tudo que é mais detestável acerca da religião’, Polly Toynbee, *The Guardian* (5 de dezembro de 2005)

atual sociedade superficial, materialista e com obsessão por sexo está melhor do que estava há cem anos atrás? Isso não se auto-evidencia de imediato! Inquestionavelmente há imensos aperfeiçoamentos, mas por vezes pergunta-se se é um passo para frente e dois para trás. Suspeito que somente um bom moralista ocidental de classe média pode ser tão confiante e verboso acerca da situação moral que grandemente melhora na humanidade. Eu havia pensado que semelhante utopia liberal recebera um golpe mortal depois da Primeira Guerra Mundial, ficando aniquilado depois da Segunda. Mas aparentemente não. Mais uma vez o senhor está ensinando que a raça humana está evoluindo para a perfeição moral e que a única coisa que nos está impedindo de materializar isso é o mal da religião.

Cita como exemplos de *zeitgeist* moral aperfeiçoado o aumento do direito ao voto feminino e uma mudança de atitude quanto à raça. Menciona que até Washington, Jefferson e outros ‘homens do Iluminismo’ mantinham escravos (curioso que o senhor esteja pronto para desculpar essa prática nesses homens porque foi há 250 anos atrás, apesar de condená-la no Antigo Testamento de 2000 anos atrás). O mais chocante de tudo é o senhor destacar que H. G. Wells, em seu *New Republic* [Nova República — Trad.], respondendo à questão sobre como a Nova República lidaria com as ‘raças inferiores’ tais como as do homem negro, do amarelo e outras, declarou: ‘Bem, o mundo é um mundo, não uma instituição de caridade, e entendo que eles terão que sair.’ Ele deixou bem claro o que queria dizer — o extermínio das raças inferiores. O senhor afirma que esta posição seria agora inaceitável na sociedade e, de modo mais espantoso, alega que isso se dá devido à ‘educação aperfeiçoada e, em particular, ao entendimento ampliado de que cada um de nós compartilha uma humanidade comum com membros de outras raças e com o outro sexo — ambas idéias profundamente antibíblicas que advêm da ciência biológica, especialmente da evolução.’ Quando li isso tive de parar e tomar bastante fôlego. Ele realmente escreveu isso? Ele realmente teve a audácia de imaginar que pode escapar impune com uma tão grande mentira?!

Há muito tempo atrás a Bíblia ensinou (Gênesis 1) que tanto os homens quanto as mulheres foram feitos à imagem de Deus. Ela também ensinou que todos os seres humanos, sejam de que raça forem, eram descendentes de Adão e que todos foram feitos à imagem divina. Descrever tais idéias como não-bíblicas quando são fundamentais à Bíblia é bem ruim. Mas então sugerir que é a evolução que nos conduziu para além dos males de Wells *et al.* é de tirar o fôlego. Muito antes do final do século XIX a Igreja estava ensinando que os seres humanos foram feitos à imagem de Deus. No ano passado, visitei uma Universidade Negra na África do Sul onde uma das fotos na parede era de um sul-africano negro que viera estudar em Glasgow e retornara como ministro presbiteriano ordenado no século XIX. Não era a Igreja nem a Bíblia que estava ensinando que as ‘raças inferiores’ deveriam ser destruídas. Aliás, o senhor cita o racismo de Huxley (*Emancipation – Black and White* [Emancipação — Brancos e Negros], publicado em 1865) como típico do *zeitgeist* do período. Todavia, Huxley

estava argumentando contra o *zeitgeist*. A sociedade, liderada principalmente por ativistas e intelectuais cristãos agindo com base em princípios bíblicos, chegaram à conclusão de que a escravidão era errada. William Wilberforce, o parlamentar britânico, fez sua primeira moção de abolição em 1789. Motivado pela sua compreensão bíblica cristã de que todos os seres humanos foram criados à imagem de Deus, apresentou nada menos do que 11 projetos de lei sobre abolição à Câmara dos Comuns até que, finalmente, em 1807, o tráfico de escravos foi abolido. Após campanha adicional, a escravidão mesma foi abolida em 1833. Depois, a Grã-Bretanha procurou persuadir outras nações escravagistas a rejeitarem a escravidão — o governo comprou a abolição portuguesa e espanhola por mais de £1 milhão e a francesa em troca de ajuda militar. A marinha britânica impôs tal abolição durante um período de 50 anos, gastando £40 milhões capturando 1.600 navios para libertar 150.000 escravos.

Vinte anos antes de Huxley, na década de 1840, minha própria igreja, a St. Peters, em Dundee, estava mantendo reuniões anti-escravistas e atuando como um foco para apoiar o movimento anti-escravista nos EEUU. No entanto, Huxley estava sustentando que essa moralidade bíblica era não-científica. Ele cria o que cria não por causa do *zeitgeist* mas por causa da ciência dele. Foi semelhante pensamento evolucionário e darwinista social que alimentou a utopia maníaca de Wells e outros. Reconheço que o *zeitgeist* dos biólogos evolucionistas ateus melhorou mais recentemente mas, por favor, não nos coloque a todos no mesmo barco.

O que prazenteiramente me faz levantar a discussão sobre as seis páginas que o senhor dedica a Stálin e Hitler. Posso entender o porquê de os ateístas quererem se dissociar de assemelhados como Stálin, Mao e Pol Pot — afinal de contas, foram eles líderes dos únicos estados oficialmente ateus até hoje, e o registro deles quanto aos direitos humanos não é, diríamos, exatamente nobre. O único argumento que ouço os ateístas utilizarem é o de que, bem, na realidade, Stálin não foi um ateu, porque se comportou irracionalmente e pessoas irracionais não podem ser atéias! Definitivamente, é o argumento circular, e não há intenção de se quebrar o círculo.

Entretanto, Hitler é diferente. Precisa citar Hitler como cristão, apesar de até o senhor saber que está indo um pouco longe. Como eu já revelei, esse é um assunto que estudei extensamente. Os fatos básicos são os seguintes: Hitler foi educado como católico; quando chegou ao poder, fê-lo em uma situação onde a Igreja Católica e a Igreja Luterana ainda eram forças sociais significativas dentro da sociedade alemã; ficava feliz de usar as igrejas e os símbolos cristãos quando podia; ironicamente, foram aqueles que ensinaram o que o senhor ensina — que a religião devia ser privatizada e que a Igreja devia se manter fora da política — que forneceram o maior motivo para a não-oposição a Hitler. Felizmente, homens como Dietrich Bonhoeffer e outros prontamente ignoraram tal conselho e fizeram o que podiam para resistir ao mal. Bonhoeffer até imprimiu uma acusação de que Hitler era anticristão e atacou a ideologia ‘Sangue e Terra’ dos nazistas (‘Ele pode denominar essa ideologia de cristã, mas ao agir

assim ele se torna inimigo de Cristo.’<sup>76</sup>) Por tal bravura, novamente baseada em sua fé cristã, pagou o sacrifício derradeiro.

Se realmente quisermos saber o que Hitler pensava, suas ações e, acima de tudo, suas palavras em particular são a evidência irrefutável. E, felizmente, o senhor cita a *Table Talk* [Conversa à Mesa] de Hitler, que conta-nos de maneira convincente o que esse pensava sobre o cristianismo: ‘O mais pesado golpe já sofrido pela humanidade foi a vinda do cristianismo.’ Mais interessante ainda é o que vem a seguir, por Traudl Junge, secretária pessoal de Hitler:

Por vezes também tínhamos interessantes discussões a respeito da igreja e do desenvolvimento da raça humana. Talvez seja ir longe demais chamá-las de discussões, porque ele começava explanando suas idéias quando alguma questão ou observação de algum de nós o tinha subitamente enraivecido, e apenas escutávamos. Ele não era membro de igreja alguma, e julgava que as religiões cristãs eram obsoletas, instituições que seduziam o povo para si. As leis da natureza eram a religião dele. Ele podia melhor reconciliar seu dogma de violência com a natureza do que com a doutrina cristã de amar a seu próximo e a seu inimigo. ‘A ciência ainda não é clara acerca das origens da humanidade,’ disse certa feita. ‘Provavelmente estamos no mais alto estágio de desenvolvimento de algum mamífero que se desenvolveu dos répteis e progrediu para seres humanos, talvez por meio dos primatas. Somos uma parte da criação e filhos da natureza, e as mesmas leis aplicam-se tanto a nós quanto a todas as criaturas viventes. E na natureza a lei da luta pela sobrevivência reinou desde o princípio. Tudo que é incapaz de viver, tudo que é fraco, é eliminado. Somente a humanidade e sobretudo a igreja estabeleceram como alvos seus manterem vivos os fracos, aqueles inaptos para viver, bem como as pessoas de espécie inferior.’<sup>77</sup>

Isso diz exatamente tudo.

O senhor pergunta no final desse capítulo: ‘Por que alguém iria à guerra por causa de falta de crença?’ Presumo por isso que queira dizer uma ausência de crença em Deus. A resposta à sua questão é dupla. Primeiro, pode ser que a razão para as pessoas irem à guerra *seja* a ausência de crença. Se, como Stálin ou Hitler, você crer que não há Deus a quem responder, que ‘a lei é a do mais forte’ e que o poder advém da ponta de uma fuzil, então é muitíssimo mais provável que condescenda com seus genes egoístas e vá à guerra para obter o que deseja. A segunda resposta à sua questão está na citação acima. Fica claro que Hitler não foi à guerra porque acreditasse em Deus ou porque

---

<sup>76</sup> Bonhoeffer, *Discipleship*.

<sup>77</sup> *Until the Final Hour* p. 108

quisesse espalhar o cristianismo. Ele o odiava. Por outro lado, cria ele que a religião era um vírus (onde foi que eu ouvi isso antes?) e que os judeus, particularmente, eram pestes que deviam ser erradicadas a fim de melhor preservar a espécie. Foi tudo perfeitamente lógico, darwinista e sem Deus. Talvez o *zeitgeist* ateísta tenha avançado. Mas, entretantes, até que se prove o contrário, eu prefiro continuar com a moralidade testada e aprovada da Bíblia.

Seu, etc.  
David

## DÉCIMA CARTA: O MITO DO ABUSO RELIGIOSO INFANTIL

Caro Dr. Dawkins:

O senhor pergunta: ‘Não é também uma forma de abuso infantil qualificar as crianças como possuidoras de crenças nas quais são novas demais para haverem pensado?’ Esta questão é todo o propósito do capítulo nove. O seu ponto de vista de que não se deve ensinar religião aos filhos é ilustrado pelo senhor com uma horrível narrativa do seqüestro de um menino judeu italiano no século XIX; abuso por parte da Igreja Católica; uma entrevista com o Pastor Keenan Roberts, que estabelece Hell Houses [Casas do Inferno] para educar crianças; testemunhos de pessoas criadas em lares cristãos que agora são atéias; uma pequena ida até aos *amish*<sup>78</sup>; um ataque de seis páginas à escola Emmanuel no Nordeste da Inglaterra e um apelo contra a classificação das crianças baseada na religião de seus pais. Finaliza defendendo que a educação religiosa deveria ser sobre aprender a Bíblia como literatura. De modo geral, todos aqueles que são ateus compartilharão o seu horror ao que o senhor chama de abuso religioso infantil e outros podem ser influenciados a achar que talvez o senhor terá uma boa base para argumentação. Mas deixe-me lembrar, todavia, que há novamente pontos fracos importantes em seu argumento.

O senhor diminui a importância do papel do abuso sexual a fim de demonstrar os horrores do abuso psicológico causado às crianças. Admite abertamente que foi vítima de abuso sexual infantil em seu internato inglês por um professor ‘cuja afeição por garotos ultrapassava os limites da decência’; algo que descreve como ‘uma experiência embaraçosa mas, por outro lado, inofensiva’. Isso o leva a falar sobre os horrosos casos de abuso infantil que vieram à luz a respeito da Igreja Católica, para em seguida fazer a extraordinária declaração de que ‘tão horrível quanto o abuso sexual o foi, indubitavelmente, mas, antes de qualquer coisa, é discutível se o prejuízo psicológico de longo prazo infligido pela educação católica das crianças foi menor’ (um comentário que, segundo o senhor nos informa, foi feito a uma audiência de intelectuais de Dublin e que recebeu aplauso espontâneo). E não é somente aos católicos que o senhor visa — pois parece ter particular desdém tanto por eles quanto pelos evangélicos americanos. Também faz menção dos *Exclusive Brethren*,<sup>79</sup> uma ‘seita mais odiosa do que o

---

<sup>78</sup> Grupo anabatista ortodoxo que se separou dos menonitas no final do século XVII e que existe ainda hoje nos EUA (principalmente em Ohio e no SE da Pensilvânia) e no Canadá (Ontário). Seu estilo de vida está muito longe do *american way of life*, pois fazem questão de não disporem de eletricidade nem das comodidades do mundo moderno: ainda se locomovem em carroças puxadas por cavalos e usam lâmpões, por exemplo, mantendo o jeito de viver do tempo em que surgiram; aliás, até falam um dialeto alemão dessa época (a origem deles é a Europa Central), junto com o inglês. Existem hoje mais de 100 mil *amish* na América do Norte. [Fonte: *Answers.com* e *HowStuffWorks.com*] (N. do T.)

<sup>79</sup> Na literatura evangélica de língua portuguesa são mais conhecidos por Irmãos de Plymouth ou darbistas, dos quais, na verdade, constituem uma das suas duas grandes divisões (a outra é a dos *Open Brethren*), oriundas do cisma que houve em 1848. Os Irmãos compõem-se de diversos pequenos grupos oriundos de um movimento cuja origem remonta à Irlanda e à Inglaterra da década de 1820. O principal centro de atividade era Plymouth e o líder mais eminente e destacado foi John Nelson Darby (1800 –



normal'. Mais adiante o senhor chega aos *amish* e, em poucas frases pejorativas, sugere que a sociedade moderna é culpada de permitir que os pais *amish* abusem de seus filhos.

Tudo isso, naturalmente, leva a uma conclusão inevitável e chocante. Se a situação é como o senhor diz e a religião é um vírus então o lógico é proteger as crianças. Cita com manifesta aprovação o psicólogo Nicholas Humphrey:

Os filhos, eu demonstrarei, possuem um direito humano a não terem suas mentes mutiladas pela exposição às más idéias das pessoas — não importa quem essas pessoas sejam... Desse modo, não deveríamos mais permitir aos pais ensinar seus filhos a crerem, por exemplo, na verdade literal da Bíblia ou que os planetas governem suas vidas, nem permitir aos pais tirar os dentes dos filhos ou trancá-los em um quarto escuro.

Estamos quase fechando o círculo aqui. O senhor começou com a história acerca do rapto de Edgardo Mortara, o qual foi arrebatado de seus pais porque um servo o havia batizado como católico e seu pais eram judeus. As autoridades católicas prepararam-se para 'salvar' o garoto da educação judaica que acreditavam que lhe faria malefício. O senhor corretamente se horroriza com isso, todavia, agora, move-se para uma posição quase similar.

Eu ensino e continuarei a ensinar a meus filhos que a Bíblia é verdadeira e o senhor ora me acusa de fazer-lhes mais mal do que se eu abusasse sexualmente deles. Talvez no Impávido Mundo Novo do Estado Ateu a polícia do pensamento religioso será mandada para rondar e se assegurar de que a meus filhos estão sendo ensinados pensamentos 'corretos'. Se é certo o Estado arrebatam as crianças de pais que abusarem delas sexualmente, e se você crê que educar um filho na fé cristã é mais abusivo, então logicamente deve acreditar que o Estado devia ter o direito de remover os filhos de semelhantes situações abusivas. Se o senhor for em frente com a sua lógica, então o relato de Edgardo Mortara será o de muito mais filhos cujos pais não aceitam o *zeitgeist* ateísta da nova ordem moral. Como Marilyn Robinson, a brilhante e observadora autora do melhor romance do século passado, *Gilead*, assinala:

---

1882), nome muito pouco conhecido no Brasil mas cuja influência sobre os evangélicos locais é patente, já que é ele o verdadeiro pai do dispensacionalismo. Concentram-se principalmente na Inglaterra, Europa Continental e EUA, não se consideram denominação e condenam as igrejas organizadas, alegando quererem uma só Igreja e um só Pastor (como se essas palavras não possuíssem, respectivamente, mais de uma acepção na Bíblia). Porém, apesar de formalmente não haver oficiais ou ministros ordenados, rol de membros ou locais caracterizados como templos para as suas reuniões, o fato é que o próprio título "Irmãos" já possui, em si mesmo, óbvias implicações denominacionais. Na Bahia e no Espírito Santo do final do século XIX e início do XX, o missionário batista norte-americano Zacarias C. Taylor, atento aos efeitos desintegradores e dispersadores do darbismo, combateu energicamente a infiltração do grupo na denominação, estendendo a luta até às igrejas de Portugal. O conceito deles de irmandade cristã (fruto de uma exegese equívoca de Mt 18.20) explica a mui inexpressiva força de sua atividade missionária, e a pretensão de que resgataram posições do cristianismo da era apostólica que foram abandonadas nos séculos posteriores é, infelizmente, atitude semelhante à de seitas heréticas como as testemunhas de Jeová, os mórmons e a Igreja Adventista do Sétimo Dia (N. do T.)

E como isso podia ter sido pior? Se a criança tivesse caído, como no século seguinte tantas cairiam, nas mãos daqueles que consideravam a característica judaica em termos biológicos e não religiosos e culturais. À objeção de Dawkins de que a ciência nazista não era ciência autêntica eu responderia, primeiramente, que nem os nazistas nem os alemães tinham monopólio algum sobre tais teorias, as quais tiveram muita influência em todo o mundo ocidental; em segundo lugar, que a pesquisa com cobaias humanas levada a cabo por aqueles que sustentavam semelhantes premissas eram ciência boa o suficiente para aparecer em textos médicos por exatamente meio século. Isso não é discriminar a ciência como sendo excepcionalmente propensa a causar malefício, ainda que sua capacidade de fazê-lo seja agora inigualável. Trata-se apenas de observar que a ciência, também, está comprometida com essa sombria inclinação humana, e é um grande instrumento dela.<sup>80</sup>

A teoria de que manter as crianças longe da religião salvará de alguma maneira o mundo é uma teoria utópica que ignora a lógica, o bom senso e a história humana. Quanto a essa última, fez-me lembrar de uma refugiada na Holanda com quem me encontrei no ano passado. Ela é uma médica formada oriunda do Azerbaijão. Experimentou os horrores da limpeza étnica religiosa — havendo sido forçada a sair de seu país por fundamentalistas muçulmanos. Poder-se-ia esperar que, tendo experimentado os efeitos sinistros de alguma religião, ela teria sido apoiadora do seu ponto de vista. Porém, quando a questioneei, ela discordou completamente do senhor. ‘Nós passamos 70 anos’, contou-me, ‘70 anos em que não nos foi concedido ser instruído sobre Deus. Vivíamos em um estado ateu onde só o ateísmo era ensinado. Eles até tentaram banir Deus de nossas casas.’ Os resultados foram todos mui claramente vistos na União Soviética ateuista. A filosofia e idéias que o senhor propõe nesse capítulo já foram experimentadas e, como já destacado, foram um fracasso espetacular.

Assusta-me mesmo um pouco que a posição básica que o senhor esquematiza nesse capítulo seja uma que me rotula tanto como abusado quanto como abusador. Eu fui educado com os Irmãos. Há aspectos deles de que não gosto e encontrei algumas pessoas estranhas e ouvi algumas coisas estranhas. Entretanto, também encontrei algumas pessoas maravilhosas e a mim se ensinaram algumas coisas maravilhosas — especialmente, que eu deveria usar minha própria mente. Foi precisamente agindo assim, em primeiríssimo lugar, que fui levado a rejeitar a fé em que eu fora criado e, em segundo, a retornar, não ao darbismo, mas a Jesus Cristo. Minha infância foi altamente feliz dentro do contexto de uma família amorosa e de uma comunidade aberta. Não obstante, o senhor acha que eu teria estado em melhor condição sendo abusado sexualmente por algum professor de internato do que educado tendo sido instruído acerca de Jesus Cristo. E acusa-me de ser pior do que um pedófilo porque alegremente ensino os filhos novos que Cristo os ama, que eles são importantes e têm um propósito e

---

<sup>80</sup> Crítica de *Deus, um Delírio* na *Harper's Magazine*, edição de novembro de 2006, reproduzida *online* em <http://darwiniana.com/2006/10/23/marilynnerobinson-on-dawkins/>

lugar no mundo dele. É de pouco se admirar que as pessoas julguem que a sua lógica esteja um pouco torcida pelo seu fundamentalismo secular e que não estão certas em estar mais do que pouco sobressaltadas pelas conseqüências de um ponto de vista tão perverso?

Falando de escolas, os seus leitores americanos devem estar se perguntando o porquê de o senhor gastar seis páginas atacando uma escola estatal no Nordeste da Inglaterra. Que sorte de lugar mal e horrendo é este que resultou em o senhor, o Bispo de Oxford e quase toda a *intelligentsia* inglesa se unindo para condená-la e atacá-la? A Emmanuel College é uma escola do estado. Na Grã-Bretanha não temos uma separação formal entre Igreja e Estado e, portanto, muitas escolas estatais são tencionadas para se basearem em um *ethos* cristão. Um considerável número de escolas na Inglaterra é anglicano e ainda se dá que a maioria das escolas tenha no mínimo um ato de culto público por semana. Entretanto, uma porção considerável do sistema estatal na Grã-Bretanha está em crise — o fato de que o declínio dos padrões surge simultaneamente ao declínio do cristianismo e à ascensão do secularismo pode ou não pode ser pertinente. Muitos dos mais pobres estão sendo deixados para trás em escolas decrépitas com desempenho acadêmico muito parco. O governo, para bem ou para mal, tenta encorajar ricos beneméritos a investirem em escolas estatais de áreas mais pobres conhecidas como ‘*city academies*’.

Uma pessoa que tem investido é Sir Peter Vardy, um milionário homem de negócios e cristão. Uma das três escolas que ele sustenta, ao custo considerável de £2 milhões cada uma, é a Emmanuel College, de Gateshead, no Nordeste da Inglaterra. Assim, por que o senhor e tantos dentre os seus amigos se opõem tão amargamente a essa escola? Por que, em um livro sobre ‘o Delírio de Deus’, e em um capítulo sobre abuso religioso infantil, o senhor devota tanto espaço para atacar essa escola, denominando-a um escândalo educacional? Porque o diretor de ciência, Stephen Layfield, é um cristão e escreveu uma monografia sobre ‘O ensino de ciência: uma perspectiva bíblica’. Neste ele comete o pecado capital de ousar questionar a evolução. Ora, ele pode ou não pode estar errado — e tenho certeza de que, se os princípios básicos da ciência são ensinados, então seus alunos logo conseguirão discernir a verdade. Mas realmente se justifica o senhor rotular a Emmanuel Christian School como um lugar onde o abuso infantil está acontecendo? O senhor está certo em rotulá-la de ‘instituição criacionista’ que faz lavagem cerebral nos estudantes para aceitarem o ponto de vista bíblico acriticamente?

Decidi averiguar e, como era de se esperar, a verdade é algo diferente. A política do Instituto é ensinar os argumentos pró e contra a evolução, o *design* inteligente etc. Os estudantes são estimulados a fazerem uma abordagem crítica e a não aceitar as coisas sem as sujeitar ao escrutínio e discussão. Os professores e alunos são incentivados a declararem suas próprias posições. Do *staff* de ciência, de nove pessoas, três apegavam-se a uma posição criacionista de que a Terra é jovem, três a uma posição evolucionista

teísta e três são evolucionistas não-cristãos. Isso soa como escola projetada para ignorar o pensamento científico corrente? Até onde consigo me lembrar, isso reflete minha própria experiência na escola, onde meu professor de química era ateu, o de física era cristão e o de biologia era um criacionista que defendia que a Terra era nova. Todos eles eram bons professores que não procuravam impor seus pareceres. Assim, por que o senhor tão amargamente se opõe a Emmanuel?

Isto se torna mais enigmático ainda quando vemos quão bem Emmanuel está se portando. Em março de 2006 a Emmanuel recebeu sua terceira classificação ‘de destaque’ do Ofsted <sup>81</sup> — uma das doze únicas escolas no país na ocasião. Agosto testemunhou resultados de exame que colocaram-na entre as cinco escolas mais completas da Inglaterra. E essa não é uma escola nos subúrbios verdes elitistas de Oxford. É uma escola em uma das mais pobres áreas da Inglaterra e seus 1.250 alunos estão recebendo uma excelente educação em uma boa escola. Seguramente, como humanista liberal, o senhor deveria estar se deleitando com esse êxito — mesmo que o diretor de ciência tenha pontos de vista que considere serem errôneos. A sua atitude em relação a isso é misteriosa e tem mais traços do *ethos* fundamentalista do que de uma opinião humanista liberal que vê a educação como boa em e de si mesma.

É digno de nota que a campanha contra essa escola de grande sucesso foi iniciada pela National Secular Society. Por quê? Por que não iniciaram uma campanha para erguer todas as nossas escolas ao nível e aos padrões da Emmanuel? Porque não estão berrando dos telhados diante do escândalo do decadente sistema educacional em nosso país, especialmente daquele dos pobres, em vez de atacarem uma escola que verdadeiramente está funcionando? É porque estão mais preocupados com a ideologia deles do que com o povo. Eu até conheço um dirigente daquela sociedade que, enquanto faz publicamente campanha contra qualquer sorte de influência cristã nas escolas estatais, envia seus próprios filhos para uma escola cristã privada porque ‘eles recebem uma melhor educação lá’. Hipocrisia.

Falando de hipocrisia, o senhor menciona Dan Barker, um antigo ministro fundamentalista que continuou a pregar por um tempo mesmo depois que virou ateu, o qual diz que conhece ‘muitos outros clérigos americanos que estão na mesma situação que ele estava mas que confidenciaram somente a ele, depois de haverem lido seu livro’. Não discuto isso. Há muitos cristãos teóricos que são, na realidade, ateístas práticos na Igreja. É particularmente verdadeiro quando a religião pode ser vista como um meio de se fazer dinheiro ou de se fazer a vida. Se alguém não mais crê, então, indiscutivelmente, não deveria continuar a receber salário de uma organização que não mais apóia, ensinando doutrinas em que não mais acredita.

Proveniente de um *background* de classe trabalhadora, não fui a internatos e não

---

<sup>81</sup> Sigla inglesa do *Office for Standards in Education* [Departamento para Padrões em Educação] (N. do T.)

posso o dinheiro para dar a meus filhos a ‘melhor’ educação. Fico mais do que contente de mandá-los a escolas estatais, mas não quero que eles sejam doutrinados pela minoria de secularistas e ateus que parecem achar que a filosofia deles é a única em que se deve ter credibilidade. Tenho observado que, apesar de os ateus falarem de modo tão impressionante sobre educação, quando é para ser coerente com o próprio discurso, eles, em geral, não constroem escolas nem põem seu dinheiro naquilo de que falam. Em vez disso, preferem confiscar, de maneira canhestra, o trabalho, o dinheiro e a iniciativa alheias para que possam usar esses para instruir com base em sua própria filosofia.

A minha própria terra, a Escócia, era famosa por seu sistema educacional, um sistema que provia oportunidade, educação e progresso a todos os que estavam dispostos para o aproveitarem. Era um sistema que estava fundamentado em princípios cristãos e que operava com a concepção de que, onde houvesse uma igreja, deveria haver uma escola. Todas as nossas maiores Universidades eram baseadas em princípios cristãos e, de modo geral, tal sistema nos serviu bem. Não por coincidência, assim que os princípios básicos de cristianismo foram expulsos da escola e da cultura, a Escócia tornou-se uma cultura significativamente emburrecida e nós estamos rapidamente caindo na tabela internacional de educação.

Não quero um sistema stalinista que bana o cristianismo da escola e do lar. Nem quero um modelo secularista americano que deixe as classes rica e média enviarem seus filhos a escolas particulares (muitas vezes baseadas em princípios cristãos) enquanto permite, com freqüência, que o pobre apodreça em um sistema estatal sub-financiado baseado em uma pobre filosofia de educação. Ensinar as crianças com base nos princípios cristãos de amor, respeito mútuo, investigação, verdade e justiça não é abuso. Negar aos filhos a oportunidade de uma educação decente por causa do viés da sua filosofia — isto é abuso. E acusar os pais que buscam criar seus filhos no amor e na paz de Cristo de serem abusadores de crianças é desprezível.

No entanto, há uma área onde posso concordar com o senhor. O senhor lamenta o analfabetismo bíblico de nossa atual sociedade. Concordo. Totalmente. Veja bem, é somente tal ignorância que indica que o senhor consiga se dar bem com muitas das asserções que faz sobre a Bíblia em seus livros. Qualquer um que seja bíblicamente letrado logo reconhecerá que a sua representação da Bíblia é distorcida e fora de contexto. O que pode chocá-lo ainda mais (e isso certamente me deprime) é o quão bíblicamente analfabetos muitos cristãos professos são. Se os cristãos conhecessem melhor a Palavra e fossem mais bem ensinados, não teríamos muito a temer quanto ao ateísmo renascente que o senhor está tentando incentivar. A Bíblia é muitíssimo mais do que uma interessante coleção literária e cultural. É a Palavra de Deus viva e eterna. Céus e terra passarão, mas a Palavra de Deus permanecerá para sempre.

Movamo-nos brevemente para o capítulo dez. Este é um capítulo um tanto estranho e desconexo que aborda a idéia de religião como alguma espécie de

consolação, a atitude cristã para com a morte e termina com as teorias da física quântica. O senhor parece pensar que aqueles dentre nós que crêem em Deus são, efetivamente, crianças que não cresceram sem a necessidade de um amigo imaginário. Além dos aspectos arrogantes disso, a questão que se levanta para mim é, se o Deus da Bíblia, ou o Deus dos católicos ou o Deus de alguém é tão horrível como o senhor afirma, como a crença nele pode ser um consolo?

Com respeito à morte, sugere que se realmente crêssemos no que dizemos, então estaríamos todos alegres quanto a morrer. Naturalmente, se todos nós fôssemos ao túmulo extremamente excitados e felizes o senhor então estaria citando isso como comprovação do poder de lavagem cerebral da religião! Uma das razões por que creio é precisamente devido à morte. Teria sido tão fácil e aliviador, de certa forma, crer que, uma vez que eu morri, acabou. Imagine que não exista vida alguma após a morte. Ninguém a quem responder. Nenhum céu. Nenhum inferno. Nada desconhecido. Apenas morte, silêncio e não existência. Acreditar nisso seria, para muitas pessoas, bem-aventurança. É para pouco se maravilhar que alguns de seus convertidos descrevam uma tal crença com fervor religioso. No entanto, tentei essa via. E ela simplesmente não dá certo. Não dá certo porque não soa verdadeira. Não dá certo porque há algo dentro de mim que me diz que há mais para se viver do que esta vida. Não dá certo porque tenho uma mente que me conta que eu não sou um objeto inanimado nem apenas uma coleção de moléculas em seu rumo ao nada. Não dá certo porque sei que meu corpo é mais do que uma descartável máquina de sobrevivência, assim como sei que o mundo não é plano e a vida não é sem sentido. A resposta ateuista à morte é encontrada em *L'Etranger (O Estranho)*. É desencorajadora. A resposta cristã é amplamente distinta. É Cristo.

Analisando o seu livro, penso que topamos com duas filosofias conflitantes. Na realidade, elas não têm nada a ver com ciência apesar de em ambas serem citadas as descobertas da ciência como comprovação. A sua filosofia de positivismo lógico significa que a sua ciência substitui Deus. É sua cosmovisão. É sua vida. É sua fé. Não espanta que seja tão religioso ao defendê-la e tão ansioso por extirpar hereges e apaziguadores sem opinião própria! No capítulo dez o senhor fala sobre 'remover a *Burka*', querendo dizer retirar o véu limitado que temos do Oriente Médio (acho que Tolkien deveria processar!). Sugere que agora estamos vendo apenas parcialmente, porém, logo a ciência nos capacitará a vermos claramente. Era cego mas agora vejo. Isso é quase messiânico no fervor e bíblico em sua linguagem: 'Pois agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face' (1 Coríntios 13.12).

E esse último capítulo é onde o senhor final e completamente mata qualquer pretensão de que o seu ponto de vista seja baseado sobre evidência empírica, observável e passível de teste. Por todo o livro o senhor está utilizando a existência do material como a lente através da qual devemos julgar todas as coisas. Apóia isso com o que julga ser a experiência do senso comum e em especial da probabilidade. Contudo, no capítulo

dez o senhor se move para além disso. Cita Steve Grand, um cientista da computação que se especializou em ciência artificial: ‘A matéria flui de lugar para lugar e momentaneamente se ajuntam para ser você. Seja quem for você, portanto, não é a coisa da qual é feito. Se isso não faz o cabelo de trás do seu pescoço eriçar, leia-o outra vez até que ele fique, pois isso é importante.’ Grand prossegue, defendendo que, se você lembrar-se de uma experiência de sua infância, deve se lembrar de que não esteve lá realmente. ‘O que vemos do mundo real não é o mundo real nu e cru, mas um modelo dele, regulado e ajustado pelos dados sensoriais — um modelo construído para que seja útil para se lidar com o mundo real!’ Isso é coisa brilhante que aparenta ajustar-se com o espiritual, e talvez até com o conceito bíblico de alma, mas está a um milhão de milhas de distância da evidência empírica que o senhor continua exigindo. Na verdade, a maior parte disso é adivinhação muitíssimo divertida — tentando explicar e preencher lacunas que a ciência não pode responder. Denomino-o TMDismo – Tudo-Menos-Deus-ismo.

A sua frase final declara ‘Melhor ainda, podemos finalmente descobrir que não há limites.’ Com certeza o senhor não quer dizer isso. Pois estende o limite até Deus. O senhor não pode crer em um Deus que criou o universo (isso é um limite). O senhor recusa-se a crer em um Deus que levantou Jesus dos mortos (um outro limite). E ridiculariza o conceito de que esse Deus pode possa se comunicar com seres humanos mediante seu Espírito e sua Palavra (um outro limite). Somente está disposto a aceitar limite nenhum em termos de conhecimento humano. Na verdade, quer substituir Deus pela humanidade. Quer-nos como a Consciência Mais Elevada, para tornarmo-nos como Deus. Caímos por causa disso e desde então estamos pagando o preço. Oro para que não caiamos por isso novamente.

Seu, etc.  
David

## CARTA FINAL AO LEITOR — POR QUE CRER?

Caro Leitor:

Obrigado por ler até aqui (ou, caso você seja o tipo de pessoa que começa um livro de trás para frente — obrigado por iniciar aqui!). Eu prometi que proveria uma lista de leitura e alguns outros recursos e isso se o espaço assim o permitir. Também quero responder uma questão que tem sido continuamente feita a mim durante as últimas semanas e uma delas eu prometi que responderia. Mas vamos aos livros primeiro.

Li do começo ao fim 100 livros e artigos relacionados aos tópicos cobertos nessas cartas. Foi uma jornada fatigante mas estimulante. Certo material alargou a minha mente até doer — em particular a física quântica! Consolo-me com o fato de que, como Richard Feynman destacou, ‘se você acha que entende a teoria quântica ... você não entende teoria quântica’. Talvez os livros mais úteis sejam os seguintes. (Por favor note que ‘útil’ não significa necessariamente um endosso a tudo de cada livro. Estou supondo que aqueles dentre vocês que conseguiram ler até aqui são adultos o bastante para se darem conta de que às vezes podemos aprender muito de pessoas com as quais discordamos. Os livros abaixo são os com que interagi — existe só um livro que eu reputei ser absolutamente digno de confiança, a Bíblia!).

Obviamente, *Deus, um Delírio* é o livro com que estou interagindo. Se você já leu o livro então saberá a que estou me referindo. Caso contrário, honestamente, não posso recomendar que o obtenha. Em verdade, ele é tão ruim quanto tentei demonstrar e teria relutância em dar qualquer dinheiro por ele! Se você está interessado em ciência, então outros livros de Dawkins são muito mais palatáveis. Em termos da interação ciência/religião eu recomendaria:

De Alister McGrath: *Dawkins’ God: Genes, Memes and the Meaning of Life*,<sup>82</sup> *The Twilight of Atheism*<sup>83</sup> e *Science and Religion: An Introduction*.<sup>84</sup> (Ainda não li *O Delírio de Dawkins*,<sup>85</sup> de Alister McGrath and Joanna Collicutt McGrath visto que, na época em que escrevi, esse não havia sido publicado; entretanto, tenho poucas dúvidas de que será à altura do excelente padrão usual de McGrath.) *Unnatural Enemies: An Introduction to Science and Christianity*, de Kirsten Birkett<sup>86</sup>, é um belo compêndio sobre todo o tema e o seu *The Essence of Psychology*<sup>87</sup> igualmente vale a pena. *Pilares do Tempo*, de Stephen J. Gould<sup>88</sup> é também uma mina de informação. *Science, Life and Christian Belief*, de Malcolm A. Jeeves e R. J. Berry<sup>89</sup>, foi muito útil para mim. Para aqueles interessados na história da ciência e da religião, *Darwin’s Forgotten Defenders: The Encounter Between Evangelical Theology and Evolutionary Thought*,<sup>90</sup> de David N. Livingstone, é fascinante. Para um escritor do século XIX com apelo às massas e que

---

<sup>82</sup> Blackwell Publishing (2004)

<sup>83</sup> Rider & Co (2004)

<sup>84</sup> Blackwell Publishers (1998)

<sup>85</sup> Mundo Cristão, 2007 (N. do T.)

<sup>86</sup> Matthias Press (1997)

<sup>87</sup> Matthias Press (1999)

<sup>88</sup> Rocco, 2002 (N. do T.)

<sup>89</sup> Apollos (1998)

<sup>90</sup> Eerdmans (1987)



é tão bom quanto Dawkins em comunicar a sua mensagem, mas com a vantagem distintiva de ser um cristão, dê uma olhada em *The Footprints of the Creator: or, The Asterolepis of Stromness*<sup>91</sup> ou *The Testimony of the Rocks: or, Geology in its Bearings on the Two Theologies, Natural and Revealed*<sup>92</sup> 46, de Hugh Miller.

Alguns outros livros de ciência de apelo popular que achei úteis incluem *In the Blood: God, Gênesis and Destiny*, de Steve Jones;<sup>93</sup> *Breve história do tempo. Do Big Bang aos buracos negros*, de Steven Hawking,<sup>94</sup> *Genoma*, de Matt Ridley;<sup>95</sup> e particularmente *A Mente de Deus*<sup>96</sup> e *The Goldilocks Enigma: Why is the Universe Just Right for Life?*,<sup>97</sup> de Paul Davies. Embora esse não seja um teísta, achei-o muito bom, e ele não descarta o teísmo — de fato, apresenta um excelente argumento em prol desse. Os livros dele expandiram meu intelecto e, assim, reforçaram minha fé.

Há vários cientistas que são cristãos comprometidos e que escreveram acerca da interação entre o trabalho e a fé deles. *Quarks, Chaos and Christianity: Questions to Science and Religion*, de John Polkinghorne,<sup>98</sup> é estimulante e intelectualmente instigante também. *God's Universe*, de Owen Gingerich,<sup>99</sup> é pequeno, porém, é um livro compensador escrito por um astrônomo veterano. *God and the Biologist*, de R. J. Berry,<sup>100</sup> fornece um ponto de vista evolucionista teísta. Pessoalmente, meu favorito (apesar de não concordar com tudo que nele está) é *A Linguagem de Deus*, de Francis Collins.<sup>101</sup> É um dos livros mais interessantes e confirmadores da fé que eu já li.

Mesmo que muitos cientistas não concordem com o Movimento do *Design Inteligente* (incluindo muitos que aceitam que há evidência pró-*design* inteligente) ninguém deve comentar sobre isso sem ler *A Caixa Preta de Darwin*, de Michael Behe.<sup>102</sup> De igual modo, há cientistas e muitos cristãos que adotam uma posição criacionista de que a terra é nova. A melhor defesa disso que li é *Creation and Change*, de Douglas F. Kelly.<sup>103</sup>

Pode-se citar muitíssimos livros sobre cristianismo, teologia e moralidade. *Cristianismo Puro e Simples*, de C. S. Lewis,<sup>104</sup> bem como o seu *Surpreendido pela Alegria*<sup>105</sup> permanecem como maravilhosas explanações de muitos aspectos da fé cristã. *Em Defesa de Cristo*, de Lee Strobel,<sup>106</sup> elabora um bom argumento. *Christian Theology: An Introduction*, de McGrath,<sup>107</sup> é o manual mais confiável, embora, se você

---

<sup>91</sup> University of Michigan University Library (1858)

<sup>92</sup> Disponível em <http://www.openlibrary.org/details/testimonyoftherocks00millrich> (1857)

<sup>93</sup> HarperCollins (1996)

<sup>94</sup> Gradiva (1998) (N. do T.)

<sup>95</sup> Record (2001) (N. do T.)

<sup>96</sup> Ediouro (1994) (N. do T.)

<sup>97</sup> Allen Lane (2006)

<sup>98</sup> Crossroad Publishing Co., USA (2005)

<sup>99</sup> The Belknap Press (2006)

<sup>100</sup> Apollos (1996)

<sup>101</sup> Gente (2007) (N. do T.)

<sup>102</sup> Jorge Zahar (s/d) (N. do T.)

<sup>103</sup> Mentor/Christian Focus Publications (1997)

<sup>104</sup> Martins Fontes (2005) (N. do T.)

<sup>105</sup> Mundo Cristão (s/d) (N. do T.)

<sup>106</sup> Vida (2001) (N. do T.)

<sup>107</sup> Blackwell Publishers, 3.<sup>a</sup> edição (2001)

quiser uma teologia bíblica sistemática realmente confiável e minuciosa, será duro de bater *Systematic Theology*, de Robert Duncan Culver.<sup>108</sup> *Issues Facing Christians Today*, de John Stott,<sup>109</sup> é um exemplo soberbo de como aplicar a Bíblia à vida moderna. Por outro lado, *Godless Morality: Keeping Religion Out of Ethics*, de Richard Holloway,<sup>110</sup> é um exemplo de quão longe a Igreja pode se afastar da fé cristã, enquanto *God and the Crisis of Freedom: Biblical and Contemporary Perspectives*, de Richard Bauckham,<sup>111</sup> contém um excelente capítulo que trata do livro de Holloway. *The Enigma of Evil: Can We Believe in the Goodness of God?*, de John Wenham,<sup>112</sup> é uma tremenda discussão acerca algumas das maiores questões, como o é *Exclusion and Embrace: Theological Exploration of Identity, Otherness and Reconciliation*, de Miroslav Volf.<sup>113</sup> E sempre me regozijo lendo *Merece Confiança o Novo Testamento?*<sup>114</sup> e *The Hard Sayings of Jesus*,<sup>115</sup> de F. F. Bruce. Pessoalmente, beneficiei-me muitíssimo de *Confissões*<sup>116</sup> e *Cidade de Deus*,<sup>117</sup> de Agostinho. *As Institutas*<sup>118</sup> de Calvino e tudo que for de Jonathan Edwards<sup>119</sup> sempre compensarão o esforço.

Sobre a questão inteira de o século XX ser o século falido do ateísmo, o melhor lugar para começar é com *Th e War of the World: History's Age of Hatred*, de Niall Ferguson.<sup>120</sup> *Era dos Extremos - O Breve Século XX 1914/1991*, de Eric Hobsbawm,<sup>121</sup> é, de igual modo, uma obra padrão. Caso você tenha alguma dúvida sobre o ateísmo de Stálin ou Mao, então eu recomendaria *Stálin — A Corte do Czar Vermelho*, de Simon Sebag-Montefiore<sup>122</sup>, e *Mao — A História Desconhecida*, de Jung Chang.<sup>123</sup> Sobre o

---

<sup>108</sup> Mentor/Christian Focus Publications (2005)

<sup>109</sup> Zondervan Publishing House, 4.ª edição (2006)

<sup>110</sup> Canongate Books Ltd (2000)

<sup>111</sup> Westminster/John Knox Press, EUA, 1.ª edição (2002)

<sup>112</sup> Inter-Varsity Press (1985)

<sup>113</sup> Abingdon Press, USA (1994)

<sup>114</sup> Vida Nova (s/d). O original inglês *The New Testament Documents: Are They Reliable?* pode ser acessado gratuitamente *online* a partir do link abaixo:

<http://www.worldinvisible.com/library/ffbruce/ntdocrli/ntdocont.htm>

(N. do T.)

<sup>115</sup> Hodder Christian Essentials, Hodder & Stoughton (1998)

<sup>116</sup> Martin Claret (2002). Versões em inglês e francês dessa obra clássica podem ser acessadas na Web sem custo algum. Os respectivos *links* são:

<http://www.ccel.org/ccel/augustine/confess.html>

<http://www.abbaye-saint-benoit.ch/saints/augustin/confessions/confessions.htm>

(N. do T.)

<sup>117</sup> Calouste Gulbenkian (1991) (em três volumes). Também disponível gratuitamente na Internet, nos respectivos endereços:

<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf102.iv.html> (tradução inglesa)

<http://www.abbaye-saint-benoit.ch/saints/augustin/citededieu/index.htm> (tradução francesa)

(N. do T.)

<sup>118</sup> Cultura Cristã (s/d). A versão inglesa da obra magna do Reformador de Genebra também pode ser acessada sem ônus a partir da rede mundial de computadores, nos *links* abaixo:

<http://www.ccel.org/ccel/calvin/institutes.html>

Por outro lado, uma tradução em francês antigo pode ser lida em

[http://books.google.com/books?id=tKEGAAAQAAJ&printsec=frontcover&dq=Institution+Jean+Calvin&lr=lang\\_fr&as\\_brr=0&hl=pt-PT](http://books.google.com/books?id=tKEGAAAQAAJ&printsec=frontcover&dq=Institution+Jean+Calvin&lr=lang_fr&as_brr=0&hl=pt-PT)

(lembrando que o original foi escrito em latim).

(N. do T.)

<sup>119</sup> Todos os livros de Jonathan Edwards no original inglês estão hoje disponibilizados gratuitamente na Web, em *sites* como o da *Christian Classics Ethereal Library* ([www.ccel.org](http://www.ccel.org)). (N. do T.)

<sup>120</sup> Allen Lane (2006)

<sup>121</sup> Companhia das Letras (s/d) (N. do T.)

<sup>122</sup> Companhia das Letras (s/d) (N. do T.)

surgimento do nazismo e o ateísmo de Hitler dê uma olhada em *Os Carrascos Voluntários de Hitler*, de Daniel Jonah Goldhagen;<sup>124</sup> *Albert Speer — Sua Luta com a Verdade*, de Gitta Sereny;<sup>125</sup> *Hitler — Um Perfil do Poder*, de Ian Kershaw;<sup>126</sup> e *Até o Fim — Os Últimos Dias de Hitler Contados Por Sua Secretária*, de Traudl Junge.<sup>127</sup> Para ver como um cristão lidava com o mal do nazismo, leia *Disciplinado*<sup>128</sup> e *Resistência e Submissão: Cartas e Anotações Escritas na Prisão*,<sup>129</sup> de Dietrich Bonhoeffer.

Dois outros trabalhos mencionados são o artigo de Patrick Sookhdeo, *The Myth of Moderate Islam*,<sup>130</sup> e o livro de Hans Rookmaaker, *Modern Art and the Death of a Culture*.<sup>131</sup>

Entretanto, essa literatura não provém apenas de obras de teologia, filosofia ou história. Há muitas outras coisas que precisam ser acrescentadas ao *mix*. Eu também citaria filmes que achei serem estimulantes e informativos: *Matrix*, *A Queda: As Últimas Horas de Hitler* e o recém-lançado *Amazing Grace*. Em termos de natureza humana e descrição dos problemas que a sociedade moderna enfrenta, *Crash – No Limite* é intelectualmente instigante e perturbador. *The World at War*<sup>132</sup> é a melhor série de TV/DVD feita sobre o assunto.

Música e poesia são dois dos maiores dons dados aos humanos. Leonard Cohen, John Lennon, B. B. King, U2, Mozart, Emmylou Harris e Johnny Cash são a trilha sonora deste livro! Poemas tais como *All There is to Know about Adolf Eichmann*, de Leonard Cohen,<sup>133</sup> diz em poucas palavras o que eu disse em muitas!

Em termos de romances eu recomendaria particularmente os seguintes: *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoevsky,<sup>134</sup> a parte final da trilogia de ficção científica de C. S. Lewis, *That Hideous Strength* (a qual, de maneira brilhante, avisa-nos sobre os perigos de um materialismo científico sem Deus), *Um Grande Garoto*, de Nick Hornby;<sup>135</sup> *O Estrangeiro*, de Albert Camus;<sup>136</sup> *Coma Profundo*, de Douglas Coupland;<sup>137</sup> e o belamente escrito e maravilhosamente lúcido *Gilead*, de Marilyn Robinson.<sup>138</sup>

---

<sup>123</sup> Companhia das Letras (s/d) (N. do T.)

<sup>124</sup> Companhia das Letras (s/d) (N. do T.)

<sup>125</sup> Bertrand Brasil (s/d) (N. do T.)

<sup>126</sup> Jorge Zahar (s/d) (N. do T.)

<sup>127</sup> Ediouro (s/d) (N. do T.)

<sup>128</sup> Sinodal (2004) (N. do T.)

<sup>129</sup> Sinodal (2003) (N. do T.)

<sup>130</sup> *The Spectator*, 30 de julho de 2005

<sup>131</sup> Apollos (1994)

<sup>132</sup> Essa série da BBC chegou a ser passada na televisão brasileira (mais recentemente, no GNT), com o título *O Mundo em Guerra* (N. do T.)

<sup>133</sup> Uma tradução portuguesa desse e de outros poemas de Leonard Cohen pode ser encontrada em

[http://meldomelhor.blogspot.com/2006\\_02\\_05\\_meldomelhor\\_archive.html](http://meldomelhor.blogspot.com/2006_02_05_meldomelhor_archive.html)

(N. do T.)

<sup>134</sup> Ediouro (2001) (N. do T.)

<sup>135</sup> Rocco (2000). Essa obra já ganhou versão para o cinema em 2002, com filme de mesmo título estrelado por Hugh Grant (N. do T.)

<sup>136</sup> Record (2001). Este livro ganhou uma versão para o cinema em 1967 (*Lo Straniero*, do diretor italiano Luchino Visconti) (N. do T.)

<sup>137</sup> Teorema (1998) (N. do T.)

<sup>138</sup> Nova Fronteira (2005) (N. do T.)

Há ainda numerosos artigos/críticas e livretos que eu li. Um que com certeza eu recomendaria é um sermão publicado como livreto por Alec MacDonald, da Buccleuch and Greyfriars Free Church em Edimburgo — *Why I am not an Atheist*. Vá ao *website* da Free Church ([www.freechurch.org](http://www.freechurch.org)) para obter uma cópia.

Por falar nisso, a *Web* é uma excelente fonte de informação, ainda que, por favor, seja cauteloso ao usar *Wikipedia* e *Google* como atalhos para realmente descobrir e pensar acerca das coisas por si próprio. (Já perdi a conta do número de vezes em que li ‘eruditos’ que provam que essa ou aquela parte da Bíblia está erroneamente traduzida, normalmente pessoas que jamais leram um livro de grego ou hebraico na vida, mas repentinamente ‘conhecem’ devido a algo que leram na *web*!) Alguns outros *websites* que utilizo são os do Faraday Institute – ([www.st-edmunds.cam.ac.uk/faraday/index.php](http://www.st-edmunds.cam.ac.uk/faraday/index.php)), uma excelente fonte de material de Cambridge sobre a interação fé/ciência), dos Christians in Science ([www.cis.org.uk](http://www.cis.org.uk)), de Cees Dekker ([www.mb.tn.tudelft.nl/user/dekker/index.html](http://www.mb.tn.tudelft.nl/user/dekker/index.html)), e da Redeemer PCA ([www.redeemer.com](http://www.redeemer.com), uma fonte constante de estímulo e encorajamento como o é o de John Piper, [www.desiringgod.org](http://www.desiringgod.org)<sup>139</sup>). E, naturalmente, não posso esquecer o próprio *website* de Richard Dawkins ([www.richarddawkins.net](http://www.richarddawkins.net)).

Revista *Prospect*, *Time*, *The Spectator*, *The Times*, *The Guardian* e *The New York Times* online frequentemente trazem excelentes artigos discutindo muitas das questões levantadas nestas cartas.

Os originais destas cartas e algumas das respostas a elas podem ser achadas no *website* da Free Church ([www.freechurch.org](http://www.freechurch.org)). A carta inicial foi postada no *website* de Dawkins e obteve uma reação rancorosa tal que não foi mais colocada nenhuma lá. Entretanto, tive o prazer de me corresponder com vários intelectuais ateus que, em geral, foram muitíssimo mais corteses e atenciosos. A maior parte de nossas discussões tendem a ficar atoladas em pressuposições. Os ateus pressupõem que nada há além da matéria. Tendem a ser positivistas lógicos que exigem provas, mas depois estabelecem limites irracionais quanto ao que aceitam como prova. Eles rejeitam totalmente o conceito de revelação. Como os ateus, eu também pressuponho que a matéria seja real, mas não pressuponho que essa seja a *única* realidade e não posso *de facto* rejeitar o conceito de revelação fora de nosso alcance. Na verdade, esta é uma coisa de que me tornei mais convencido — que, a despeito do testemunho de Deus na criação (‘Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas’, Romanos 1.20, NVI) é tudo o que há de mais necessário para o Espírito de Deus operar em nossas vidas de modo a que possamos ver. Afinal de contas, não disse Jesus que, a menos que um homem nasça do Espírito, não pode nem ver, nem a mente adentrar, no reino de Deus (João 3)?

Em certo sentido, sou grato a Richard Dawkins por escrever o livro dele. Fez-me pensar e expandiu minha mente. Ocasionalmente o livro me irritou, e peço desculpas se algumas vezes se topa com isso nestas cartas. (Talvez eu deva destacar que nenhum ateu ficou prejudicado na elaboração deste livro!) Na maior parte do tempo ele me entristeceu — imaginava eu que Bertrand Russell fosse o ateu mais deprimente que eu já tinha lido, mas Dawkins o vence com o pé nas costas — tome por exemplo isto de *O*

---

<sup>139</sup> Textos de John Piper traduzidos para o português vêm sendo disponibilizados gratuitamente tanto pelo site *Monergismo.com* como pelo periódico interconfessional *O Arauto da Sua Vinda*. (N. do T.)

*Rio que Saía do Éden:* <sup>140</sup>

Somos máquinas de sobrevivência — veículos-robô cegamente programados para preservar as moléculas egoístas conhecidas como genes. Nossos genes nos criaram. Nós animais existimos para a preservação desses e não somos nada mais do que máquinas de sobrevivência descartáveis. O mundo do gene egoísta é um mundo de competição selvagem, exploração brutal e fraude.

Que mundo triste, feio e sem esperança.

Não fico surpreso que Dawkins esteja ‘humilhado’ pelo fato de que *O Gene Egoísta* seja o livro favorito de Jeff Skilling, o desonrado CEO da Enron Corporation, e, naturalmente, percebo que Dawkins não é um darwinista social. Entretanto, não vejo como sua posição sócio-política seja congruente com sua posição filosófica. O meu aborrecimento contra o que Dawkins está ensinando não é guiado por algum desejo de proteger ou defender Deus. Se Deus foi uma idéia humana então não mereceria defesa. Se for real então pode defender a si próprio. Isso me faz lembrar do famoso ministro batista C. H. Spurgeon, o qual uma vez redarguiu um comentário a respeito de defender a Bíblia: ‘Defender a Bíblia? Eu antes defenderia um leão!’ Não, meu aborrecimento é simplesmente por não ter eu dúvida alguma de que, se a filosofia ateuista conseguir um apoio sempre crescente na Europa ou nos EUA então estaremos realmente rumando para uma outra Idade das Trevas.

Para aqueles leitores americanos que acham que isso pode ser verdade quanto à Europa, mas dificilmente pode se aplicar aos EUA, deixe-me lembrar a vocês de que a Igreja, em qualquer área, está sempre há uma geração apenas da extinção. Não estou convencido de que a Igreja dos EUA seja tão forte quanto o povo supõe. Certamente, parece que é como os números dão, mas suspeito que muito disso seja frágilimo e, assim como a Igreja Européia foi grandemente incapaz de ficar de pé diante dos assaltos à Bíblia que ocorreram no fim do século XIX, também a Igreja Americana, se não se despertar e realmente se voltar à Bíblia, logo se achará entrando em colapso, como um castelo de cartas em face do violento ataque da espiritualidade da Nova Era, das seitas, do materialismo e do recente e seguro de si ateísmo militante de Dawkins *et al.*

Quando iniciei esta série de cartas eu não tinha idéia de onde isso estaria levando. Abordei *Deus, um Delírio* com certo receio. Isso se deu em parte porque, quando na Universidade, passei um ano estudando a Guerra Civil Inglesa. Recordo-me de uma semana negra quando, lendo o brilhante historiador marxista Christopher Hill, topei com uma afirmação de que os puritanos ingleses envolveram-se no maior exercício de lavagem cerebral da história. Veio o pensamento à minha mente: ‘E se isso for verdade? E se eu também tiver sofrido lavagem cerebral? E se a crença em Deus for somente uma ilusão?’ Vinte e cinco anos depois, sentei-me para ler o livro de Dawkins. Tentei ser tão mente aberta quanto possível. Abordei-o com vinte e cinco anos a mais de conhecimento, conhecimento de coisas que fortaleceriam a minha crença, e conhecimento de coisas que me levariam a questioná-la. Acredite ou não, as três maiores coisas que me causaram as maiores dúvidas foram algumas das passagens mais difíceis da Bíblia, a Igreja e o *God Channel*. <sup>141</sup> Em realidade, eu nunca tinha tido

---

<sup>140</sup> Rocco (1996) (N. do T.)

<sup>141</sup> Canal da rede de televisão cristã GOD TV, o único a cabo do gênero disponível na Grã-Bretanha, onde surgiu. Com transmissão também para a Europa, é criticado por sua homofobia, adesão à chamada “teologia da prosperidade” e falta de visão pluralista (mesmo cristã) em sua mensagem. [Fonte:

qualquer problema com a dicotomia Deus x ciência, a qual sempre me pareceu uma falsa dicotomia — algo que Dawkins ilustra quase mais do que qualquer um. E eu ainda creio. De fato, creio mais do que nunca. Se há algo no livro de Dawkins, isso só confirmou para mim a aridez dos desertos do ateísmo e levou-me até a ser mais grato a Deus por sua glória, sua verdade, seu universo, sua Palavra e, acima de tudo, seu Filho.

Eu desafiei-me muitas vezes através dos ateus enquanto estive escrevendo estas cartas: ‘Prove-o. Prove que Deus existe.’ E contei a cada um deles que, quando eu chegasse ao fim, tentaria responder a questão. Agi assim no conhecimento de que é impossível provar Deus, não por que ele não seja passível de prova, mas devido às nossas pressuposições. Por exemplo, se acredita que os milagres não aconteceram, então eles jamais serão aceitos por você como prova. Quando passei por aquele período de dúvida há 25 anos atrás, essa foi a época mais negra da minha vida, não porque não pudesse ver a atração em não crer, mas antes por que não o podia. Mas o que eu sabia então e o que eu sei agora não permite que me afaste de Deus. Seria consolador ser um incrédulo (especialmente se você foi traumatizado ou desapontado por alguma religião ou grupo religioso), mas que bem há se a sua incredulidade não é verdadeira? E se não fossem os cristãos que estivessem iludidos, mas sim os descrentes?

O que então eu de fato sei? Por que crer que o cristianismo é verdadeiro? Posso listar apenas o seguinte — do qual tudo foi mencionado e discutido nas dez cartas.

1. A Criação. Por essa quero dizer os céus e a terra, do menor átomo à mais vasta galáxia. Toda ela grita para mim a glória de Deus. Enquanto escrevo estou repousando na casa de meus pais nas Terras Altas da Escócia, olhando de cima o Estuário Dornoch Firth. A noite está calma e clara e fito as estrelas acima.

‘Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se houve nenhum som; no entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras até aos confins do mundo. Aí pôs uma tenda para o sol’ (Salmo 19.1-4, ARA).

Incluo nessa categoria a ciência. Penso que é muito tolo da parte dos cristãos e de outros procurarem provar ou refutar Deus com base em uma teoria científica corrente. Mas a ciência, dentro de suas restrições quanto à observação do que Deus criou, é uma coisa maravilhosa e amiúde confirmadora da fé.

2. A mente e o espírito humanos. Por que temos consciência? Por que somos especiais? E a vida. De onde ela vem? Como podemos obter vida do que não é vida?
3. A Lei Moral. Como sabemos o que é o bem e o mal? Por que, absolutamente, temos um senso disso? E o que é o mal? Ao contrário de Dawkins, não posso acreditar na bondade inata dos seres humanos. Vejo muitíssimo mal e explicação alguma se ajusta tão primorosa e realisticamente quanto à do ensinamento da Bíblia. Mais do que isso, descubro que a Bíblia também nos traz a resposta ao mal — e ainda não encontrei nenhuma outra filosofia que faça isso.
4. Beleza. Já vimos isso na segunda carta. Por que é que os seres humanos possuem

---

Wikipedia] (N. do T.)

uma percepção de beleza? Pode ser apenas uma reação química, todavia, para mim faz muitíssimo mais sentido crer que Deus fez tudo belo a seu tempo. Vemos a beleza do Criador na Criação. Sem Deus, não é a beleza algo mais do que um mito sem sentido? Com Deus, porém, a beleza é mais do que uma pitada de eternidade.

5. Religião. Sim, há tanta coisa que está errada na religião e, em muitos aspectos, eu a odeio. Em geral, acredito ser ela antes uma imitação humana que mais bloqueia do que abre o caminho para Deus. Não obstante, é uma imitação de algo que é real. Como disse Agostinho: ‘Nossos corações foram feitos para ti, ó Deus, e inquietos estão até encontrarem descanso em ti.’
6. Experiência. Creio porque experimentei que Deus é bom. Inegavelmente, podemos ser iludidos em nossa experiência (eis o porquê de precisarmos refletir). E podemos estar errados em nosso conhecimento. Mas seria uma estranha espécie de pessoa a que não leva em conta suas experiências como parte do pacote todo. Não muito tempo depois que me tornei cristão estive visitando uma casa ‘hippie’ onde, em meio a toda a música e parafernália de drogas havia um pôster colado à parede. Suas palavras permaneceram comigo desde então: ‘Tudo que vejo ensina-me a confiar no Criador por tudo que não vejo.’ Certo — a oração respondida, aquele senso da presença de Deus e aquele gozo na adoração podem ser de todo ilusórios. Entretanto, tudo isso pode também ser real.
7. História. Repetindo, à medida que continuei a ler e estudar história, ela me alargou os horizontes, habilitando-me a ver, nas palavras do velho clichê, que é a ‘Sua História.’ A história da humanidade faz muitíssimo mais sentido quando é colocada no contexto da história de Deus.
8. A Igreja. Mencionei antes que há coisas na Igreja que mais do que tudo o mais levaram-me a duvidar. Quando se vê cristãos se comportando de um jeito que envergonharia satanistas, quando se vê pregadores sendo pomposos, hipócritas, apropriadores de dinheiro de glória, é pois o bastante para você afastar o cristianismo da vida. Mas vi também o outro lado. Vi as mais belas pessoas (algumas das quais tinham sido francamente feias antes de sua conversão) portarem-se das formas mais maravilhosas e inexplicáveis. Inexplicáveis, isto é, a não ser pela graça e pelo amor de Deus. A Igreja, em seu melhor, é gloriosa, bela e uma das melhores razões para se crer.
9. A Bíblia. Já mencionei problemas que tive e ocasionalmente ainda tenho. Mas posso verdadeiramente dizer isto — que todo ano leio toda ela ao menos uma vez, que todo dia tento lê-la e toda semana estudo-a para a proclamar. Ela é uma fonte de desafio, conforto, verdade e renovação. Não tenho dúvida nenhuma de que Deus me fala através dela (e não quero dizer o tipo de confusa ignorância do contexto ou interpretações mais esotéricas). Na verdade, tenho tanta certeza disso, experimentando-a continuamente, que tenho muito pouco tempo para cristãos que estão sempre procurando por ‘palavras extras’ — como se a Bíblia não fosse suficiente. Para mim, a excitação ainda está aí.
10. Jesus. Suponho que qualquer uma das nove razões acima não seria o bastante por si próprias — mesmo achando que o efeito cumulativo delas seja irresistível.

Mas este é a cobertura do bolo. Não, na verdade... este é o bolo. Jesus é a razão porque creio e continuarei a crer. ‘Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos. É ele o resplendor de sua glória e a expressão de sua substância; sustenta o universo com o poder de sua palavra’ (Hebreus 1.1-3, Bíblia de Jerusalém). Todas as coisas foram criadas por Cristo, e por Cristo. Nele todas as coisas mantêm-se coesas (Colossenses 1.17; Hebreus 1.3). É em Cristo que ‘todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento’ estão ocultos (Colossenses 2.3, ARA). Ouvimos sobre Jesus. Cremos nele. Recebemo-lo como Senhor. Continuamos a viver ‘arraigados nele, nele edificados, e apoiados na fé, como aprendestes, e transbordando em ações de graças’ (Colossenses 2.7, BJ). Somos alertados: ‘Tomai cuidado para que ninguém vos escravize por vãs especulações da ‘filosofia’, segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo Cristo’ (Colossenses 2.8, idem). Quereria eu realmente trocar Jesus Cristo pelo Gene Egoísta? Não, obrigado. ‘Pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e nele fostes levados à plenitude.’

Por que eu trocaria a plenitude de Jesus Cristo pela vacuidade de um universo e vida sem Deus? E por que deveria? A coisa maravilhosa acerca de Jesus Cristo é que não se pode herdá-lo, não pode ele ser comprado e não se pode ganhá-lo. Ele simplesmente vem como um dom gratuito a todos os que o quiserem receber. Deixo a você algumas palavras de um outro homem que teve a sua vida transformada por Jesus e oro para que você também veja, creia e seja mudado.

No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. Ele estava com Deus no princípio. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito. Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens. A luz brilha nas trevas, e as trevas não a derrotaram... Estava chegando ao mundo a verdadeira luz, que ilumina todos os homens. Aquele que é a Palavra estava no mundo, e o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram por descendência natural, nem pela vontade da carne nem pela vontade de algum homem, mas nasceram de Deus (João 1.1-5 e 9-13, NVI).

Se você desejar conhecer mais, apenas peça. Ore a Deus, busque a sua face e o seu perdão e ele jamais lhe dará às costas.

Este livro é parte de uma troca de idéias. Uma troca de idéias que é contínua. Não é apenas sobre conversar; é sobre verdade, vida, sentido, beleza, justiça e amor eterno. E Você. Participe.

Seu, etc.  
David



David Robertson  
St. Peter's Free Church  
4 St. Peter's Street  
Dundee  
DD1 4JJ  
Scotland, UK  
Escócia, Reino Unido

*Website:* [www.stpeters-dundee.org.uk](http://www.stpeters-dundee.org.uk)

(preparamos uma seção para discutir as questões levantadas nestas cartas)

Email: [david.robertson@freechurch.org](mailto:david.robertson@freechurch.org)